



SUSTENTABILIDADE

Geração de energia limpa ganha força na PB com o 'crédito verde'

Linhas de crédito especiais ajudam a popularizar o acesso a fontes renováveis. *Páginas 17 e 18*

Foto: Pixabay



De volta ao arrasta-pé e às tradições juninas

Depois de dois anos sem grandes eventos, o paraibano volta a comemorar o São João, a mais popular das festas do Nordeste. *Página 5*



Foto: Roberto Cuedes

Novas ameaças invisíveis e uma velha aliada: a máscara

Em meio a uma possível quarta onda de Covid-19 e o surto de varíola dos macacos, médico sanitário Daniel Beltrammi volta a defender o uso da proteção.

Páginas 3 e 4

Por dentro da LDO, a base do orçamento e da gestão pública

Entenda como a Lei de Diretrizes Orçamentárias interfere na vida da população e define a aplicação dos recursos públicos.

Página 13



Pensar

A prática da interpretação ocupa todos os aspectos da vida humana, da escrita e leitura às relações amorosas, familiares, comerciais e sociais.

Páginas 29 a 32

■ “O que está acontecendo em nosso país? Perdemos a noção de civilidade e voltamos à era da barbárie? E o pior, há quem encare tudo isso de forma debochada”.

Rui Leitão

Página 2

■ “(Alaide Costa) nunca esteve no frontispício da galeria dos mais celebrados bossa-novistas, mas, nem por isso, sua circulação por esse cenário foi de menor importância”.

Professor Francelino Soares

Página 27

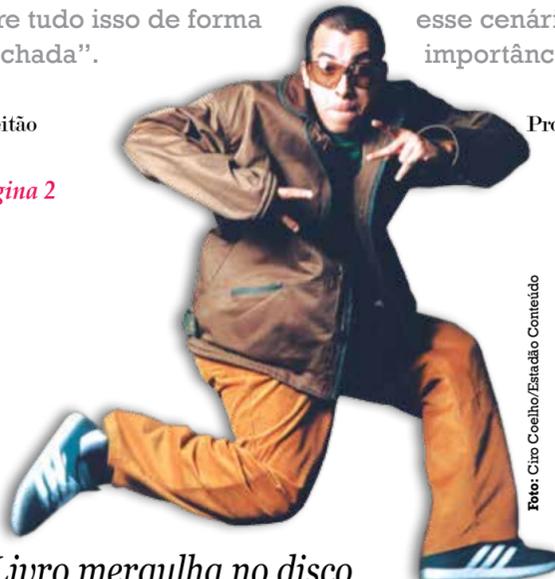


Foto: Ciro Coelho/Estação Conteúdo

Livro mergulha no disco 'Da lama ao caos'

Álbum marcou a estreia discográfica de Chico Science (foto) & Nação Zumbi.

Página 9

Quem são os antigomobilistas

Paixão por automóveis ultrapassa épocas e classes sociais e agrega pessoas que nutrem um sentimento por veículos cujos modelos não são mais fabricados.

Página 25



Muhammad Hamim e a herança que vem do ringue

Filho do paraibano Mesquita é, atualmente, um dos maiores boxeadores do Brasil.

Página 21



Foto: Ornilo Antônio

Editorial

Mantra urbano

Não fossem os perigos representados pela inadequação das vias urbanas ao número de automóveis, muitas pessoas, no Brasil, motivadas, por exemplo, pelos engarrafamentos e os constantes aumentos nos preços dos combustíveis, já teriam abandonado o carro, preferindo migrar para o táxi ou os chamados transportes alternativos, como a bicicleta. “É chato dirigir hoje em dia”, a reclamação transformou-se em uma espécie de mantra.

Para quem dirige carros e motocicletas, o trânsito brasileiro é perigoso e estressante. As cenas que antes se via apenas nas metrópoles, principalmente São Paulo – quilométricas filas de automóveis, provocadas, entre outros motivos, por acidentes e inundações –, reproduzem-se agora, descontando-se as proporções, em praticamente todas as cidades. São muitos os que saem mortos, feridos ou aborrecidos, todos os dias, do trânsito.

Na cidade de João Pessoa, é fácil encontrar, hoje em dia, pessoas que confessam preferir pegar um táxi tradicional ou solicitar os serviços do Uber, do que usar o automóvel particular, na hora de ir a determinados lugares. Acontece, às vezes, do motorista contratado conhecer melhor as rotas de ida e volta do que o solicitante. Este último, tem o ganho adicional de não preocupar-se com estacionamento, operação muitas vezes complicada.

A melhoria do trânsito depende de uma gama de fatores que incluem, por exemplo, manutenção e modernização da infraestrutura viária, mudança de hábitos, fiscalização ostensiva e maior conscientização das pessoas no que diz respeito a direitos e deveres, no trânsito. As campanhas educativas, para jovens, adultos e idosos, são importantíssimas, inclusive para desarmar os espíritos, em todos os sentidos, que andam muito exaltados.

A qualidade de vida nas cidades depende muito dos atributos do trânsito. O estresse coletivo tem nele uma de suas fontes. Pessoas precisam entender que carro não é arma nem credencia ninguém a ser melhor que outro. Seu valor maior é diminuir as distâncias, conferindo velocidade, conforto e segurança ao usuário. Com bom senso, muitos problemas seriam contornados, mas discernimento é exatamente o item em falta.

Artigo

Sitônio Pinto
sitonipinto@gmail.com | Colaborador

A gramática perdida

Foram precisos cem anos para a sorte da Guerra do Sertão se definir pelo invasor

Os índios brasileiros deveriam estar recebendo royalties pelo espaço ocupado desde a colonização pelo invasor peruano. Não só pelo espaço, mas ainda por todas as riquezas que esse espaço continha e conteria: as terras férteis, os minerais, as hidrelétricas, o sol que banha os oito milhões e quinhentos mil quilômetros quadrados, redondos.

Acrescente-se a isso os danos morais que essa gente sofreu e sofre com a ocupação arrogante e prepotente do colonizador branco. E, ainda por cima, muitas vezes ilegal, quando impetradas por grileiros violentos. Uma vez os capangas do cara-pálida invadiram outra vez o espaço sagrado dos índios, tocaram fogo na sua oca, capturaram uma cunhantã e amarraram a menina de ponta cabeça num caibro, nua. Logo um facão foi brandido para cortar a menina em duas bandas, diante do apelo de um invasor menos bárbaro, de que a menina podia ter serventia pelos menos para buscar água, no rio que corria ali perto e que ainda não fora represado.

Pior que represado é o rio poluído, com suas águas outrora livres e puras hoje contaminadas pelo mercúrio da ambição, lavado, lavado e levado na bateia da ambição. O mercúrio descerá até o lençol freático, poluindo não só a superfície, mas as águas subterrâneas. Não há onde se esconder da fúria depredadora do homem branco, dito civilizado.

Ainda anteontem, o cara-pálida cacique das tribos brancas que fazem esta Pindorama assinou um expediente que legaliza a invasão contínua do território indígena, legalizando a exploração mineral nas terras dos índios. E agora, José? Razão tinha o cacique Janduhy, do povo tarairiú, quando inaugurou a Guerra dos Bárbaros no Nordeste Ocidental Brasileiro. O conflito durou cem anos, e só acabou quando tombou o último tarairiú. Pena que mais não tenha.

Um antropólogo disse-me que eu era um deles, sobrevivente da sanha assassina. A começar dos pés, sempre de sandálias, como aqueles bravos guerreiros, celebrantes da antropofagia ritual, mais exatamente do endocanibalismo – para guardar, dentro de si, o espírito do ente querido como desejaria aquele pai que esbravejou, no Rio de Janeiro, denunciando o fuzilamento da filha de onze

anos pela pulção do Rio de Janeiro.

Quem foi o antropólogo? Foi Barbosa Borges, irmão de Celene. Borges foi a maior autoridade no mundo em antropologia dos tarairiú. É dele a única gramática tarairiú, ainda inédita. E póstuma. Eu sei onde os originais devem estar, no meio da desordem da sua biblioteca que vi crescer, desde menino. Ela está escrita nas duas línguas envolvidas: tarairiú e português (língua de peruano).

O chefe Janduhy, rei incontestado, de dezenas de nações semeadas Nordeste adentro, foi quem primeiro teve a antevisão desastrosa do que seria a invasão do Brasil pelo peruano. E conclamou seu povo para a luta encarniçada e desigual, com os índios lutando com flechas contra o conquistador equipado com arcabuzes. Mesmo assim, foram precisos cem anos para a sorte da Guerra do Sertão se definir pelo invasor-colonizador.

Os índios estão se suicidando, matando a pessoa errada. Quem deveria tomar lugar na iguaba era o colonizador hoje mineador cara-pálida que, depois de empalmar com mão-de-gato o chão da superfície, revolve as margens dos rios em busca de metais e de pedras preciosas. Até quando a invasão permanecerá e continuará?

“

O mercúrio descerá até o lençol freático, poluindo não só a superfície, mas as águas subterrâneas

Sitônio Pinto

Foto Legenda

Ortilo Antônio



O artista não cansa!

Artigo

Rui Leitão
rleitao@hotmail.com | Colaborador

Voltamos à era da barbárie?

Não faz muito tempo, assistimos, horrorizados, um cidadão ser executado numa câmara de gás por autoridades policiais. Homens são mortos nas favelas do Rio e de São Paulo, vítimas de operações da polícia. Agora fomos impactados com a notícia do assassinato e esquartejamento de um indigenista e de um jornalista estrangeiro, por terem se dedicado à defesa da Amazônia e dos índios. O que está acontecendo em nosso país? Perdemos a noção de civilidade e voltamos à era da barbárie?

E o pior, há quem encare tudo isso de forma debochada, numa explícita manifestação de sadismo e de crueldade. Verifica-se um processo de desumanização que assusta. Torturadores são homenageados pela maior autoridade do país. Deflagra-se uma campanha armamentista, insuflando a guerra civil.

Quando e como acordaremos desse pesadelo? Ao imaginarmos que chegamos ao fundo poço, novos acontecimentos de brutalidade nos advertem de que ele não tem fim. Parte da nossa sociedade está contaminada por um instinto primitivo que banaliza a morte, numa impiedosa ausência de compaixão mínima com a dor alheia. O Brasil alcançando a regressão civilizatória. Estamos numa terra sem lei, onde tudo pode com a aquiescência dos poderosos de plantão? Como permitimos ver nosso país ser arrastado para tão baixo?

Já passou do tempo em que se faz necessário dar um basta nisso tudo. O mais preocupante é que já não mais nos surpreendemos com esse festival de incivilidades praticadas com carimbo oficial do governo. Virou “coisa normal”.

Somos diariamente ameaçados de uma recaída autoritária. O golpismo é defendido

“

Não devemos ter medo da política, devemos, sim, reagir à política do medo

Rui Leitão

sem o menor constrangimento. É um momento crucial da nossa História. Como se não bastassem esses atos frequentes de selvageria e de ataques à Constituição e à democracia, o desemprego e a fome se integraram na vida de milhões de brasileiros. Instala-se a política do medo patrocinada pelo Estado, explorando nossos temores. Compactuar com essa situação é atitude impatriótica de covardia. A esperança precisa vencer o medo. Novamente.

Não devemos ter medo da política, devemos, sim, reagir à política do medo. Perdemos a liberdade quando agimos por medo. Então nos restam duas alternativas: ter medo ou ter coragem. O medo não pode fazer com que abduquemos de uma ação libertadora. Façamos valer o direito à resistência. Coloquemos um fim nessa era da barbárie.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferrelha
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

Daniel Beltrammi, médico sanitário

“Máscara é a arma contra a ameaça dos micro-organismos”



Vírus antigos e novos atacam cada vez mais os seres humanos, gerando situação de constante alerta na saúde pública

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Surto da varíola dos macacos em vários países, quarta onda de Covid-19 no Brasil, aumento significativo do número de casos de arboviroses em vários estados brasileiros. Afinal, o que está acontecendo com o planeta? Vírus antigos e novos estão atacando cada vez mais os seres humanos, gerando uma situação de constante alerta no sistema de saúde pública. Como se não bastassem esses mais de dois anos de pandemia, com os médicos e cientistas travando uma verdadeira batalha para livrar os pacientes desse micro-organismo letal, o novo coronavírus, com suas variantes e sub-variantes vem evoluindo. Agora, o inimigo invisível, sobretudo com o advento da vacina, geralmente não traz quadros graves, mas se dissemina de forma mais ágil. É a tentativa do vírus de se perpetuar no hospedeiro de forma estratégica. E o que dizer do monkeypox? Descoberto há décadas, ele volta com força, fazendo vítimas em quase 30 países. O médico sanitário e mestre em Gestão de Tecnologias e Inovação em Saúde pelo Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa, Daniel Beltrammi, fala sobre os novos desafios sanitários e alerta que a população pode usar uma simples e conhecida arma contra esses micro-organismos: as máscaras. Ex-secretário executivo de Gestão da Rede de Unidades de Saúde da Paraíba e atual diretor-superintendente da Fundação Paraibana de Gestão em Saúde (PB-SAÚDE), ele conhece o papel de gestores, profissionais de saúde e da comunidade na caminhada rumo a uma sociedade mais saudável. Confira a entrevista.

A entrevista

■ *A varíola dos macacos, causada pelo monkeypox vírus, já se tornou um surto em alguns países. No Brasil já há casos registrados. Há como evitar que ela se torne um surto também entre os brasileiros?*

O mundo enfrenta um novo desafio sanitário que é a varíola dos macacos, ou varíola símia do vírus monkeypox. Essa é uma doença infectocontagiosa como tantas outras, mas muito menos contagiosa do que enfermidades como o sarampo e a Covid-19. Uma vez que nós a conheçamos, temos muito mais chances de nos proteger. Por isso, é tão importante saber que essa doença, que é uma doença de contato pessoa a pessoa, depende muito do contato físico. Foi o contato intenso e próximo que transmitiu a maioria dos casos. Objetos contaminados como roupas de cama, de uso pessoal, também podem servir de veículo. A menor chance de propagação está na transmissão aérea, mesmo assim, as medidas de prevenção continuam sendo o uso de máscaras e a lavagem constante de mãos, além do isolamento das pessoas que estejam com a doença.

■ *Quais os principais sintomas, formas de contágio e preocupações em torno da varíola dos macacos?*

Sete dias após os primeiros contatos, surgem os primeiros sintomas que é um mal-estar geral, dor no corpo, podendo ser registrada febre. A partir daí, uns três a cinco dias depois do mal-estar, começam a aparecer as lesões na pele: nódulos que coçam, depois viram feridas e formam cascas. Eles começam principalmente na face, depois vão se concentrar nas mãos e pés e se espalham por todo o corpo. São mais doloridos quando atingem mucosas genitais, próximos da mucosa da boca e dos olhos. A transmissão termina

■ São as vacinas que impedem o vírus de provocar quadros graves de hiperinflamação, lesão de pulmões, dificuldade de coagulação, lesão do cérebro e outros órgãos

número importante de pessoas. Muito possivelmente, esse momento atual do planeta, com alta carga de doenças infectocontagiosas, em especial a Covid-19, faz com que o sistema imunológico de todos nós esteja extremamente sobrecarregado, lutando contra um organismo ainda desconhecido, que é o novo coronavírus e as suas mutações. Isso, sem dúvida nenhuma, sobrecarrega as nossas capacidades de defesa. E faz com que outros micro-organismos, até de maneira oportunista, possam ocupar essas janelas, esses espaços de imunidade, uma vez que a imensa maioria do planeta tem feito contato frequente com o novo coronavírus. Essa é uma hipótese que não podemos descartar. Uma outra hipótese importante é que, com a erradicação da varíola humana, no início da década de 70, na imensa maioria do mundo, a proporção de pessoas vacinadas para o vírus da varíola e seus congêneres, ou vírus parecidos, também seja muito menor

em todo o planeta, deixando que todos nós sejamos mais suscetíveis.

■ *Essa varíola pode matar?*

Como qualquer doença contagiosa, a varíola causada pelo monkeypox pode fazer quadros moderados e graves, mas isso não é regra e sim exceção, e vai acontecer preferencialmente em pessoas que tenham outras fragilidades ou vulnerabilidades, em especial problemas de imunidade, quando a doença pode fazer, sim, casos graves, tanto nos pulmões, quanto nos cérebros, devido às pneumonias virais e encefalites. Mas, essas manifestações são bastante raras.

■ *Vamos falar de pandemia. Depois de uma trégua no número de casos, o Brasil vive uma nova onda de Covid-19. A que se atribui essa alta?*

Chegamos ao período de inverno no Hemisfério Sul. Especialmente no Brasil, temos observado uma estação extremamente chuvosa no Nordeste. No Sul, Sudeste e Centro-Oeste, uma estação fria. Isso faz com que haja maior aglomeração de pessoas. Com a redução das proteções, especialmente o uso contínuo de máscara, estamos muito mais expostos. Além disso, apenas cerca da metade das pessoas com 50 anos ou mais se apresentaram para as doses de reforço da vacina. A retomada das atividades escolares de crianças e de adolescentes, e a baixa adesão ao uso de máscara dentro das salas de aula são fatores importantes para fazer com que o novo coronavírus circule com imensa força. Logo, vamos ver um conjunto importante de novos casos, ainda bem que predominando sintomas leves, por causa da cobertura vacinal de esquemas completos. A Paraíba é o quinto estado da Federação com maior cobertura de primeiros

esquemas, ou esquemas primários de dose única ou duas doses. E isso nos ajuda a atravessar esse momento, mas não é suficiente. Já podemos fazer reforço em adolescentes de 12 a 17 anos. Isso é absolutamente fundamental, porque eles ajudam muito o vírus a circular, e também devemos fazer reforço nas pessoas com 50 anos ou mais. O uso de máscara em ambientes fechados, com circulação de ar artificial, vai nos ajudar a frear esse crescimento de casos nos meses de junho e julho, buscando proteger especialmente as pessoas mais vulneráveis.

■ *Qual a variante predominante nessa nova onda?*

Sem dúvida nenhuma, nesse instante, predomina a variante Ômicron do novo coronavírus, e as suas sub-variantes: BA.1; BA.2, BA.3, BA.4. Todas elas fazendo uma espécie de especialização, ou seja, ser cada vez mais capaz de infectar as pessoas, em um intervalo de tempo mais curto, com cada vez menor quantidade de vidas. Então, precisa-se de muito menos contato com a outra pessoa para ser infectado, e cada vez mais, desenvolvendo quadros leves ou então não desenvolvendo quadro algum. Há muitos transmissores da doença que não têm sintoma nenhum, mas tem o vírus se multiplicando nas vias aéreas e em outras partes do corpo. Por isso, é tão importante que em ambientes fechados, onde há maior risco de transmissão, possamos ter pessoas utilizando máscaras, especialmente quando esses ambientes estão excessivamente ocupados por pessoas.

■ *Os novos casos de Covid podem ter impacto significativo no número de mortes?*

À medida que o novo coronavírus muda, ele se especializa. Se especializa para manter seu hospedeiro saudável, no sentido de estar vivo para que ele possa ser veículo de transmissão do vírus de uma pessoa para outra. Mas, não podemos nos esquecer que temos pessoas vulneráveis, idosos frágeis, restritos à cama, que não se mobilizam, que têm dificuldade para se alimentar, que têm dificuldade para respirar. Há outras pessoas portadoras de doenças de imunidade, doenças crônicas e não transmissíveis como a pressão alta e diabetes de difícil controle, ou que fazem terapia renal substitutiva, ou que têm diagnóstico ou fazem tratamento de câncer. Essas pessoas, relativamente, podem sofrer mais. O número bruto de vidas perdidas possivelmente não será fortemente impactado, mas não podemos menosprezar a importância de se proteger a vida dos mais vulneráveis, que podem sofrer ao terem contato com a variante Ômicron.



Uso de máscaras, que havia sido flexibilizado, está sendo retomado por alguns órgãos e instituições na Paraíba

Continua na página 4

Foto: Marcus Antonius/Arquivo A União

Continuação da página 3

■ Doenças como a zika e a chikungunya são preocupantes. A chikungunya faz, no início, quadros muito parecidos com o da dengue, mas depois pode deixar um quadro de dor extremamente prolongado nas articulações

■ Qual a importância da vacinação completa nesse contexto da Covid?

Nós sabemos que não há nada mais efetivo para a proteção de vidas humanas no contexto da pandemia da Covid-19 do que o uso de máscaras e vacinas. São as vacinas que impedem que o vírus faça aqueles quadros graves de hiperinflamação, de lesão de pulmões, de dificuldade de coagulação, de lesão do cérebro e de outros órgãos. As vacinas são o único caminho para que a gente não volte a enxergar dias difíceis como aqueles que nós passamos. São elas que vão nos levar na direção de colocar o novo coronavírus sob controle. Então, não temos tempo a perder. Uma vez que os esquemas iniciais de uma dose Jansen, ou de duas doses CoronaVac, Pfizer e AstraZenica estejam completos, 120 dias depois tenho de fazer reforço para as pessoas de 50 anos ou mais, e adolescentes. E 120 dias depois tem mais reforço para as pessoas com 50 anos ou mais. E assim, vamos caminhando ao longo dos anos. Lembrando que a pandemia tem uma previsão de um ciclo de cinco anos, mas nós vamos caminhando para cada vez mais colocar o novo coronavírus sob controle.

■ Com a liberação do uso obrigatório das máscaras e o retorno das atividades presenciais e eventos, quais os cuidados que a população não deve esquecer para evitar o maior contágio de Covid-19?

Eu tenho chamado a atenção de que nos momentos atuais em que vivemos, é muito importante que nós possamos usar tudo que nós aprendemos. Então, locais onde temos aglomerações de pessoas como ônibus, alternativos, aeronaves, ou outras modalidades de transporte; ambientes fechados com ar condicionado que reúnam pessoas em atividades de eventos corporativos, empresariais, de lazer, shows, até mesmo bares e restaurantes, se for ambiente fechado, o ideal é que enquanto você não esteja se alimentando ou bebendo, você possa utilizar máscara como uma medida de proteção especial. Isso é importante nesse momento, quando o vírus está circulando ainda com tanta força. Essa medida, é ainda fundamental para que a gente possa aprender a lidar com o vírus em diferentes momentos do ano. Nos ambientes ao lar livre, em uma caminhada, na praia, em um parque, estádio, certamente você está mais seguro, mas é sempre importante a gente entender que eu tenho boas ferramentas como as máscaras. Leve sempre uma máscara com você, e utilize no momento em que perceber que naquele instante você poderá não estar seguro, com alto risco de contrair a Covid-19.

■ Esse ano também foi registrado mais de 110% de aumento no número de casos de dengue no país. Na Paraíba também houve alta. A que se atribuiu esse estatística?

Para além de tudo - varíola dos macacos e Covid-19, nós estamos tendo uma explosão de casos de arboviroses: dengue, chikungunya e zika vírus. É muito preocupante. Há cada quatro anos, nós temos momentos de aceleração de casos, mas na região Nordeste o momento é muito preocupante por causa da densidade de chuvas enorme enfrentadas ao longo do mês de maio e início de junho em estados como

Pernambuco, Rio Grande do Norte e aqui na Paraíba. A chuva favorece a água parada acumulada e o mosquito precisa disso. Tampinhas, garrafas, pneus, vasos, qualquer recipiente, você precisa vigiar, policiar a sua casa, o seu quintal, o seu terreno baldio, sua região de piscina, os seus ralos. É preciso estar preparado para não deixar o mosquito, que é o transmissor desse vírus, fazer o que ele gosta de fazer, que é se multiplicar e poder carregar o vírus da dengue, da chikungunya e da zika até você. Nesse momento de alta de casos é a prevenção que vai nos ajudar a evitar o crescimento de casos, debilitando as pessoas, por serem casos de doença febril, de mal-estar, e, no caso da chikungunya, de dores pelo corpo por tempo prolongado. Na zika, há o grave risco da microcefalia, da má-formação do sistema nervoso central, quando as gestantes adquirem a doença enquanto estão concebendo os seus bebês. Por isso, mais do que nunca, prevenção é a palavra a ser adotada.

■ Diante de tantas outras doenças presentes no país, a exemplo da própria Covid, devemos estar em alerta também sobre a dengue, não desprezando o impacto de seus efeitos na saúde humana? Por quê?

Não há dúvida. A dengue, a chikungunya e a zika não devem ser menosprezadas, até porque fazem sintomas que são comuns a outras doenças. Pessoas que pegam dengue de vírus diferentes, têm risco de fazer o quadro de dengue hemorrágico, surgindo as manchas pelo corpo, depois um mal-estar extremo, e um quadro que pode levar à morte. Então, é grave. Nós não podemos menosprezar essas doenças porque fazem todo o nosso povo sofrer. Então, chamamos muito a atenção de todos os bairros de João Pessoa, e de todas as cidades da Paraíba, sobre a importância da gente evitar que o mosquito se prolifere. Não se esqueça, chovendo demais, é tudo o que o mosquito precisa.

■ Quais as maiores preocupações com relação a essa alta dos registros de zika e chikungunya?

Doenças como zika vírus e chikungunya são extremamente preocupantes. A chikungunya faz no início quadros muito parecidos com o da dengue, mas depois, pode deixar um quadro de dor extremamente prolongado nas articulações, doendo braços, pernas e costas. É muito importante que a gente possa se prevenir. O zika vírus também pode fazer, no início, quadros parecidos com o da dengue mas, depois, traz quadros de manchas pela pele, dores que também vão durar tempos depois. A maior preocupação é com as gestantes. Elas precisam estar ao longo de todo o dia usando repelentes para evitar ter contato com os mosquitos. É um cuidado muito importante, especialmente nesse momento. Aplicar o repelente de manhã, no meio do dia e final da tarde e começo da noite. Lembrando que no começo da manhã, no final da tarde e no início da noite são quando os mosquitos estão mais ávidos, ou mais preparados para fazerem as picadas onde vão se alimentar de nosso sangue.

■ Qual a participação da gestão pública e também da sociedade no combate a essas arboviroses?

Nós, do Sistema Único de Saúde, seguimos por meio do serviço de vigilância monitorando todos os casos, encontrando as regiões onde os registros crescem demais e de forma rápida demais. Isso ajuda a fazer com que as equipes de atenção primária, agentes de controle de endemia, nos ajude a visitar casa a casa. Pedimos a você, por favor, abra as portas para os nossos agentes de controle de endemias para eles ajudarem você a evitar que tenham focos de mosquito dentro da sua casa, ou ao longo da vizinhança. Trabalhe você também, seja vigilante. Não deixe que focos do mosquito surjam em terrenos baldios, casas abandonadas e ao longo de outros focos pela rua. Isso pode nos ajudar muito. Outras medidas vão sendo feitas, como o controle do mosquito a exemplo do fumacê, a aplicação de veneno para mosquito, em algumas galerias e também ralos, ao longo da visita nos domicílios.

■ O que está acontecendo com o planeta?



Foto: Roberto Guedes

“

Faço um apelo à população para que abram portas para os nossos agentes de controle de endemias. Temos que combater os focos

Daniel Beltrami

A disseminação de novos e até antigos vírus estão atingindo cada vez mais a vida da população de vários países. Por quê? Há algum desequilíbrio nesse controle? Comente.

De fato, o planeta parece responder a um estímulo que nós não tínhamos conhecido antes, de tamanha intensidade. As maiores análises realizadas até hoje dão conta de que os impactos da humanidade degradando o planeta - todos os biomas vegetais, as florestas, a Mata Atlântica, a Floresta Equatorial Amazônica, a estrutura de florestas do Cerrado, e também as alterações do clima com poluição, com o envio de gases estufa para a atmosfera - têm mudado as condições de vida no planeta, e infelizmente têm feito com que os seres humanos tenham tido contato com vida microscópica, de vírus e outros organismos, com maior frequência do que antes. Vide o que acontece na pandemia. Muito possivelmente, o novo coronavírus tenha vindo de um ambiente natural, onde o vírus selvagem acaba atravessando outros organismos menos complexos do que o ser humano e tenha chegado ao homem direto, como vírus selvagem, seletamente, por causa de uma interação entre ser humano e ambiente silvestre, que não aconteceria se as medidas de prevenção e preservação do meio ambiente estivessem acontecendo com maior intensidade.

■ Então, algumas doenças têm relação com a degradação do meio ambiente?

É essa ação predatória do homem sobre o meio ambiente que tem feito com que a gente tenha contato com outras formas de vida microscópicas, especialmente vírus acelerando o momento em que nos encontraríamos com ele, antes mesmo deles passarem pelo ciclo evolutivo e chegarem até nós de outras formas. Por isso, mais do que nunca, saúde é uma questão de soberania nacional, mas a proteção do meio ambiente também é absolutamente decisivo e fundamental. É a ação do homem protegendo o meio ambiente, que também pode ajudar com que nós sejamos mais saudáveis.

UN Informe
Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

“ERA SÓ UM JOGO DE TEATRO PARA DE UM LADO, AO REDUZIR O ICMS, AMPLIAR A EXPECTATIVA DE LUCRO



Foto: Geraldo Magela/Agência Senado

Os governadores projetam ingressar na Justiça contra o projeto aprovado pelo Senado e pela Câmara dos Deputados que limita a 17% a alíquota do ICMS sobre os combustíveis, confirmou o governador João Azevêdo (PSB) – a medida só será adotada após a nova lei ser sancionada pelo presidente Jair Bolsonaro (PL). Para os gestores estaduais, a proposta irá provocar grande impacto nos investimentos dos estados em áreas essenciais, entre as quais a saúde e a educação. O governador projeta que a Paraíba perderá receita da ordem de R\$ 1,4 bilhão. “Pelo menos para o Consórcio Nordeste, a compreensão é de que nós não teremos outras alternativas a não ser essa”, disse. Já o ex-governador do Piauí, Wellington Dias (foto, do PT), criticou o novo aumento anunciado pela Petrobras: “Era tudo mentira. Claro como um céu de verão. Infelizmente, o poder central não está nem aí para o preço dos combustíveis, para a inflação, para o problema do povo. Infelizmente, era só um jogo de teatro para de um lado, ao reduzir o ICMS, ampliar a expectativa de lucro na Eletrobras e na Petrobras”.

“INFELIZMENTE, VAI PROSSEGUIR”

Wellington Dias argumenta que, mesmo com a redução do ICMS, o preço dos combustíveis continuará a subir: “O conselho da Petrobras já aprovou aumento no preço dos combustíveis e isso infelizmente vai prosseguir. Por que? Porque o risco do Brasil está elevado, juros elevados, a inflação cresce, isso impacta em mais elevação, na valorização do dólar, que impacta os preços internacionais”.

“NÃO FAÇO POLÍTICA CHANTAGEANDO”

Presidente do Republicanos, o deputado federal Hugo Motta afirma que o partido se mantém firme no projeto de reeleição do governador João Azevêdo (PSB): “Não está no nosso planejamento romper com o governador. Isso não existe. Eu tenho lado e nós temos um compromisso público. A Paraíba nos conhece, sabe que não faço política chantageando”, disse.

QUEREM SABER OS CRITÉRIOS

Hugo Motta já fala que o Republicanos não fará imposição para indicar o pré-candidato a vice na majoritária, porém quer tomar conhecimento de quais serão os critérios para que essa escolha seja efetivada: “Nós queremos construir com o governador. Estamos aguardando, sem açonamento, certos de que estamos cumprindo um posicionamento correto e de que o partido precisa defender seus quadros”.

“ESTAMOS TODOS À DISPOSIÇÃO”

Após a desistência de Aginaldo Ribeiro (PP) de disputar a eleição para o Senado, o tema da vez dentro do seu partido é a indicação do vice-governador. Colocada na lista de possíveis nomes da legenda, a deputada Jane Panta disse que, além dela, outros cor-religionários estarão aptos a essa missão: “Estamos todos à disposição do partido”, afirmou, citando os nomes de Mersinho Lucena e Lucas Ribeiro”.

AGENDA AO LADO DO GOVERNADOR

A propósito de Lucas Ribeiro, considerado o mais cotado para ser indicado pelo PP como pré-candidato a vice, ele já está participando de agendas ao lado do governador João Azevêdo. Esteve com o gestor estadual na entrega de obras em municípios do Brejo paraibano, a citar Borborema, Solânea e Areia. O vice-prefeito de Campina Grande tem dito que “está à disposição do partido” para essa missão.

“A CHAPA DO GOVERNADOR É O MAIOR PALANQUE DE LULA”

Do presidente nacional do PSB, Carlos Siqueira, ressaltando que o grupo político do governador João Azevêdo é o mais qualificado para receber o ex-presidente Lula, durante a campanha eleitoral. “Estou convencido de que o governador João Azevêdo irá vencer a eleição. E a chapa do governador é o maior palanque de Lula na Paraíba, é o principal palanque dele”.

PERÍODO JUNINO

Festejos de tradições sacras e pagãs

Maior festa folclórica do Nordeste mescla fé e superstições seculares que resistem às mudanças sociais

Ítalo Arruda
Especial para A União

■ Tradicionais festejos juninos representam um momento de confraternização e partilha entre as pessoas

Depois de dois anos sem a comemoração dos festejos juninos em praças e vias públicas, as cores das bandeirolas e dos balões decorativos, bem como o som das sanfonas e a alegria das quadrilhas voltaram a dar vida e sentido à celebração da maior festa folclórica do Nordeste brasileiro. Além da fé e das superstições que permeiam a cultura junina – mesclando representações sacras e pagãs –, o São João é marcado por tradições que ultrapassam os séculos e resistem às mudanças sociais.

Uma delas é a confecção de fogueiras, uma prática secular que, apesar de ter origem pré-cristã e representar um elemento pagão, foi cristianizada e incorporada às celebrações em homenagem aos santos juninos no Brasil, especialmente a São João, cujo nascimento foi anunciado por sua mãe, Isabel, por meio do fogo. É o que afirma a doutora em Antropologia pela Université Victor Segalen Bordeaux 2, na França, e professora titular do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Luciana de Oliveira Chianca, que há mais de 30 anos tem se dedicado a estudar as festividades juninas.

Ela explica que esse processo ocorreu durante o período de colonização, quando as primeiras manifestações em comemoração ao santo católico ocorreram, e que, inicialmente, foi uma estratégia adotada pelos sacerdotes para atrair os indígenas para o catolicismo, visto que os nativos sempre tiveram uma ligação muito forte com o fogo. “Foi um esforço não só da colonização política, mas também da colonização religiosa. Então, a presença da chama, as danças e brincadeiras em torno da fogueira são os elementos mais antigos das tradições juninas, que perduram até hoje”, afirma Chianca.

Ainda segundo a pesquisadora, a principal característica das fogueiras no mês de junho é “a relação de apadrinhamento” que há entre um morador de determinada casa e o santo celebrado no ciclo junino. “Ou seja, se uma pessoa é afilhada de Santo Antônio, ela acenderá fogueira na véspera de Santo Antônio. Se for protegida de São João,

a fogueira será acesa na véspera de São João. E o mesmo se dá com São Pedro”.

Além do sentimento religioso e de devoção, a fogueira também tem como função aproximar as pessoas e proporcionar momentos de confraternização e partilha, acrescenta Luciana Chianca. Conforme explica a pesquisadora, estes festejos são comemorados tanto pela perspectiva religiosa quanto pela programação laica e intercultural, como as quermesses e festas de ruas – que não remetem diretamente ao santo, mas ao prazer de festejar em família ou entre amigos, de compartilhar comidas e promover a sociabilidade e a vivência da cultura junina.

“Isso vai dar origem a muitas coisas que, com o passar do tempo, foram introduzidas às tradições, a exemplo das adivinhações e simpatias, do compadrio e das alianças afetivas e amorosas que se estabelecem nesse período”, frisa.

Fogueiras proibidas

Desde 2020, está em vigor a Lei estadual nº 11.711/2020 que proíbe acender fogueiras em espaços urbanos durante as festividades juninas na Paraíba. A medida foi adotada em decorrência da pandemia, com o objetivo de proteger as pessoas infectadas pela Covid-19 e evitar possíveis danos à saúde respiratória, provocados, sobretudo, pelo excesso de fumaça.

Além disso, a lei também prevê imposição de multas no valor de 10 Unidades Fiscais de Referência do Estado da Paraíba (UFR-PB) para quem descumprir a determinação. Em caso de reincidência, a multa será aplicada em dobro.

“

Foi um esforço não só da colonização política, mas também da colonização religiosa. Então, a presença da chama, as danças e brincadeiras em torno da fogueira são os elementos mais antigos das tradições juninas, que perduram até hoje

Luciana de Oliveira Chianca



Tradicional fogueira está proibida para proteger as pessoas infectadas pela Covid-19 e outras doenças respiratórias

Das origens das festas às mudanças da cultura popular



As quadrilhas são exemplos das mudanças ocorridas na festa com o passar do tempo

Não se sabe ao certo quando as primeiras manifestações em comemoração e homenagem a São João ocorreram no território paraibano. No entanto, segundo Luciana Chianca, especula-se que isso tenha acontecido por volta do século 16, com as primeiras colônias e os primeiros aldeamentos no estado.

“Não se tem uma data fechada com relação às primeiras manifestações. É provável que elas aconteçam desde o período colonial, no entanto, são apenas especulações. O que se sabe é que os jesuítas trouxeram algumas manifestações das tradições juninas e festividades a São João, como aquelas baseadas em fogueiras e brincadeiras em torno do fogo”, explica.

A professora ressalta que a festa de São João é considerada a segun-

da data mais importante do calendário católico, podendo, inclusive, ser equiparada ao Natal, pois, assim como Jesus, a celebração a João Batista se dá em virtude do seu nascimento e não da sua morte, como é o caso dos demais santos da Igreja Católica. “Além disso, também se trata de uma festa que junta as pessoas, as famílias, os amigos, a vizinhança e que coloca para fora o que a sociedade tem de melhor”, complementa.

Mudanças

Luciana também destaca que as festas e tradições juninas passam por um processo de reconfiguração no qual a própria sociedade regula as transformações e decide o que permanece e o que é deixado de lado, como o estilo incorporado às quadrilhas, os diferentes tipos mu-

sicais nos shows realizados nas cidades, além de outras práticas que dão novos formatos e novas características a tais festividades, como, por exemplo, o caso das quadrilhas.

“A gente precisa fazer adaptações se quiser continuar com a festa. A sociedade mudou, os hábitos mudaram e os festejos juninos também se urbanizaram. As pessoas tentam introduzir o novo, e a tradição também pode se renovar, se não ela vira anacrônica e perde o sentido”, avalia a pesquisadora, ao defender que essas transformações não apagam a tradição popular, uma vez que ela está ancorada no povo. “O que se deve ter cuidado é para que a tradição popular não seja sufocada. É preciso oferecer espaço para que ela continue se expressando e possibilitando novas experiências”.

SAÚDE

Recorrendo às terapias alternativas

Muitas são milenares e até ofertadas pelo SUS; 61,7% dos brasileiros buscaram práticas complementares na pandemia

Nalim Tavares
Especial para A União

■ Atualmente, as terapias alternativas são utilizadas de maneira integrada às práticas médicas convencionais

“A saúde não é um conceito abstrato. Define-se no contexto histórico de determinada sociedade e num dado momento de seu desenvolvimento”, é o que diz o Relatório Final da 8ª Conferência Nacional de Saúde, de 1986, que começou a moldar o Sistema Único de Saúde (SUS)

e defendeu a “introdução de práticas alternativas de assistência à saúde no âmbito dos serviços de saúde, possibilitando ao usuário o direito democrático de escolher a terapêutica preferida.” Logo no primeiro ano da pandemia de Covid-19, no período de 25 de agosto a 18 de dezembro de 2020, a Fundação Oswaldo Cruz, em parceria com a Faculdade de Medicina de Petrópolis, realizou uma pesquisa que apontou que 61,7% da população brasileira recorreu a alguma prática alternativa para cuidar da saúde.

As terapias alternativas são descritas como métodos de tratamento baseados em conhecimentos milenares, oriundos de diversas culturas. Os primeiros registros conhecidos de musicoterapia, por exemplo, estão em papíros egípcios, datados de 1500

a.C., encontrados pelo antropólogo francês Vlande Petkie no Século 19, e a fitoterapia, o estudo de plantas medicinais e suas aplicações na cura de doenças, já eram observadas pelos chineses por volta de 3000 a.C, quando o imperador Cho-Chin-Kei descreveu as propriedades do ginseng e da cânfora. Algumas dessas práticas surgiram de forma independente entre povos distintos, e foram sendo difundidas e aprimoradas através das gerações. Elas podem ser utilizadas para cuidar do indivíduo e também do físico. Hoje, essas terapias são utilizadas de forma integrada às práticas médicas convencionais, e por isso são chamadas de “práticas integrativas” ou “complementares”.

No SUS, essas terapias começaram a ser implementadas em 2006, através da Po-

lítica Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), segundo a qual cada município deveria desenvolver protocolos para instaurar as práticas que melhor atendessem as necessidades da sua população. Com o passar dos anos, essa política foi sendo ampliada e novas práticas começaram a ser oferecidas. Atualmente, 29 terapias alternativas são ofertadas pelo Sistema Unificado de Saúde. Uma delas é a aromaterapia, uma prática integrativa e complementar que utiliza óleos essenciais no cuidado com a saúde — método que pode ser chamado de aromaterapia clínica —, na promoção do bem estar — aromaterapia holística — ou em protocolos de beleza — aromaterapia estética.



Terapias alternativas começaram a ser usadas no SUS em 2006

Cada paciente deve ter um protocolo individualizado

Segundo a aromaterapeuta Suzy Araújo, “independente de qual seja o protocolo a ser utilizado, clínico, holístico ou estético, ele deve ser sempre individualizado, pois é importante considerar as questões singulares de cada pessoa.” Ela explica que o histórico clínico, as alergias, vivências anteriores nos ciclos da vida, questões emocionais e o tipo de pele ou cabelo, no caso de aplicação tópica, são fatores importantes que devem ser levados em conta durante todo o tratamento.

“Após realizar uma entrevista abordando todas as questões necessárias, a aromaterapeuta irá recomendar o óleo essencial ou a sinergia de óleos mais adequada para a pessoa, bem como a via de utilização, periodicidade e cuidados necessários.” Suzy também destaca a importância de procurar profissionais qualificados para cada tipo de aromaterapia: “Para trabalhar com aromaterapia clínica, por exemplo, o ideal é que a pessoa seja profissional de saúde ou tenha alguma formação básica, que garanta um entendimento sobre anatomo-

fisiologia e química dos óleos essenciais.”

Beatriz Muniz procurou uma aromaterapeuta durante a pandemia, seguindo uma recomendação do seu psicólogo. “Eu estava muito ansiosa, não conseguia dormir. Eu já tinha comentado com ele que gostava muito de estudar usando incensos, então ele apareceu com essa sugestão, e a aromaterapia de fato ajudou bastante”, conta ela.

“No meu caso, comecei a utilizar um óleo essencial durante o banho e outro via olfatória na hora de dormir. Eu borrifava o cheiro no travesseiro. Depois de uns dias, eu já me sentia mais relaxada. Comecei a dormir melhor e minhas dores de cabeça foram diminuindo”. Em meados do ano passado, Romênio de Holanda procurou um neurologista para tratar fortes dores de cabeça, que vinham acompanhadas de sensibilidade à luz.

Ele foi diagnosticado com enxaqueca, e relata que as dores pioraram durante a pandemia, quando ele decidiu procurar um médico. “A pandemia me deixou estressado, e o

médico me disse que todo o estresse contribuiu para piorar as minhas crises. Além das dores e da vista embaçada, comecei a ficar muito tonto, incapacitado mesmo.” Em associação com o tratamento medicamentoso, foi recomendado que ele procurasse também um acupunturista.

Depois de uma consulta com o profissional responsável pela técnica terapêutica, Romênio começou a fazer sessões de auriculoterapia, que consiste na aplicação de pequenas agulhas finas em pontos específicos das orelhas, ofertada pelo SUS. “Eu fui receoso, mas as dores da enxaqueca estavam me derrubando com força, então resolvi tentar. Fiquei mais calmo depois da primeira sessão e continuei seguindo com o tratamento determinado pelo acupunturista”, conta ele. “Desde que comecei a tratar, nunca mais fiquei de cama por causa da enxaqueca. Ainda tenho crises de vez em quando, mas não é como antes. É muito melhor agora, e os remédios ajudam também.”

De acordo com a profissional Rita Cavalcanti, que trabalha com

terapias integrativas e complementares para pacientes oncológicos, todo profissional da área precisa ter a sensibilidade de perceber qual dos métodos de tratamento alternativo, sozinhos ou em associação com outras práticas do tipo, pode trazer benefícios para o paciente, considerando todas as suas questões pessoais e conversando com ele. Segundo ela, “essas terapias vêm para complementar o que é uma conduta já estabelecida na terapia convencional, para qualquer segmento do problema de saúde que o paciente apresenta.”

Ela conta que, “quando a gente passa a conviver e dar assistência ao paciente, percebemos as terapias trazendo benefícios para ele, mas as terapias alternativas e complementares não assumem o lugar da terapia convencional, por isso é muito importante o contato entre os profissionais de saúde.”

Rita explica que existem algumas terapias que podem ser trabalhadas de forma individual, mas tudo depende da condição de saúde apresentada pelo paciente. “Se o paciente

só precisa relaxar, por exemplo, isso não necessariamente precisa estar associado a uma terapia convencional. Existem inúmeras terapias que podem ser utilizadas em espaços de SPA, bem-estar e hotéis.” No entanto, ela ressalta que, “o que o paciente não pode fazer é deixar de lado a terapia convencional, quando precisa dela, para procurar terapias alternativas.”

Aplicação

Existem algumas terapias que podem ser trabalhadas de forma individual, mas tudo depende da condição de saúde apresentada pelo paciente

Acompanhamento de profissional qualificado é fundamental

Logo após perceber o quanto a aromaterapia a ajudava a relaxar, Beatriz Muniz até pensou em começar a pesquisar as aplicações dos óleos essenciais e escolher alguns para se tratar por conta própria, mas falou sobre isso com o seu psicólogo primeiro. “Ele me disse que era arriscado, e que se existia um profissional específico para isso, é porque tinha um bom motivo. Me aconselhou a conversar com minha aromaterapeuta, e ela me explicou que escolher um óleo essencial envolve uma série de questões que vão além da aplicação dele.” Depois disso, Beatriz desistiu da ideia de se cuidar sem uma especialização.

Segundo a médica Ana Cabral, “o mal não está em procurar terapias alternativas. Se o paciente se sentir confortável e o profissional for qualificado, essas terapias integrativas, de fato, podem ajudar bastante na manutenção do bem-estar da pessoa.” No entanto, Ana explica que o acompanhamento médico é imprescindível: “Se o problema, vamos supor, for uma dor de estômago, você pode até ser encaminhado para uma terapia complementar que seja indicada para tratar o problema, e isso vai ajudar com as suas dores. Mas e o que causou as dores? Para tratar



Yoga é uma terapia indicada para ajudar a diminuir o estresse e a ansiedade

dessa doença de base, você precisa de acompanhamento médico.”

Ana conta que costuma indicar a acupuntura para alguns pacientes. “Quando eles sentem dores osteomusculares, eu entendo que isso pode ajudá-los a se sentir melhor, e costumo acompanhar de perto a redução das dores.”

Entretanto, a médica destaca que “conhecimento milenar não necessariamente quer dizer saudável. Mesmo que eu seja adepta a algumas terapias integrativas, não posso dizer que confio ou acredito em todas

elas.” Ana esclarece que, como não existe uma especialização que abranja todas as terapias alternativas, ela só conhece o que estuda, pratica e pesquisa, e não pode opinar acerca de cada uma das práticas, sem sentir que possui o devido conhecimento. Ela elucida: “Prevalece a responsabilidade médica, psicológica e a escolha do paciente, com o que está confortável ou não, se quer continuar ou não. Dessa forma, os tratamentos podem ser capazes de cumprir com o seu propósito: cuidar da saúde física e mental do paciente.”

Algumas terapias

Yoga - Pode ajudar a diminuir o estresse e a ansiedade, melhorar o sono, aliviar dores corporais, controlar a pressão e batimentos cardíacos e promover condicionamento físico. Os exercícios podem ser praticados por pessoas de todas as idades, desde que adaptados para as necessidades físicas de cada corpo;

Musicoterapia - A música atua no sistema límbico do cérebro, região responsável pelas emoções e pela afetividade. Através de canções, com letra ou instrumentais, essa prática pode contribuir para estimular a coordenação motora, o bom humor e aumentar a disposição. Também pode ajudar a suportar dores crônicas e auxiliar no tratamento de algumas doenças mentais;

Arteterapia - Como sugerido pelo nome, essa prática utiliza a arte com finalidades terapêuticas. Baseada no pretexto de que a arte revela o que há no interior do indivíduo, a arteterapia pode ajudar a expressar e comunicar sentimentos, melhorar a concentração e a memória, estimular a criatividade e promover o autoconhecimento;

Meditação - Técnica que procura acalmar a mente, a fim de conduzir o indivíduo a tranquilidade e paz interior. Pode auxiliar na redução do estresse, diminuição da insônia e aumento do foco e produtividade. Também pode ajudar no controle da pressão arterial e estimular o autoconhecimento. É especialmente procurada para cuidar da saúde mental e é possível realizá-la em qualquer lugar, sem a necessidade de aparelhos e material de apoio.

CAMPINA GRANDE TEM...

Lugares especiais para convivência

Praça da Bandeira e Calçada da Cardoso Vieira: pontos de encontro para conversas amenas e debates acalorados

Giovannia Brito
 gibritosilva@hotmail.com

Campina Grande tem locais que foram escolhidos naturalmente por seus habitantes para ser ponto de encontro ao ar livre para conversas, debates dos mais variados assuntos e pausas na correria do dia a dia. Nesses locais, costumeiramente, passam figuras folclóricas, personagens que fazem e acompanham a própria história da cidade. Desses pontos, espalhados pela Rainha da Borborema, estão alguns emblemáticos onde, diariamente, passam milhares de pessoas, como a Praça da Bandeira, Calçada da Cardoso Vieira, feiras, e outros que são tidos como essenciais para a boa vivência.

Um desses personagens é o professor Cícero Agra. Aliás, ele é se encaixa numa categoria acima dos figurantes dos locais pitorescos de Campina Grande. Conhecedor profundo da cidade, historiador e pesquisador, Cícero fala sobre esses locais com a autoridade de quem está quase que diariamente presente em suas esquinas. “Não tenho como finalizar minha semana sem passar pelo Calçada da Cardoso Vieira, no início da tarde do sábado, sentar, tomar minha cervejinha e

bater-papo com os conhecidos, que também adoram assinar o ponto por lá”, afirmou.

Sobre as feiras, ele é enfático ao afirmar da importância desses espaços para uma boa conversa e análise de assuntos diversos. “A Feira Central é ponto obrigatório pra mim e milhares de pessoas. Quando eu não tenho nada pra comprar lá, eu invento, procura alguma coisa que está faltando dentro de casa pra ter a desculpa de ir até lá pra ver a vida”, afirmou.

Mas um dos pontos preferidos do campinense é, de fato, o Calçada da Cardoso Vieira. O local, oficialmente, se chama Calçada Desportista Jimmy de Oliveira, em homenagem a um atleta da cidade. Mas esse nome acabou sendo esquecido pelo tempo, e, hoje, é conhecido como o Calçada da Cardoso Vieira (por ficar ao lado da rua que recebe esse nome).

Por lá, acontecem acalorados debates, que vão desde temas políticos, passando por assuntos religiosos, esportivos, sociais, culturais, policiais e até astrológicos. “Se você sentar ao lado de pelo menos três pessoas, no Calçada, vai ficar por dentro de algum assunto que está sendo discutido em Campina Grande, na Austrália ou em Xangai”, brincou o aposentado Carlos Félix Ribeiro. Aliás, o público da terceira idade é o principal frequentador do espaço, atraídos pelas sombras das árvores, bancos e os cafés das lanchonetes que o rodeiam, além da brisa convidativa.

O espaço também é ponto de comércio e, os comerciantes, testemunhas de fatos vivenciados por milhares de transeuntes que passam pelo local para uma boa conversa, uma parada de descanso dos afazeres, na área central da cidade. “O Calçada tem olhos pra tudo e abriga dores e alegrias. Estou aqui há 16 anos e já vi de tudo. O calçada não para, é sempre essa efervescência de debates, que começou nos anos 70, com a sua construção, e que nunca mais parou”, disse o aposentado e comerciante Walter Farias.

O jornalista Netário Xavier Barbosa começou a circular pelo espaço ainda criança, acompanhando o pai que tinha um comércio de cópia de

Um dos pontos preferidos do campinense é o calçada da Cardoso Vieira, onde acontecem acalorados debates

chaves no local. Suas memórias e vivências se confundem com o próprio espaço que, há anos, frequenta diariamente depois de ter assumido o ponto do pai. “Ele me contou muitas histórias que se passaram aqui e uma delas guardo até hoje na memória, foi quando o cantor Cauby Peixoto veio fazer uma apresentação na rádio Borborema, que funcionava em um prédio do Calçada”, lembrou. O auditório da rádio logo ficou tomado por fãs do artista, bem como o Calçada, onde outras centenas de pessoas se espremiavam em busca de um lugar que pudessem ficar pelo menos na porta da emissora. “Sensibilizado, Cauby pegou o microfone e foi pra sacada da rádio, passando a cantar para o público do Calçada que foi ao delírio. Esse sem dúvida é um fato marcante na história do local”, recordou.

Nesse templo, que abriga ‘especialistas’ de diversos conteúdos, não estaria de fora a rivalidade dos dois principais times de futebol do estado. Torcedores de Treze e Campinense frequentam o espaço diariamente, várias vezes ao dia, na tentativa de provar o quanto seus clubes são bons e com a promessa de que novos títulos estão por vir. “A rivalidade é muito acirrada por aqui. É tanto que a torcida do Treze ocupa um lado do Calçada e a do Campinense só debate seus assuntos do outro lado desse local. Elas não se misturam, e nós ficamos no meio vendo tudo de longe”, relatou o comerciante Walter Farias.



Calçada da Cardoso Vieira é lugar para encontrar amigos e ver o tempo passar, enquanto descansa



Grupo de amigos se reúnem no calçada para botar o papo em dia, seja sobre política ou esporte



A Praça da Bandeira, a 50 metros de distância do calçada, é outro ponto pitoresco da cidade



Seja em grupo ou em dupla, a Praça da Bandeira é sempre um lugar escolhido para um bom bate-papo

“

Se você sentar ao lado de pelo menos três pessoas, no Calçada, vai ficar por dentro de algum assunto que está sendo discutido em Campina Grande, na Austrália ou em Xangai

Carlos Félix Ribeiro

Um fato que marcou a história

A Praça da Bandeira, que fica localizada a 50 metros do Calçada, é outro ponto pitoresco da cidade e que se confunde com a história da Rainha da Borborema. Um dos fatos marcantes desse local não é agradável. Ele foi marcada por uma tragédia.

O historiador e frequentador assíduo do espaço, Cícero Agra lembrou que, nos anos 50, durante uma campanha eleitoral, duas passeatas de correligionários dos políticos Argemiro de Figueiredo e do prefeito Plínio Lemos se encontraram no local. “Ocorreu uma briga generalizada pelo espaço na praça e a consequência disso foi terrível. Três pessoas foram mortas e mais de 20 saíram feridos. Isso ficou marcado para sempre e as discussões políticas nunca mais saíram de evidência da Praça da Bandeira”, afirmou.

O local, que possui um parlatório, é termômetro da popularidade política, de discussões e atualizações das notícias da área. “Um político tem que estar encorajado ou bem visto pela população pra circular pela Praça. É ali que a coisa ferve, as conversas se aprofundam, políticos são condenados e inocentados, em alguns instantes de discussões”, frisou o historiador.

Público diversificado

Uma das características da antiga Praça Índios Cariris, primeiro nome dado ao espaço, são os horários peculiares adotados, naturalmente, pelos diversos públicos que a frequentam. Por exemplo, por volta das 5h30 da manhã, o local é ocupado por lavadores de carros que chegam para prestar serviço a taxistas, alternativos e quem vai che-

gando com seus veículos para trabalhar. Depois das 7h da manhã, passa a ter como frequentadores carteiros e outros funcionários dos Correios e Telégrafos, que tem sua principal sede bem em frente da praça. Um pouco mais tarde, já depois das 10h, chegam aqueles que elegeram o horário como o ideal para conversar um pouco sobre política, futebol, cultura e outros temas. No final da manhã e início da tarde, o ponto é tomado por estudantes de escolas particulares da cidade localizadas por toda rua da praça e ao redor dela. “À noite, o local fica cheio de carros adaptados para comercializar lanches, onde permanecem por quase toda a noite. Por lá, ocorre um verdadeiro rodízio de pessoas e mundos diferentes”, declarou o historiador.



A Igreja Nossa Senhora do Carmo foi construída a pedido da esposa de José Amâncio Ramalho; a construção foi feita de frente para a casa dele, para que a família pudesse assistir à missa da sala ou mesa de jantar

BORBOREMA

Uma cidade de caráter progressista

Município, localizado no Sertão paraibano, é reconhecido pelo comércio têxtil e o turismo ecológico e cultural

Sara Gomes
saragomesreporterauniao@gmail.com

Provinciana, com ares bucólicos e de clima ameno, a cidade de Borborema, situada no Brejo paraibano, é conhecida pela produção de banana, mas o que a torna peculiar, comparado a outros municípios da região, é seu caráter progressista. Apesar de ter apenas 63 anos de emancipação política, Borborema tem muita história para contar, através de seus casarões e monumentos históricos e torna-se também uma cidade atrativa ao turismo de aventura.

Borborema foi uma cidade planejada que acompanhou o desenvolvimento do Brasil. Uma prova disso é que, até hoje, a cidade não possui curvas sinuosas ou logradouros em local improvisado. Além disso, atreve-se a dizer que a foi a primeira cidade do Nordeste a instalar uma usina hidrelétrica. Ainda é possível ver as ruínas da construção, símbolo de coragem e pioneirismo, que teve como protagonista o paraibano José Amâncio Ramalho. A Empresa Hidrelétrica Borborema iluminou as cidades de Pilões, Serraria, Solânea, Bananeiras e a própria Borborema de 1919 até 1962. A Usina Hidroelétrica de Paulo Afonso foi a segunda do Nordeste.

A historiadora Albanisa



Foto: Roberto Cuedes

Borborema foi a primeira cidade do Nordeste a instalar uma usina hidrelétrica; ainda é possível ver as ruínas da construção

Assunção enfatiza que José Amâncio acompanhou a modernidade com os olhos de um grande empreendedor. “José Amâncio comprou as terras do capitão João da Mata, porque percebeu que a cidade tinha saídas estratégicas. Em 1913, por exemplo, construiu um entroncamento ferroviário”, exemplificou.

Borborema já foi uma grande produtora de cana-de-açúcar e de café, ainda quando era distrito de Bananeiras, mas hoje a atividade econômica se concentra no funcionalismo público, agricultura familiar e comércio local. Os principais produtos agrícolas são: feijão, milho, mandioca, hortaliças e frutas, com destaque para o plantio de banana, que ocu-

pa maior área territorial do município, atendendo a cerca de 300 produtores. São produzidos diferentes tipos de doces. Já a fibra da bananeira é utilizada para a produção de artesanato.

Informações gerais

Localizada a 130 km do município de João Pessoa, Borborema possui uma área de 196,74 km² e uma população de 5.311 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O município encontra-se geograficamente ao norte de Bananeiras; a sul de Serraria; a leste de Píripituba e a oeste de Solânea. Sua emancipação política ocorreu no dia 12 de novembro de 1959.

Turismo

A cidade de Borborema tem atrativos turísticos para agradar diversos públicos. Se o turista gosta de aventuras e é adepto à natureza, pode praticar rapel na Cachoeira de Boa Vista e depois se refrescar na Cachoeira do Roncador. De acordo com a historiadora Albanisa Assunção, existe uma disputa territorial, entre Bananeiras, Píripituba e Borborema, quanto ao pertencimento da Cachoeira do Roncador. “Essa cachoeira nasce em Bananeiras, deságua em Borborema e banha o município de Píripituba. Borborema é quem faz a manutenção e viabiliza o acesso, no entanto, é dever de todos preservar esse patrimônio natural”, frisou. A cachoeira é um lugar lindo que vale a pena conhecer. “É possível experimentar todos os sentidos. Se banhar nessas águas refrescantes, ouvir o barulho das árvores, o canto dos pássaros”, frisou.

Há também as trilhas da linha férrea “Great Western Railway Company”, datada do início do século 20, conduz ao imaginário ferroviário no qual o passeio de trem pela Serra da Samambaia, na chamada Era Moderna. “Sentimos um frio na barriga ao atravessar o encurvado túnel da Samambaia, todo lapidado à mão”, comentou. Na época em que o túnel foi construído, segundo os familiares de José Amâncio,

era o terceiro do Brasil a fazer uma curva. “Bananeiras também tem um túnel, mas o de Borborema possui uma curva acentuada pois não é possível enxergar a inclinação”, afirmou.

Em 1922, a Igreja Nossa

Senhora do Carmo foi construída a pedido da esposa de José Amâncio Ramalho, em 1922. O curioso, segundo a historiadora, a construção foi feita de frente para a casa dele. “O objetivo é que na hora da celebração da mis-

■
A hidrelétrica iluminou as cidades de Pilões, Serraria, Solânea, Bananeiras e a própria Borborema, de 1919 até 1962

Foto: Albanisa Assunção



A cidade tem muita história para contar através de seus casarões



Se o turista gosta de aventuras e é adepto à natureza, pode praticar rapel na Cachoeira de Boa Vista



Fotos: Albanisa Assunção

Origem dos nomes

José Amâncio batizou a cidade de Boa Vista. O segundo nome foi Camucá, em homenagem ao rio que banha a cidade, que hoje deságua no açude que tinha por referência a Ilha da Fantasia. Já o terceiro nome, Borborema, foi sugerido pelo Deputado Nominando Diniz para homenagear a Serra da Borborema e significa terra infértil. Nome que não condiz com a realidade.

MÚSICA

Dissecando 'Da lama ao caos'

No ano em que o manguebeat completa três décadas, obra sobre o disco de estreia de Chico Science & Nação Zumbi chega às livrarias

Foto: Ciro Coelho/Estádio Conteúdo



Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Do digital para o físico. De Recife para o mundo. No ano em que o movimento *manguebeat* completa 30 anos de lançamento do *Manifesto Caranguejo com Cérebro*, chega às prateleiras o livro que conta em detalhes histórias de bastidores da produção e idealização de *Da lama ao caos*, clássico álbum de estreia do grupo Chico Science & Nação Zumbi. De autoria do jornalista José Teles, paraibano radicado no Recife, *Da lama ao caos: que som é esse que vem de Pernambuco?* (Edições Sesc-SP, 136 páginas, R\$ 40) faz o percurso incomum de, três anos após ser lançado em versão eletrônica, ser publicado em formato físico, a tempo de contextualizar os processos que levaram o disco a ser considerado por críticos como o mais importante da música brasileira nos últimos 40 anos.

“Modernizar o passado / É uma evolução musical”, assim começa o disco que colocou a capital de Pernambuco no epicentro da cena cultural dos anos 1990, aliando crítica social com uma mistura de ritmos que incluíam o rap, o rock, o *trash metal*, com maracatu e manifestações da cultura popular. Lançado pelo selo Chaos, da Sony Music, em 1994, com um show no Circo Voador, no RJ, o álbum produzido por Liminha foi um estopim para a reviravolta da MPB, que só havia se modernizado antes do *manguebeat* com a bossa nova e a tropicalia. Para a obra lançada virtualmente em 2019, José Teles foi até o estúdio Nas Nuvens, considerado um dos melhores em acústica do Brasil, com o produtor e ex-Mutantes, então um dos mais requisitados do país. Lá, ele pode entender com profundidade a criatividade compulsiva de Francisco de Assis França, o Chico Science.

“Ele vai criando à medida que as gravações vão rolando, de acrescentar *samples* a usar frases aparentemente sem sentido como ‘Dona Maria, me dê um mói de coentro’. Liminha tocou faixas sem os instrumentos, e impressiona como Chico era afinado, sobretudo em ‘Risoflora’, que tem uma melodia complicada”, explica o jornalista com atuação em publicações como *Correio de Pernambuco* e *Jornal do Comércio*. É de Teles, ainda, a autoria de livros sobre o *Quinteto Violado*, *Manezinho Araújo* e *Do frevo ao manguebeat*.

Foi através desse encontro que Liminha pode esclarecer também as críticas que recebeu na época por ter, supostamente, captado mal as alfaías. “Os tons graves dos tambores funcionam mais no palco, com o visual. No estúdio, não são fortes assim. Ele gravou tambores com *overdubs* para dar maior potência”, justifica José Teles.

O livro também desfaz um mito que perdurou por décadas e que, com o passar do tempo, foi ganhando um véu de verdade absoluta, que seria a influência do escritor recifense Josué de Castro e suas obras *Geografia da fome* e *Homens e caranguejos* nas ideias de Chico Science. Parecia uma inferência coerente quando se ouve Chico Science cantando “Ó Josué, eu nunca vi tamanha desgraça / Quanto mais miséria tem, / mais urubu ameaça”, se não fosse mentira. “Esta coisa da ligação de Chico e a obra de Josué de Castro é muita viagem. Chico nem sabia quem ele era até um dia em que foi à minha casa, com Fred Zero Quatro, do Mundo Livre S/A, para mostrar a primeira fita *demo* que

Disco de 1994 de Chico Science (foto) & Nação Zumbi foi considerado, por críticos, como o mais importante nos últimos 40 anos

gravaram. Quando escutei, comentei sobre o livro *Homens e caranguejos*, romance de Josué. Fiz um resumo da história do livro. Chico pegou no ar, e já jogou numa letra, feita logo depois que foi embora”, esclarece Teles.

O jornalista lembra que, nessa época, Chico Science era empregado da Emprtel, empresa de processamento de dados do Estado de Pernambuco, e que os livros de Josué de Castro estavam fora de catálogo. “Chico cantava o cotidiano dele e da cidade, sem influências nas letras. Tinha mais nos ritmos, que iam do *funk* – o verdadeiro –, rap, coco, embolada e várias manifestações da cultura popular pernambucana. Mas nada de Josué de Castro”, remonta José Teles, para quem o músico provavelmente havia até esquecido o sobrenome do escritor que incluiu na letra de ‘Da lama ao caos’, que nesse momento já estava com a composição quase finalizada. “A primeira vez que conversei com o Chico eu não vi muita coisa nele. Inclusive, achei ele meio simplório. Mas quando eu passei a ver a banda ao vivo, no comecinho, em 1991, eles estavam ajustando o som com a ONG Daruê Malungo. Quando eu comecei a ver que o negócio funcionava mesmo, que era diferente e inovador, foi em 1993, quando eles já estavam engrenados”.

Com o sucesso internacional do disco, Chico Science & Nação Zumbi mostrou ao pernambucano e a toda a cena regio-

nal que era possível fazer música em suas localidades. Esse processo desencadeou um movimento que não parou mais.

José Teles não enxerga, porém, nenhum artista que descenda do estilo e da estética do *manguebeat*. “Não sei se tem alguém que faça ‘música mangue’. Na verdade, com algumas exceções, ‘música mangue’ só quem fazia mesmo era Chico Science. A Mundo Livre S/A tem uma ou outra que cita o *manguebeat*. A rigor, não há música *manguebeat*, que foi mais uma movimentação do que um movimento. Participei de uma conversa com estudantes do Ensino Fundamental, adolescentes. Quase ninguém sabia quem era Chico Science! Os 30 anos do mangue estão sendo lembrados pela data redonda, mas só voltará a se falar daqui há 10 anos”, sentencia o especialista.

Mesmo que a herança musical do *manguebeat* seja algo questionável, não há controvérsia que o disco *Da lama ao caos* foi um marco na música brasileira e que sua importância parece apenas ser cada vez mais reafirmada com o passar do tempo, e a obra de José Teles demonstra com um olhar curioso como isso foi construído. Mesmo desacreditado quando foi lançado e sem que as gravadoras da época sequer soubessem identificar direito o que era aquele som, *Da lama*

ao caos trouxe algo totalmente novo, com um tipo de música que não existia no Brasil. “É uma música nova até hoje, na linguagem musical e na linguagem literária. Junto com ‘Afrociberdelia’, são dois grandes discos dos anos 1990. Eles mudaram totalmente a música brasileira. É um marco feito muito na intuição”, finaliza José Teles.

Imagem: Sesc-SP/Divulgação



Livro desfaz um mito que perdurou por décadas: a influência de Josué de Castro e suas obras, ‘Geografia da fome’ e ‘Homens e caranguejos’, nas ideias de Chico Science

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

A 'disco music' na fogueira

A música e as suas formas estéticas estão carregadas de política e de cultura. As classificações que definem se uma música é boa ou má são arbitrarias. Elas refletem em grande medida as desigualdades sociais e revelam as lutas pelo poder que ocorrem nas sociedades humanas.

Não há juízo estético que não seja socialmente produzido ou que encerre uma verdade universal para além da História. Em consequência disso alguns tipos de música são mais valorizados do que outros, marginalizados ou enaltecidos, como as grandes criações do espírito.

Em 12 de junho de 1979 ocorreu nos EUA a destruição em massa de LPs de *disco music*. O time de beisebol Chicago White Sox fez uma ação de marketing inusitada, incentivando seus torcedores a trocarem LPs de *disco music* por ingressos. A intenção declarada dos produtores era quebrá-los antes da partida, alegando tratar-se de um incentivo para as pessoas deixarem de ouvir música de má qualidade.

Esse ato "inquisitório" trazia consigo importantes elementos racistas e homofóbicos. A *disco music* tem origem negra, latina e gay, o que não é difícil de deduzir que incomodava a parte mais conservadora da sociedade estadunidense.

O estilo ganharia uma projeção imensa entre os anos de 1970, marcando uma forte presença no mainstream com nomes como Bee Gees e Donna Summer, e no cinema como John Travolta e seus *Os Embalos de Sábado à Noite*.

O estádio do Chicago White Sox receberia um público de 50 mil pessoas na noite de 12 de junho, cerca de quatro vezes mais pessoas do que estava acostumado. Foi uma noite tenebrosa. A organização do evento queimava os LPs, enquanto outros eram arremessados da arquibancada por uma turba enlouquecida.

Essa fatídica noite é vista como o ponto de partida para o declínio da *disco music* nos Estados Unidos. Isso porque não durou muito para que as

rádios se recusassem a tocar músicas do estilo, as redes de televisão deixassem de convidar artistas da *disco music* para seus programas e as gravadoras perdessem o interesse em gravar novos artistas. Numa triste vitória da intolerância.

Gênese

A 'disco music' tem origem negra, latina e gay, o que não é difícil de deduzir que incomodava a parte mais conservadora da sociedade estadunidense

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Estética e Existência

Sabedoria diante da morte

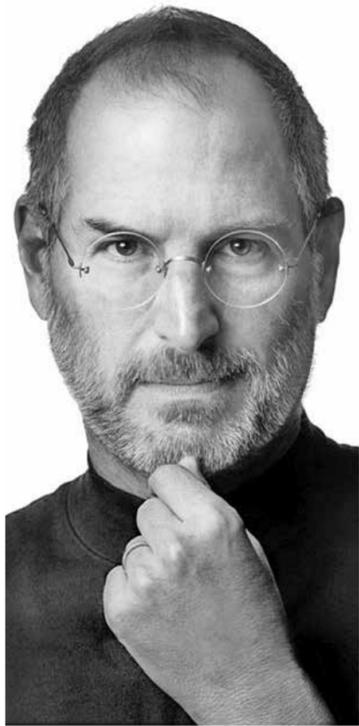
Foto: Albert Watson/Divulgação

Lucius Annaeus Seneca nasceu em Córdoba, atual Espanha, por volta de 4 a.C. e faleceu em Roma no ano 65 d.C. Desde pequeno viveu em Roma, local donde estudou Filosofia, Oratória e Direito. Morou também no Egito e permaneceu exilado em Córsega, na França. Quando retornou a Roma, por volta do ano 49 d.C., aos 26 anos, decorrente de sua erudição e brilhantismo, foi escolhido para atuar como conselheiro do imperador romano Nero (37-68). Foi acusado, de forma injusta, de ter planejado a morte do imperador Nero e forçado a cortar os próprios pulsos para condenar-se à morte.

As contribuições de Sêneca fundamentam a "terceira fase do Estoicismo", que é uma forma de viver a partir do que é possível controlar e deixar de sofrer por aquilo que não é possível administrar. Sobre isso, escreve nas Cartas a Lucílio, um dos governadores da Sicília, Itália, este texto: "(...) O homem perfeito, possuidor da virtude, nunca se queixa da fortuna, nunca aceita os acontecimentos de mau humor, pelo contrário, convicto de ser um cidadão do Universo, (...) aceita as dificuldades como uma missão que lhes é confiada. Não se revolta ante as desgraças como se elas fossem um mal originado pelo azar, mas como uma tarefa de que ele é encarregado. (...) Por muito áspera e dura que seja a situação, tenho de dar o meu melhor! Um homem que nunca se queixa dos seus males nem se lamenta do destino, temos forçosamente de julgá-lo um grande homem".

Algumas de suas obras são estas: *De Ira* – são conselhos sobre como controlar um ódio; *Sobre a Brevidade da Vida* – analisa o desperdício do próprio tempo; *Sobre a Tranquilidade da Alma* – apresenta reflexões sobre a busca de uma serenidade e o conhecimento interior.

Concluo com esta carta deixada do norte-americano Steven Paul Jobs (1955-2011) antes de morrer: "Cheguei ao auge do sucesso no mundo dos negócios. Nos olhos de outros, minha vida é uma abreviação, um resumo, do sucesso. No entanto, além do trabalho, tenho pouca alegria. No final, a riqueza é apenas um fato da vida ao qual estou acostumado. Neste momento, encontro-me deitado na cama dum hospital, doente, fragilizado, a recordar toda a minha vida.



Inventor americano Steve Jobs (1955-2011)

Percebo que todo o reconhecimento e riqueza que eu me orgulhei tanto, se descorou, diante da morte iminente. Podes contratar alguém para conduzir o teu carro, ganhar dinheiro para ti, mas não podes ter alguém para suportar a tuas dores. Objetos materiais perdidos, podes encontrar. Mas há uma coisa que nunca podes encontrar quando estiver perdida, é a "Vida"! Quando uma pessoa entra numa sala de cirurgia, vai perceber que há um livro que tens de terminar de ler: *O Livro da Vida Saudável*. Qualquer que seja o teu estado de vida, em que estas agora, com o tempo, terás que enfrentar o dia, em que a cortina se fechará. Portanto, presenteia o amor pela tua família; amor pelo teu cônjuge; amor pelos teus amigos. Cuida bem de ti. Valoriza os outros; à medida que envelhecemos e, tornamos-nos mais sábios, ficamos a perceber, lentamente, que usar um relógio de 300 dólares ou um de 30, ambos marcarão a mesma hora; quer levemos uma carteira com 500 dólares ou 30, a quantidade de dinheiro dentro dela é a mesma; que sermos proprietários de um carro no valor de 150.000 dólares, ou um carro de 10.000, a estrada e a distância são as mesmas e chegamos ao mesmo destino; quer bebamos uma garrafa de vinho de 300 dólares ou uma de 10, a

ressaca é a mesma; que se a casa em que vivemos, tem uma área de 300 ou 3.000 metros quadrados, a solidão é a mesma. Podes perceber, que a tua verdadeira felicidade interior não vem das coisas materiais deste mundo. Quer voes em primeira ou em classe econômica, se o avião cair, tu cairás com ele. Portanto... espero que percebas, quando tens amigos (e velhos amigos), irmãs e irmãs, com quem possas conversar, rir, brincarem, contar anedotas, ou pedacinhos das tuas aventuras, fala sobre a tua terra, ou do tempo (céu e terra)... Isso, sim! Isso, é a verdadeira felicidade! Repara: há cinco fatos inegáveis da vida: Não ensines os teus filhos a serem ricos. Educa-os para serem felizes. Assim, quando crescerem, saberão o valor das coisas e não o preço; come a tua comida, bem como os teus medicamentos. Caso contrário, terás que comer os medicamentos como a tua comida; aquele que te ama, nunca te deixará por outro, porque mesmo que haja 100 razões para desistir, ele ou ela, encontrará sempre uma razão para ficar; há uma grande diferença entre um ser humano e ser humano. Poucos realmente entendem isso; tu és amado, quando nasceste. Serás amado quando morreres. No meio, é que terás de saber coordenar!

Seis melhores médicos do mundo são: luz solar; descanso; exercícios físicos – caminhadas, flexibilidade, beber muita água e respirar bem; dieta; autoconfiança e ama os teus amigos – mantenha-os em todas as fases da vida e desfrutarás de uma vida saudável.

Se quiseres andar rápido, anda sozinho. Mas se quiseres caminhar longe, anda junto! Como diz a 6ª Regra do Budismo: "A pessoa mais rica, não é a que tem mais, mas a que precisa menos"! Ou seja, é aquela que sabe viver com o que tem."

Sinta-se convidado à audição do 373º Domingo Sinfônico, deste dia 19, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Nesta edição iremos conhecer o violonista israelita Itzhak Perlman (1945). É um regente e professor. Contraindo poliomielite aos quatro anos de idade e tornou um exemplo de superação e por unir jovens músicos de vários países, a fim de massificar a música erudita e de construir a paz entre nações, por isso, recebeu mais de vinte e seis prêmios internacionais.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Gil Sabino era um querido

Quem vai pagar o enterro e as flores, se o jornalista Gil Sabino era um amoroso? Tantos amores... Não fui vê-lo morto, não aguento mais. A cidade perdeu Gil Sabino e o que já era deserto, foi mais longe no frescor da flor da sua idade.

A cidade perdeu os passos elegantes de Gil Sabino, que em tempos outros alegres, para um rastro mais luminoso, o amigo se foi, com 62 anos. As pessoas me perguntavam: "Morreu de quê?" Existe isso, Gil Sabino? Hoje, para morrer basta dobrar a esquina.

As formas da imaginação de um cara que tinha seu lirismo, não o que se pratica hoje, porque hoje já é domingo. Tudo está ao nosso alcance, a vida e a morte, mas a morte ainda nos abala, enfraquecidos que estamos, por tantas perdas em descrições públicas. Gil Sabino era genial e outros que ainda não se foram.

O cara tinha uma paz, em sua busca de imaginárias florestas de sonhos e flores, dos amigos, do sândalo, da música, numas e noutras dessas jornadas que ainda estão por vir.

Gil Sabino nos deixou nessa demência que nos faz sentir menos sensíveis, sequer multiplicados, pós-Covid, pós "qualquer coisa".

Gil fazia parte do nosso time, mas tão depressa o homem fez gol e foi na sombra de uns momentos de esperança, até restarem esses poucos, que a tudo preferem, mas sequer conseguem se encontrar consigo mesmos, depois que tiraram as máscaras. Não me lembro quando o vi pela última vez, mas foi em novembro, das vezes todas me lembro, que me fez ficar contente com sua presença.

Gil Sabino das influências, das profundezas, das grandes sacadas, e se deixou devorar assim por caminhos, por paisagens quentes, que dão cabo nos nossos olhos e ossos.

Quando negativei da Covid, neste mês que se encerra, fiz um texto e mandei para ele, que me respondeu assim: "As doenças passam, o corpo passa, até mesmo depois da vida quando já fomos mortos e seguimos. Mortos vivos, sempre. Somos assim, utilizamos esses modelos móveis como aquele corcel 73 que Raul Seixas cantava... Espíritos em transição para mundos melhores, mais avançados, menos bárbaros que esse ainda. Já temos as flores. Decidimos se as colocamos num vaso, se ofertamos um buquê, ou se ornamentamos em coroas com os dizeres: saudades para sempre. As pandemias passam, arrastam, mas passam... vem outras, novos modelos laborais... A vida não para... Saúde, querido amigo".

Isso dele dizer saúde, amigo querido, agora exposto no meu texto, depois de tantas frases pronunciadas, seu diálogo com a morte, com ênfase por ele, pelo sol a que sobrevivemos, Gil Sabino é quem era um querido. Muito querido.

Por muitos momentos ainda vibram em nós um fascínio entresenhado, dos restos do cotidiano e não passa de um vazio a outro, uma vigia que colocamos para erguer nossa casa, a saudade de um cara que era bacana, um cavalheiro desde aqueles períodos perdidos aventureiros, Gil conhecia muito bem os estilhaços da verdade.

Não temos mais tempo para nada Gil, porque estamos a sofrer num país que saiu de nós. No meio desta gente "grande" somos miúdos, cansados de sonhar que existimos, e nem fingimos que não mais existimos. Valeu, cara!

Kapetadas

1 – Os verdadeiros caciques da Amazônia são as organizações criminosas. Não tenho dúvidas;

2 – Havia dois corpos, não há mais, duas cabeças, não há mais. Logo, virá outro desaparecimento;

3 – Som na caixa: "Eu devia estar feliz / Porque consegui comprar um Corcel 73", Raul Seixas.

Foto: Acervo Pessoal



Jornalista, comunicador e produtor cultural Gil Sabino

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

“Unicórnio” no cinema é também força e pureza

O que levaria a presença mitológica de um unicórnio a simbolizar algum personagem de filme no cinema? Segundo a lenda, unicórnio foi concebido na forma de um cavalo branco e com um grande chifre em espiral no centro da testa. Além de ser respeitado como mito, o “animal” estaria ligado ao catolicismo e à natureza humana, no que se refere, simbolicamente, à força e pureza.

Quem está acostumado com os filmes brasileiros usando uma leitura de começo-meio-fim, vai se surpreender com *Unicórnio*. Seu discurso não tem nada de convencional, exigindo do espectador um certo preparo intelectual e criativo para acompanhá-lo. Diria até que se trata de um tipo de narrativa “reticenciosa”; aqui, acolá, deixando espaços em branco ao discernimento de quem assiste ao filme de Eduardo Nunes, baseado no livro da escritora Hilda Hilst. Obra valorizada sobretudo pela bela fotografia de Mauro Pinheiro, que nos dá uma espécie de enlevo visual.

A história é convencional, tratando da existência de uma jovem filha que espera o retorno do pai ao seu convívio e de sua mãe. E segundo a sinopse, Maria (Bárbara Luz) e a mãe (Patrícia Pillar) vivem isoladas numa casa de campo localizada entre colinas arborizadas. Com a partida do pai (Zé Carlos Machado) da



Foto: Divulgação

Personagem Maria (Bárbara Luz) e seu unicórnio: a pureza e a força, juntas

jovem tudo muda, fazendo com que elas se cuidem mutualmente, buscando adaptar-se à vida no campo. Um criador de cabras (Lee Taylor) chega à região dividindo um poço de água existente na colina e a atenção das duas mulheres sobre ele.

Indicado em festivais a vários prêmios, o que nos maravilha no filme de Eduardo Nunes, de certa maneira, não é a história em si, mas seu *script*. O seu tratamento narrativo diferenciado e inventividade pouco usada, sobretudo no cinema nacional. É filme que tem poucas falas ou colóquios, muitas delas adotando um recurso auditivo interessante para descrever as imagens que assistimos: o da voz extradiegética de alguns personagens em cena.

Um dado de explanação visual singular, que existe no filme com relação à própria câmera, é que essa quase não se move. Maioria das vezes, em lentas panorâmicas e zooms, aguçando o interesse do espectador à cena seguinte. E muitos desses artifícios de linguagem, incomuns, poder-se-ia encontrar em *Unicórnio*.

As cenas de abertura do filme são de um unicórnio branco, entre veredas amplamente arborizadas, criando uma textura fotográfica bastante singular. Mormente, no encontro da jovem Maria com o mitológico animal, na floresta. Simbolizado estaria, assim, a “pureza” (da jovem) e a “força” do *Unicórnio*. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse o blog: www.alexantost.com.br.

Letra
 Lúdica
 Hildeberto
 Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Jales, lirismo e reflexão

Alguns poetas se prendem à instantaneidade das coisas, ao movimento rápido das circunstâncias, àquilo que um dia chamei de namoro com a doce banalidade, inscrevendo-se, assim, na tradição de um lirismo ocasional onde o registro coloquial procura preservar a fugacidade dos sentimentos ou a iluminação intuitiva de uma percepção poética. Alguns de 1922, comprometidos com o imediato, e muitos dos anos 70, associados a uma ideia de poesia marginal, deixaram seus nomes na república das letras, privilegiando, na poesia, um estranho e incaracterístico sentido prosaico.

Outros como que passam ao largo das pressões e dos modismos de época e apostam, sem receios, na continuidade de uma poesia firmada no permanente. A tradição do verso, a força do discurso, a presença da imagem e a eleição de certos procedimentos retóricos se casam a temas e motivos universais, convocando a expressão poética para o exercício de revelação e de descoberta dos aspectos sensíveis e metafísicos das experiências vividas e exploradas.

Penso ser este o caminho trilhado por Carlos Alberto Jales nesse *Chão lavrado*, que retoma e alarga a história afetiva de seus títulos anteriores, a saber: *Invenção das horas*, *Áspero silêncio*, *Vindimas da solidão* e *Palavra submersa*. Aqui, não procure, o leitor, malabarismos experimentais, ousadias linguísticas, sondagens espaço-visuais, sintaxe tipográfica, neologismos e desconstrução lexical que tanto atraem epígonos e diluidores das ilusões vanguardistas. Herdeiro, diria, do segundo modernismo, ou seja, dos modernistas modernos, como Drummond, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Mário Quintana, Augusto Frederico Schmidt e Henriqueta Lisboa, entre outros, Carlos Alberto Jales assume o lirismo reflexivo para representar os conteúdos da memória, do tempo, da infância, da maturidade, da palavra, da solidão, do silêncio e, nesta coletânea em especial, do mar e suas implicações simbólicas.

Mesmo a inquietação metalinguística se perfaz no repouso da palavra numa concha marinha (ver poema da página 45), decerto retomada, em clave diversa, nos textos *Canção marinha* (p. 64), *Mar inaugural* (p. 85), *Nesse mar antigo* (p. 114), *O barco singra nas veias do mar* (p.125), *O mar e suas vitórias* (p.126), *Poema do mar* (p. 136) e *Volta* (p. 164), a última peça do livro, de certa maneira configurando a perspectiva de um balanço das ondas que vão e voltam no oceano da vida. Certos versos falam mais alto, senão vejamos: “E eis-nos tomados às antigas águas / do que fomos // E eis-nos saciados de todas as fomes / sentindo sob os pés os alabastros desterrados (...) E eis-nos por fim submissos ao chão que nos espera/vítimas e algozes dos dias entorpecidos”.

Em *Palavras ao leitor*, o poeta fala de suas preferências e cita nomes, como Carlos Pena Filho, Fernando Pessoa, Tasso da Silveira, Alberto da Costa e Silva, Alphonsus de Guimaraens Filho, Sophia de Mello Breyner Andresen e Francisco Carvalho. Poderia ter citado Augusto Frederico Schmidt, com quem se assemelha no alongamento de certos versos ou, mais particularmente, no uso recorrente dos processos anafóricos e nas elaborações paralelísticas, tão do agrado também de um Francisco Carvalho.

São esses os seus modelos e as suas influências. Modelos líricos por excelência, paradigmas que trazem, para o núcleo da expressão poética, a aventura indizível dos anseios mais profundos e aquela sensação de que o poema, na tentativa de capturar a poesia do mundo na sua amorfa imaterialidade, parece selecionar aquele “ponto fora da curva” em que coabitam a realidade essencial das coisas e a sua possibilidade enunciativa. Mais ou menos, o que deixa entrever no poema *Quero viver outra vida*:

“Quero viver outra vida, / não esta que vivo agora. / Quero deslizar por sobre montes de pedras e ao nascer /encontrar pássaros e madrugadas. // Quero chegar a portas invisíveis / e encontrar navios soçobrados e febris. // Quero afugentar as tardes ensanguentadas / e levar em cada mão um punhal de fogo. // Quero enviar cartas aos desertos / e receber de volta fábulas esquecidas”.

Esse volume, como os outros, firma a voz lírica de Carlos Alberto Jales no “chão lavrado” da dição poética. Sua poesia traz a luz dos fenômenos intangíveis para a mensuração de nossa inteligência e sensibilidade, sempre nos estimulando para um mergulho na comoção que não passa, nas águas profundas de um “mar absoluto” só navegável pelos barcos do silêncio, da solidão e da palavra.

APC apoia ‘Areia, memória e cinema’

Um novo média-metragem paraibano está na sua etapa de finalização. *Areia, memória e cinema*”, com direção de Leticia Damasceno, é o audiovisual que trata do antigo Cine-Teatro Minerva, na cidade de Areia, na Paraíba, durante a década de 20 do século passado. E faz também uma homenagem ao seu projetorista, Gutemberg Barreto, avô da *videomaker*, numa produção que deve dar visibilidade à sua pós-graduação em Artes Visuais na UFPB e Federal de Pernambuco.

O audiovisual tem o apoio da Academia Paraibana de Cinema, através do prof. João de Lima (vice-presidente da APC), e também do Núcleo de Documentação Cinematográfica – Nudoc/UFPB.



EM cartaz

ESTREIA

LIGHTYEAR (EUA. Dir: Angus MacLane. Animação. Livre). A história de origem definitiva de Buzz Lightyear, o herói que inspirou o brinquedo em “Toy Story” (1995). CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 15h - 17h10 - 19h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 14h15 - 16h45 - 19h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 13h30 - 16h - 18h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 13h45 - 16h15 - 18h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 14h - 16h30 - 19h - 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub., 3D): 15h - 17h30 - 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - Macro-XE (dub., 3D): 14h30 - 17h - 19h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub., 3D): 14h30 - 17h - 19h30 - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 13h30 - 16h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h - 16h30 - 19h - 21h30; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 14h - 16h10 - 18h20; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub., 3D): 14h20 - 16h30 - 18h40 - 20h50; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 14h - 16h10 - 18h20; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub., 3D): 14h20 - 16h30 - 18h40 - 20h50.

A SUSPEITA (Brasil. Dir: Pedro Regrino. Suspense. 14 anos). Depois de ser diagnosticada com Alzheimer, a comissária da inteligência da Polícia Civil, Lúcia (Gloria Pires) decide se aposentar para cuidar de si e ficar mais perto de sua família. Entretanto, durante seu último caso, ela descobre um grande esquema criminoso e vira uma das principais suspeitas na própria investigação. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 21h.

CONTINUAÇÃO

ASSASSINO SEM RASTRO (Memory. EUA. Dir: Martin Campbell. Ação e Th-

riller. 16 anos). Alex Lewis (Liam Neeson) é um assassino experiente na mira do FBI. Quando Alex se recusa a concluir um trabalho para uma organização criminosa, entra em uma missão eletrizante para caçar e matar as pessoas que o contrataram antes que eles ou o agente do FBI Vincent Serra (Guy Pearce) o encontrem primeiro. Em meio a tudo isso, a memória de Alex começa a vacilar e ele é forçado a questionar todas as suas ações, e, acima de tudo, em quem ela confia. CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 21h45.

A FELICIDADE DAS COISAS (Brasil. Dir: Thais Fujinaga. Drama. 12 anos). Obstáculos na vida de uma matriarca que quer uma piscina na sua casa. CINE BANGUÊ: 16h (19/6).

A HORA DO DESESPERO (The Desperate Hour. EUA. Dir: Phillip Noyce. Thriller e Suspense. 14 anos). Uma mãe recentemente viúva, Amy Carr (Naomi Watts), está fazendo o possível para restaurar a normalidade na vida de sua filha e de seu filho adolescente em sua pequena cidade do interior. Enquanto ela está fazendo sua corrida matinal na floresta, ela encontra sua cidade no caos quando um tiroete ocorre na escola de seu filho. A quilômetros de distância, a pé na floresta densa, Amy corre desesperadamente contra o tempo para salvar seu filho. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (leg.): 21h45.

DOUSTRANHO NO MULTIVERSO DA LOUCURA (Doctor Strange in the Multiverse of Madness. EUA. Dir: Sam Raimi. Aventura. 14 anos). Doutor Estranho (Benedict Cumberbatch) vai para uma jornada rumo ao desconhecido. CINE SER-

CLA TAMBIA 5 (dub.): 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 20h30.

JURASSIC WORD: DOMÍNIO (EUA. Dir: Colin Trevorrow. Aventura. 12 anos). Quatro anos após a destruição da Ilha Nublar, os dinossauros agora vivem ao lado de humanos em todo o mundo. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 14h10 - 17h15 - 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE (dub., 3D): 22h; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 15h30 - 18h50 - 22h10; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h15 (exceto seg. e ter.) - 17h30 (exceto seg. e ter.) - 20h45 (exceto seg. e ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub., 3D): 18h30; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 14h30 - 17h20 - 20h20; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 14h30 - 17h20 - 20h20.

SERTÂNIA (Brasil. Dir: Geraldo Sarno. Drama. 14 anos). Antão é ferido, preso e morto quando o bando de Jesuino invade a cidade de Sertânia. CINE BANGUÊ: 18h (19/6).

TOP GUN: MAVERICK (EUA. Dir: Joseph Kosinski. Aventura. 12 anos). Depois de mais de 30 anos servindo a marinha como um dos maiores pilotos de caça, Pete “Maverick” Mitchell (Tom Cruise) continua na ativa, se recusando a subir de patente e deixar de fazer o que mais gosta, que é voar. Enquanto ele treina um grupo de pilotos em formação para uma missão especial que nenhum “Top Gun” jamais participou. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 15h15 - 18h15 - 21h20; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 14h45 - 17h45 - 20h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 15h (exceto seg.) - 18h (exceto seg.) - 21h (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 15h - 17h30 - 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 15h - 17h30 - 20h15.

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira [Box] [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

MÚSICA

Celebração do Brasil “meio utópico”

Dori Caymmi e Mônica Salmaso lançam ‘Canto sedutor’, centrado na parceria de Dori com Paulo César Pinheiro

Danilo Casaletti
Agência Estado

“O meu contentamento sai de mim com voz de mágoa.” O verso, escrito por Paulo César Pinheiro e coberto pela melodia composta por Dori Caymmi, está em ‘Voz de Mágoa’, uma das três canções inéditas do álbum *Canto Sedutor*, que Dori e Mônica Salmaso acabam de lançar pela Biscoito Fino.

Desse verso, pode-se puxar o fio do disco, que tem 14 faixas, todas parcerias de Dori e Pinheiro. Esse filamento está tingido com as cores do Brasil. Não o verde e amarelo tão banalizado atualmente, mas dos tons de Guimarães Rosa, Pixinguinha, João Cabral de Melo Neto, Dorival Caymmi, Jorge Amado, Di Cavalcanti, Adonias Filho, Tom Jobim e João Gilberto.

A música de Dori se fez à feição desse Brasil. A de Pinheiro também. A parceria entre eles, que começou em 1969, é impregnada desse sotaque e de gêneros musicais como toada, baião, frevo e sambacação. A referida voz da mágoa, então, não é de mero desgosto. É a que reclama por um país que parece perdido. E aí se realiza.

“Nossa música é de um Brasil

gar ao Rio de Janeiro em 1938 e Noel Rosa ter morrido em 1937’. Essa era a frustração dele”, conta Dori que, em agosto, completará 79 anos.

O compositor carioca ainda recorre a outros de sua geração, como Chico Buarque, Edu Lobo, Toninho Horta e João Bosco, o cinema e o teatro dos anos 1960 – Dori foi diretor musical do show *Opinião* – para falar do país que lhe seduz. “Eu amo o Brasil. Detesto o minerador, o cara que estraga rio, que mata índio. Tenho horror de político. Eles só maltrataram o país, que está todo arrebitado. Sou inimigo mortal da falta de cultura e da queima de livros em praça pública”, afirma.

‘Água do Rio Doce’, outra inédita, aliás, nasceu da indignação causada pela tragédia de Mariana que sujou a água do rio que banha Minas Gerais e o Espírito Santo. A letra de Pinheiro diz “a água do rio tem medo de gente”.

Mônica Salmaso, de 51 anos, vê um lado político no que gravou em *Canto Sedutor*, ora sozinha, ora arredando sua voz ao canto maduro de Dori: “Nesse momento, cantar esse repertório virou uma atitude política, um posicionamento. Esse disco é o Brasil de várias misturas, que é potencialmente inacreditável, mas que deu mil passos para trás em todos os sentidos. Há um ódio à cultura e à beleza que é gritado por uma gente que eu me pergunto de onde surgiu. Isso atropela todos os nossos valores. Temos de tirar isso, de alguma maneira”.

Foi de Mônica, aliás, a ideia do álbum. A coragem, segundo a cantora, apareceu depois que ela convidou o compositor para participar da série *Ô de Casas*, publicada em seu perfil no Instagram durante a pandemia. Nela, Mônica cantou, a distância, com inúmeros convidados. Só com Dori, foram quatro duetos. Na ocasião, fizeram juntos, inclusive, duas canções que estão nesse disco: ‘À Toa’ e ‘História Antiga’.

Dori delegou a Mônica a escolha do repertório do álbum, que traz ainda canções como ‘Desenredo’, ‘Estrela da Terra’ e ‘Velho Piano’. Ela, por sua vez, fez uma pequena barganha: quis que Dori, além de tocar, cantasse com ela. “Tem o compositor que é uma escola, um fazedor de canções. Tem o violão que redesenhou o jeito de fazer os acordes, tem a voz absurda e a mão de arranjador”, enumera a cantora.

Ele devolve o elogio. “Foi a primeira vez que vi meu repertório cantado por uma pessoa com vontade de entender todo o meu processo criativo. Cantar meu trabalho com Paulo César Pinheiro, que é artesanal e de uma com-

plexidade melódica extrema, é sair da zona de conforto. Já teve cantor que disse que preferia não cantar”, lembra Dori, com a sinceridade dos Caymmis.

A direção musical é assinada por ambos em companhia do músico Teco Cardoso, marido de Mônica, e que trabalhou com Dori nos EUA, nos anos 1990. Com eles, estão os músicos Tiago Costa (piano), Sidiel Vieira (baixo acústico), Neymar Dias (viola caipira), Lulinha Alencar (acordeom), Bré Rosário (percussão) e o Duo Imaginário, formado por Adriana Holtz e Vana Bock (cellos). As cordas, escritas por Dori, foram executadas pela St. Petersburg Studio Orchestra.

Dori afirma ter outras tantas composições inéditas com Pinheiro, a quem ele e outros amigos tratam de Paulinho. De 2008 para cá, eles fizeram cerca de 80 canções. Mônica deixa um alerta. “Intérpretes, corram, peçam!”

O compositor ainda trabalha em outros dois álbuns com previsão de lançamento para este ano. Um deles é *Sonetos Sentimentais para violão e orquestra*, com poemas escritos por Pinheiro. Outro, um *songbook* do Selo Sesc que trará um livro e um CD para registrar o modo de Dori tocar violão.

Mônica excursiona, ao lado do pianista André Mehmari, com um show em que canta Milton Nascimento – já registrado em disco que esbarrou em imbróglis de direitos autorais. Ela ainda é cotada para fazer uma turnê ao lado de Chico Buarque – que anunciou a volta aos palcos para este ano – algo que ela ainda não confirma.

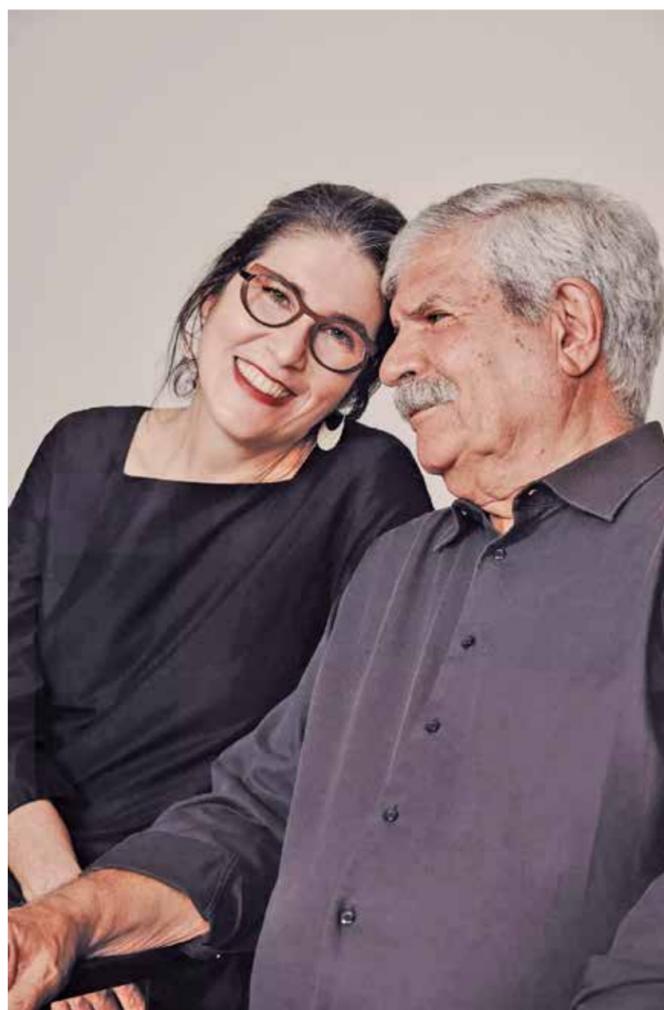


Foto: Lorena Dini/Divulgação

Parceria entre Mônica Salmaso (E) e Dori Caymmi (D) aconteceu depois que o compositor participou da série do Instagram ‘Ô de Casas’

Além de um álbum primoroso, *Canto Sedutor*, com a sensibilidade de Mônica em privilegiar a parceria Dori Caymmi/Paulo César Pinheiro, mostra que am-

bos seguem o propósito que os uniu e que nem o tempo e tampouco essa “gente” capaz de assustar até a água tiveram força para desviar.

“

Nossa música é de um Brasil menos progressista, sem essa coisa de industrialização. Até meio utópico. O Brasil para mim foi ter conhecido Cartola, Zé Kéti, Nelson Cavaquinho, Monsueto. Ouvir meu pai dizer: ‘A coisa que mais me entristeceu foi chegar ao Rio de Janeiro em 1938 e Noel Rosa ter morrido em 1937’. Essa era a frustração dele

Dori Caymmi

menos progressista, sem essa coisa de industrialização. Até meio utópico. O Brasil para mim foi ter conhecido Cartola, Zé Kéti, Nelson Cavaquinho, Monsueto. Ouvir meu pai dizer: ‘A coisa que mais me entristeceu foi che-



Imagem: Divulgação

■ Capa do álbum ‘Canto sedutor’ é uma xilogravura criada para o disco pelo artista de Pernambuco Marcelo Soares

GASTOS E RECEITAS

A LDO e os limites para o orçamento

Lei detalha uso dos recursos públicos pela União, estados e municípios, estabelecendo as metas e prioridades

Pettronio Torres
pettroniotorres@yahoo.com.br

A Assembleia Legislativa da Paraíba apreciou e votou a Lei de Diretrizes Orçamentárias, também conhecida como LDO, que é o preâmbulo para a apreciação e votação da Lei Orçamentária Anual, a LOA, no final do ano pelos deputados estaduais. Mas afinal o que são estes mecanismos? para que servem eles? qual a sua importância para os paraibanos? O que ele pode interferir na economia do estado? Para explicar estas e outras questões, o jornal **A União** ouviu vários especialistas na matéria, esmiuçou tudo e traz para você, leitor, porque são tão importantes para os estados, municípios e União essas três letrinhas.

Didaticamente a Lei de Diretrizes Orçamentárias, a LDO, estabelece diretrizes para a confecção da Lei Orçamentária Anual, a LOA, contendo metas e prioridades dos governos federal, estaduais e municipais, despesas de capital para o exercício financeiro seguinte, alterações na legislação tributária e política de aplicação nas agências financeiras de fomento.

A Lei de Diretrizes Orçamentárias reúne detalhes sobre o uso dos recursos públicos no curto prazo, definindo as ações para o ano seguinte. Cada LDO é construída com base no orçamento do ano anterior, que serve de base para a elaboração do projeto de lei de Diretrizes Orçamentárias, vigen-



Foto: Ascom/ALPB

Sessão da Assembleia Legislativa, que aprovou, durante essa semana, a LDO, com a previsão de receita e despesas para o ano de 2023

te após sua aprovação.

O projeto da LDO é elaborado pelo Poder Executivo, sob a direção do Ministério ou secretarias, nos casos

“
É na LDO que são definidos os critérios para o equilíbrio financeiro

Gilmar Martins

de estados e municípios, do Planejamento, Orçamento e Gestão. Ela precisa ser encaminhada ao Congresso Nacional, Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais, geralmente até o dia 15 de abril de cada ano.

“A Lei de Diretrizes Orçamentárias é de suma importância para o planejamento, controle e transparência na gestão governamental. É na LDO que são definidos os critérios norteadores para o equilíbrio entre a receita e a despesa, limitação de empenhos (despesas), em caso de frustração da receita, metas fiscais (resultado primário e nominal). Nesta legislação também são tratadas ques-

tões inerentes a alterações na legislação tributária, limite para despesas com pessoal e a política de aplicação das agências oficiais de fomento”, explicou o secretário de Planejamento, Orçamento e Gestão do Estado da Paraíba, Gilmar Martins.

No entanto, outros pontos são observados na construção destas peças, destes documentos, deste projeto, no caso da LDO, como explica o secretário Gilmar Martins. Entre estes itens, o titular da pasta de Planejamento, Orçamento e Gestão explica as variantes que podem ocorrer, como as emendas impositivas dos parlamentares.

“Normalmente, ganham destaque o limite de recursos destinados às emendas parlamentares e aos duodécimos dos Poderes e órgãos autônomos”, ressaltou Gilmar Martins, lembrando dos duodécimos, que são os repasses ao Tribunal de Justiça, Assembleia Legislativa e outros que detêm autonomia financeira.

Este ponto observado pelo secretário foi reforçado durante a semana pelo relator da LDO de 2023, deputado Wilson Filho (Republicanos). Ele reafirmou entre outros pontos ditos por Gilmar Martins, a importância das emendas impositivas dos parlamentares,

■
A Lei de Diretrizes Orçamentárias reúne detalhes sobre a aplicação dos recursos públicos no curto prazo, definindo as ações para o ano seguinte

incluída na Peça. Este ano, inclusive, com reajuste.

“O papel de um relator é de consenso. Analisamos cada uma das emendas, debatemos, tivemos uma extensa quantidade e alterações. Os deputados elogiaram e aplaudiram o reajuste nas emendas impositivas”, endossou.

Muitos pensam que são as mesmas coisas, LDO e LOA. Não são. Existe grandes diferenças, entre elas é que a Lei Orçamentária Anual traz em detalhe o que deverá ser gasto. Enquanto a Lei de Diretrizes Orçamentárias terá 1 ano de vigência, mas com prazo para aprovação diferente do orçamento anual.

Com a LOA, gestor sabe quanto pode gastar

Fixar quanto poderá ser gasto em cada um desses itens no próximo ano e dizer de onde virão os recursos para bancar essas despesas. Esse é o papel da Lei Orçamentária Anual (LOA). Os prazos da LOA são os mesmos do PPA: encaminhamento ao Legislativo até 31 de agosto e devolução para sanção até o encerramento dos trabalhos no Poder Legislativo. Esse projeto, geralmente, é o último a ser aprovado por deputados

e vereadores em cada ano, porque a Constituição Federal impede que eles saiam de recesso enquanto esse projeto não for aprovado. Assim como a LDO, a LOA tem vigência anual.

A LOA estima as receitas para o próximo ano, com base no histórico de arrecadação e em uma previsão de crescimento ou redução de acordo com os movimentos do mercado. Com a informação de quanto provavelmente teremos de arrecada-

ção no ano seguinte é que são fixadas as despesas para cada uma dessas ações. Ou seja, depois da aprovação dessa lei, os gestores de cada área saberão qual é o valor máximo que poderão gastar em cada uma das ações listadas no PPA.

Isso não significa, necessariamente, que aquele valor estará disponível em caixa para a realização dessas despesas, já que as receitas foram apenas estimadas e dependem da sua realização

Previsão

Lei estima as receitas para o próximo ano, com base no histórico de arrecadação

para que estejam à disposição. O principal benefício dessa fixação de despesas é oferecer um norte para que os gestores planejem as etapas táticas e operacionais daquelas ações no ano seguinte.

Vale lembrar, segundo os estudiosos, existem várias técnicas para o desenvolvimento das peças, e o debate de cada um desses instrumentos mobiliza um grande número de especialistas e consome várias horas de gestores no Executivo e no Legislativo. Tudo isso para garantir uma melhor governabilidade e impedir que esses mesmos gestores infrinjam regras como as listadas na Lei de Responsabilidade Fiscal, que podem levar à perda de mandatos e até a prisão.

Especialista explica a importância do PPA

O Plano Plurianual (PPA) é, hierarquicamente, o primeiro desses instrumentos. Nesse documento, que define as diretrizes, objetivos e metas da administração pública em um prazo de quatro anos, é estabelecido um planejamento de médio prazo para o país, o estado ou o município.

“A Lei de Orçamento Anual é o orçamento que deve ser elaborado seguindo o PPA e as diretrizes anuais aprovada na LDO. Nenhum programa pode ser instituído na LDO se não tiver previsto no PPA e também nenhuma despesa pode ser inserida na LOA sem que esteja descrita na LDO”, explica o economista e administrador de empresas Sandro Gomes.

Seu conteúdo é mais estratégico, contemplando investimentos em obras que durem mais de um ano, por exemplo, e oferecendo um norte para que os outros dois instrumentos orçamentários (a LDO e a LOA) sejam desenvolvidos de forma mais integrada e coesa.

Além disso, o PPA ajuda a garantir a continui-

dade dos projetos públicos, já que sua vigência começa no segundo ano dos mandatos e se encerra no primeiro ano do mandato seguinte. Ou seja, o PPA desenvolvido por um governante deverá, necessariamente, ser executado pelo seu sucessor, independente de questões ideológicas ou partidárias.

“O Plano Plurianual serve para planejar a longo prazo e também a continuidade das ações, portanto, ele é elaborado para quatro anos e sempre ao final do primeiro ano de mandato do gestor. Ou seja, todo gestor ao tomar posse trabalha com um ano do planejamento do gestor que o antecedeu e, conseqüentemente vai planejar um ano do seu sucessor”, reforçou o economista.

O PPA deve ser enviado pelo Poder Executivo até 31 de agosto do primeiro ano de cada mandato, e o Poder Legislativo deve devolvê-lo para sanção do chefe do Poder Executivo até o encerramento da sessão legislativa. O plano passa a vigorar em 1º de janeiro do segundo ano do mandato.



Foto: Edson Matos

Segundo Martins, a LDO é de suma importância para o planejamento, controle e transparência

ESTADO PARALELO

Cartéis de drogas mantêm forte poder na Amazônia

Investigações revelam a existência de cadeia criminosa em atividade na região

Vinicius Valfré
Agência Estado

Cartéis de drogas de Miami, Medellín e Sinaloa mantêm um estado paralelo no Alto Solimões, na Amazônia. É um Brasil onde até o poder público precisa seguir regras impostas pelo crime. O Estadão teve acesso a informações sigilosas que fazem parte de investigações sobre o contexto do assassinato do indigenista brasileiro Bruno Pereira e do jornalista inglês Dom Phillips e que revelam a existência de uma cadeia criminosa em plena atividade pelos rios, florestas e cidades da tríplice fronteira com a Colômbia e o Peru.

As comunidades ribeirinhas nas margens do Rio Itaquai, que deságua no Javari, afluente do Solimões, sofrem forte influência do tráfico, como as de São Rafael, de São Gabriel e de Ladário. Foi da comunidade de São Rafael que Pereira e Phillips partiram no último dia 5 em direção a Atalaia até não serem mais vistos.

Trata-se de megasquema de transporte de armas e drogas, pistolagem e lavagem de dinheiro que tem impacto na economia de nove municípios com o mercado de entorpecentes e de pesca e caça ilegais em uma região de 213 mil km² de floresta, maior que o território do Estado do Paraná.

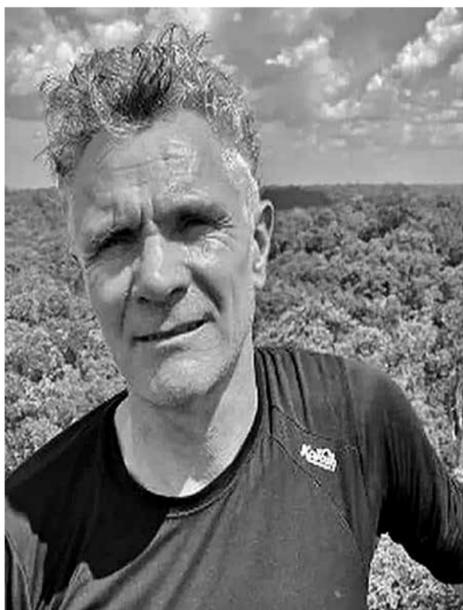


Foto: Fotos Públicas

O jornalista inglês Dom Phillips e o indigenista Bruno Pereira foram vítimas dos cartéis na região

Influência

As comunidades ribeirinhas às margens do Rio Itaquai, como as de São Rafael, de São Gabriel e de Ladário, sofrem forte influência do tráfico

Do outro lado do Rio Javari, em território peruano, as plantações de coca podem ser encontradas em meia hora de viagem. Nas cidades dessa área de fronteira, a emissão de notas fiscais é raridade. Sem controle do Fisco, o dinheiro dos cartéis se mistura ao de negócios constituídos para dar aparência de legalidade aos esquemas que aliciam comerciantes, atravessadores, pescadores, caçadores e políticos locais.

A reportagem reconstituiu a rede do crime a partir de documentos e conversas com agentes ligados às investigações, autoridades da segurança pública do Amazonas, advogados que atuam na fronteira, ribeirinhos, indígenas e pessoas com acessos a traficantes de drogas. Dos três cartéis internacionais, o de Medellín predomina no Alto Solimões, região que compreende os municípios de Tabatinga, Benjamin Constant e Atalaia do Norte.

Bruno pode ter sido vítima de atravessador

A polícia trabalha com a suspeita de que um atravessador com dupla nacionalidade tenha dado uma ordem para que o pescador Amarildo Costa, o Pelado, preso temporariamente, matasse Pereira por causa de prejuízos ao negócio ilegal da pesca que o indigenista vinha causando com fiscalizações. Como mostrou o Estadão, Pereira treinou uma equipe de vigilância indígena capaz de documentar a ação de infratores em territórios preservados, e a medida prejudicava o fluxo criminoso.

O atravessador, conhecido como Colômbia, tem propriedades em Benjamin Constant, segundo as investigações. No entanto, atua nas sombras. Apesar de estar no radar de policiais há anos, investigadores de campo relataram à reportagem que só viram a primeira fotografia dele há três dias.

Um policial federal ouvido sob anonimato disse que traficantes que dominam as calhas dos rios Ituaí, Itaquai e Javari são só a base de uma rede maior. Eles atuam como “capatazes” para intermediários que, em cidades como Tabatinga, assumem negócios legais, como restaurantes, cafés e hotéis, para lavar dinheiro. Esses intermediários prestam contas a líderes dos cartéis internacionais.

Ribeirinhos e pescadores como Pelado e outros sob investigação têm papel fundamental para os traficantes. Eles agem como líderes nas comunidades e conseguem dar vazão a produtos extraídos da floresta. Com isso, traficantes conseguem reforçar a aparência de legalidade de seus negócios e passam a ter a condescendência de ribeirinhos para operar rotas de drogas para outros Estados e para a Europa.

Apesar de toda a movimentação militar em Atalaia, amigos de Pelado continuam entrando e saindo de terras indígenas com embarcações que levam freezers para pescados. Um deles, conhecido como Caboclo, foi flagrado pela reportagem próximo a um dos “furos” (atalhos) do Itaquai. Ele é monitorado pela polícia e já prestou depoimentos. Até agora, é tratado como testemunha.

Na fronteira, o mercado de pesca ilegal, sobretudo a do ameaçado pirarucu, de tracaças e tartarugas, não foi suspenso mesmo com os olhos do mundo voltados para a Amazônia. Numa apreensão no dia 23 de março, Pereira causou um prejuízo avaliado em mais de R\$ 120 mil a exploradores, segundo relatos de fontes que atuam nas investigações.

As informações levantadas pelos indígenas e de-

mais integrantes da equipe de Pereira possibilitaram a apreensão no porto de Atalaia de mais de uma tonelada de pirarucu e de carne de anta. O barco de valor estimado em R\$ 70 mil também foi confiscado. Uma tartaruga adulta é vendida por cerca de R\$ 1 mil no mercado paralelo.

■ O atravessador conhecido como Colômbia tem propriedades em Benjamin Constant, segundo as investigações da polícia

Traficantes exploram criminosos ambientais

Responsável pela criação da Divisão de Repressão aos Crimes contra o Meio Ambiente e Patrimônio Histórico da PF, nos anos 2000, o delegado Jorge Pontes afirmou que o interesse de narcotraficantes em explorar criminosos ambientais se dá pela diferença nas punições aos dois crimes. A extração ilegal de recursos naturais tem pena considerada branda, na comparação com a de tráfico inter-

nacional de drogas. “Os traficantes perceberam que essas atividades são extremamente lucrativas e a reprimenda para esses crimes ambientais é muito baixa”, disse Pontes. “E os crimes ambientais têm suporte de políticos, porque essas atividades financiam campanhas.”

O delegado liderou diversas apreensões na Amazônia. “Percebia que os barcos levavam de tudo, de tartarugas e

armas a grupos de garimpeiros. É uma área sem lei. Tem havido um recrudescimento por falta de fiscalização”, afirmou.

Em Atalaia do Norte, dois procuradores da prefeitura, escalados pelo chefe do Executivo local, chegaram a assumir a defesa do pescador que teve a prisão temporária decretada. Eles foram escolhidos pelo prefeito Denis Paiva (PSC), que justificou a “coincidência” dizendo que faltam advogados no município.

Paiva foi vereador em 2008 e está no primeiro mandato como prefeito. Declarou R\$ 91 mil na campanha de 2020. Do total, o valor de R\$ 1 mil foi em doação privada. O restante veio do partido. “É um município onde todo mundo se reporta ao prefeito. Eu não conheço as pessoas como criminoso, conheço como pescador”, disse Paiva.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Chegada de Bob Motta no céu

Maria Ângela de Faria Grillo é doutora em História, pela Universidade Federal Fluminense e École des Hautes Études em Sciences Sociales. Integra o corpo docente do Curso de Licenciatura e do Curso de Mestrado em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Ela escreveu o livro “A arte do povo na literatura de cordel”, onde afirma que “o cordel é como uma janela aberta para se investigar outras visões e outras versões das narrativas históricas”. Publiquei esta citação na contracapa do meu folheto “Chegada de Bob Motta no céu de Adele”, sobre a morte da esposa do meu amigo poeta Bob Motta, autor de 230 folhetos, também já falecido. Roberto Coutinho da Motta nasceu em Natal, Rio Grande do Norte, mas passou a mocidade no Sertão da Paraíba, no Cariri de Cabaceiras, Boqueirão, Serra do Monte, Pocinhos, Grado Bravo e outras quebradas. Sua poesia tem a fala do caipira da gema, influenciado por Zé da Luz e Catulo da Paixão Cearense.

No verso metrificado, contei a viagem de sonho que Bob Motta fez ao céu para rever seu grande amor, em folheto que trata de dois temas quase inéditos no meu trabalho com literatura de cordel: divindade cristã e afeições de amantes. Este folheto circulou em vários espaços de cultura na capital potiguar. Os familiares de Bob levaram meu cordel para o Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão e outras instituições da terra de Câmara Cascudo, o maior folclorista de todos os tempos, grande amigo de Bob Motta. Algumas sextilhas do folheto:

Entre astros e estrelas
Bob Motta procurou
A sua querida Adele
Nos sete céus encontrou
Em bela senda florida
Sua alma penetrou
Porque poeta não morre
Apenas muda de plano
Muito acima da visão
Precária do ser humano
Terra não comensurável
No santo meridiano
Em arco bem curvilíneo
Onde se lia o letrado:
“Bem-vindo seja o poeta
Do Nordeste brasileiro
Com a viola matuta
E seu cantar altaneiro”
Eis, porém, mais que ligeiro,
Surge um ser que o deixa mudo
Na comitiva de frente
Vem o Câmara Cascudo
Folclorista de Natal
Que foi seu mestre em tudo.
Cascudo abraça o poeta
Na aura misteriosa
Tendo na mão um livrinho
Na outra mão uma rosa
Convidando para um chá
E dois dedinhos de prosa
Mas o anjo diligente
Vooou pela imensidão
Do tempo/espaço celeste
Pra fazer a narração
De como Bob encontrou
Sua mais forte paixão.
Isso se deu no Salão
Da Espiritualidade
Onde as almas se encontram
Quando têm afinidade
Em seus pendores e instintos
Conforme a Grande Verdade.

E segue a trajetória de Bob Motta em busca de sua alma gêmea no plano espiritual, neste folheto que passou a fazer parte do acervo do projeto “Encanta cordel”, patrocinado pelo Fundo Nacional de Cultura, através do Instituto Cultural Vale.

Este e outros cordéis de poetas paraibanos serão distribuídos em escolas públicas da Paraíba, Pernambuco e Maranhão. Pedidos para o meu e-mail: mozartpe@gmail.com

MULHERES NA POLÍTICA

Participação feminina é pequena

Desde o início da República, em 1889, Brasil teve uma mulher presidente, Dilma Rousseff, e apenas 16 governadoras

Paola Lima e Raissa Portela
Agência Senado

De acordo com o IBGE, mais da metade da população brasileira (51,13%) é feminina, e elas representam, segundo Tribunal Superior Eleitoral, 53% do eleitorado. No entanto, ocupam hoje menos de 15% dos cargos eletivos.

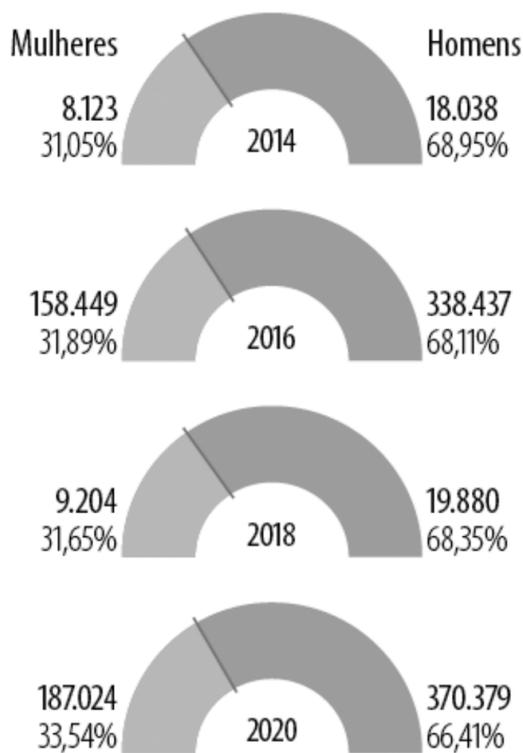
Desde o início da República, em 1889, o país teve uma única presidente, Dilma Rousseff, e apenas 16 governadoras mulheres. Dessas, só oito foram eleitas para o cargo, as demais eram vice-governadoras que ocuparam o posto com a saída do titular.

As oito eleitas governaram seis estados — Maranhão, Rio Grande do Norte, Pará, Rio de Janeiro, Roraima e Rio Grande do Sul —, sendo três delas no Rio Grande do Norte. O estado nordestino, aliás, é pioneiro em participação feminina na política. Foi o primeiro, em 1927, a autorizar as mulheres a votarem e serem votadas. Também foi, em 1928, o primeiro do país a eleger uma prefeita: Alzira Soriano, na cidade de Lajes.

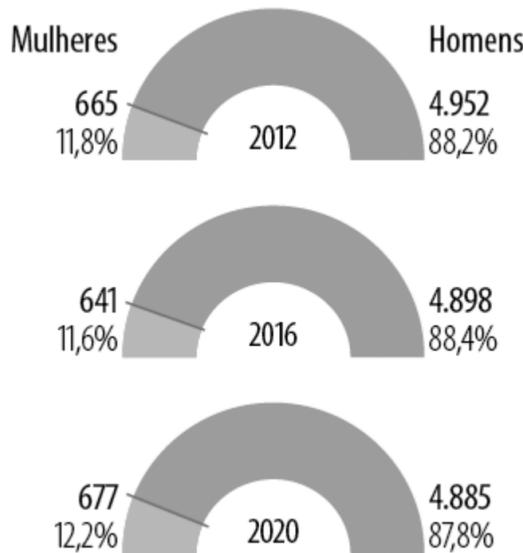
Apenas com o Código Eleitoral de 1932, há 90 anos, o voto feminino foi autorizado em todo o Brasil. As brasileiras então puderam ir às urnas e eleger seus representantes. Entre eles, elegeu-se uma mulher, Carlota Pereira de Queirós, em São Paulo, deputada pioneira do Parlamento.

“Ocupamos apenas 15% das cadeiras na Câmara dos Deputados; no Senado, são 13%. Nas assembleias estaduais, a mesma situação: apenas 161 mulheres foram eleitas, o que também representa uma média de 15% do total de postos. Uma vergonha! Temos de garantir a paridade de gênero no Congresso Nacional e nas assembleias. A lei que exigiu um mínimo de 30% de mulheres candidatas nas chapas foi importante, mas não é suficiente”, protesta Vanessa Negrini.

Candidaturas femininas nas eleições



Porcentagem de prefeitas eleitas nas últimas eleições municipais



Fonte: TSE
agênciasenado



Senadora Leila Barros (PDT-DF), procuradora da mulher; senadora Eliziane Gama (Cidadania-MA)



Mais recursos para campanhas e ações educativas são essenciais

Para mudar essa realidade, é fundamental o estímulo ao lançamento de mais candidaturas femininas, especialmente de mulheres negras, indígenas e de identidades LGBTQIA+. Na avaliação da consultora legislativa do Senado Mila Landin, ajudam nesse processo medidas como a garantia de recursos financeiros para o financiamento das campanhas; ações educativas para combater a desigualdade de gênero; e ações afirmativas, como a reserva legal de cotas para mulheres em alguns cargos.

Ações afirmativas

A senadora Leila Barros (PDT-DF), procuradora da Mulher no Senado, também defende a adoção de ações afirmativas para promover maior participação das mulheres na política, assim como para combater as distorções históricas que colocaram a mulher em segundo plano nesta área.

“A mulher tem uma visão mais ampliada da sociedade e é mais afeita ao diálogo, além

Reserva legal de cotas para mulheres em alguns cargos é uma das medidas defendidas por especialista

de ter maior conhecimento de causa sobre pautas femininas como aborto, saúde, assédio, maternidade e igualdade de gênero. Por outro lado, já demonstramos também ter qualificação semelhante à dos homens para ocupar quaisquer funções”, afirma.

Leila e as demais integrantes da Bancada Feminina no Senado promovem no mês passado o Seminário Mais Mulheres na Política, no Plenário da Casa. O objetivo do evento é incentivar e criar condições para que as mulheres usem o voto de forma ativa, além de estimular o debate sobre a baixa representatividade

de das mulheres nos diversos espaços de poder. O encontro deve ainda rever ações e estratégias para ampliar a participação feminina na política e assegurar que mais mulheres sejam eleitas.

O seminário contará com a presença de artistas, jornalistas, empreendedoras, parlamentares e especialistas sobre o assunto.

A líder da Bancada Feminina, Eliziane Gama (Cidadania-MA), explica que o seminário busca a equidade de gênero nas esferas de poder, para que a diferença de pontos de vista enriqueça as discussões e aperfeiçoe os projetos e políticas públicas.

O evento, aberto ao público, é suprapartidário e conta com as parcerias do TSE e da Câmara dos Deputados.

“A política precisa e deve ser assunto de mulher. É importante a escolha de candidatas e candidatas que tenham compromisso com políticas públicas e propostas para as mulheres e para o Brasil”, diz Eliziane.

Relatório do Banco Mundial fala em perda de oportunidades

Uma nação passa pela equidade de gênero, ao se investir em políticas de educação e inclusão produtiva das mulheres

Em 2018, o Banco Mundial divulgou o relatório Perda de Oportunidades: o elevado custo de não educar as meninas. O documento constata que garantir às adolescentes o ingresso no Ensino Médio resultava em uma gama de benefícios socioeconômicos para o país, como a quase eliminação do casamento infantil, a redução em um terço da taxa de fertilidade em países com alto crescimento populacional e a diminuição da

mortalidade infantil e da desnutrição.

O relatório concluiu que o desenvolvimento de uma nação passa pela equidade de gênero, ao se investir em políticas de educação e inclusão produtiva das mulheres.

“A questão é como conquistar essas políticas se não tivermos mulheres presentes na sua proposição, formulação e decisão. Como deixar de ser o quarto país do mundo com relação ao número de casamentos infantis? Como sair da quinta posição mundial em casos de violência contra a mulher? Uma resposta parece ser direta: nós, mulheres, temos de participar da política”, endossa a advogada especialista em direito eleitoral Gabriela Rollemberg, cofundadora do Quero Você Eleita (QVE), movimento de apoio jurídico a mulheres candidatas por todo o país.

Ativo desde junho de 2020,

o QVE é um laboratório de inovação política, em que uma rede de profissionais trabalha para ampliar a presença feminina na política, ajudando em suas candidaturas e mandatos.

Recursos para campanhas

Gabriela Rollemberg relata que o Brasil teve importantes avanços, como as mulheres terem mais anos de escolaridade que os homens, viverem mais tempo e serem mais da metade da população ativa do país.

Para as eleições deste ano, ela dá como exemplo a recente legislação que passou a obrigar uma destinação do percentual mínimo dos recursos do fundo eleitoral e do fundo partidário para as candidaturas femininas e, proporcionalmente, para as candidaturas de mulheres e homens negros.

A Emenda Constitucional 111, promulgada em setembro

de 2021, determinou a contagem em dobro dos votos dados a mulheres e pessoas negras no cálculo da distribuição dos recursos dos fundos partidário e eleitoral nas eleições. A medida vale a partir deste ano até 2030. O texto traz ainda a mudança do dia da posse do presidente da República (para 5 de janeiro) e dos governadores (para 6 de janeiro) e constitucionaliza a fidelidade partidária.

A EC 111 fará diferença para a candidatura de Tatiana Pires, que conta com acompanhamento do QVE. Mesmo as mulheres negras sendo o maior grupo demográfico do país (28% da população), nas eleições municipais de 2020 elas representaram apenas 6% dos eleitos para prefeitura ou Câmara Municipal.

“Eu me lembro de quando teve o plebiscito sobre monarquia ou democracia e pessoas apontaram o dedo para mim

e falarem: “Vai ser monarquia, porque vocês têm que voltar a ser escravos”. Isso eu nunca esqueci. Imagina uma adolescente ouvir coisas como essas. A representatividade da mulher negra é muito importante”, reforça.

Em abril deste ano, outra emenda constitucional foi promulgada pelo Congresso como ação afirmativa para estimular candidaturas femininas.

A EC 117 incluiu na Constituição a aplicação de percentuais mínimos de recursos do fundo partidário nas campanhas de mulheres e em programas voltados à participação delas na política.

Na prática, passa a ser regra constitucional a destinação de 30% dos recursos de campanha dos partidos para candidaturas femininas. E se o partido lançar mais que 30% de candidaturas femininas, o tempo de rádio e TV e os re-

ursos devem aumentar na mesma proporção.

A efetiva inclusão das mulheres é a certeza de que estamos assegurando paridade igualitária na política brasileira. Muito ainda deve ser feito e vamos continuar trabalhando nesse caminho — assegura o senador Carlos Fávaro (PSD-MT), autor da proposta de emenda à Constituição que deu origem à EC 117.

Oportunidade de emprego

A TESS Indústria, seleciona Pessoas com Deficiência (PCD) os interessados deverão enviar o currículo para o site jobs.kenoby.com/tess.”



Editoração:
Ulisses Demétrio



Archidy Picado Filho, Sandra Moura, Madeleine Braga, Cumpade João, Genésio Sousa Neto, Clóvis Júnior, Sônia Iost de Freitas, Dóris Minervino, Roberto Luna Freire, Guy Joseph Cavalcanti e Lindolfo Pires são os aniversariantes da semana.



Por meio do jornalista Josemberg Lima, recebi a notícia de que o padre Ranière Santos, da cidade de Juazeirinho, festejou seu aniversário cercado pelo carinho dos seus pais, Dilza e Reinaldo Santos.



A bordo de confortável ônibus, a M&M, empresa de turismo dirigida por Marluce Almeida e por esta colunista, levou um grupo de amigas para vivenciar os festejos juninos no Sítio São João, em Campina Grande. No espaço junino, fomos recepcionados pelo coordenador de turismo de Campina Grande, Miguel Ângelo Gomes.



Durante Fantour realizado na Rainha da Borborema, na quinta-feira (16), visitamos o Espaço Janete Costa, no Shopping Partage, importante centro comercial da terra da escritora Elizabeth Marinheiro. No local, registrei as presenças das amigas Eunice Costa, Eimar Oliveira, Ana Maria Acyoli, Divani Brasil, Marlene Barros, Mércia Mota, Graça Sousa e Antonieta Macedo.



O Arraia da Tetê, tradicional festa junina, foi realizado no Clube Cabo Branco, na terça-feira (14). O evento, realizado pela jornalista Thereza Madalena (na foto entre Madalena Pinto e seu filho, Mô Lima), foi sucesso total. Claro que a assessoria da News Comunicação, empresa liderada pela jornalista Eliane Sobral, deu o toque de valor a festa de São João.



Em ritmo de Santo Antônio, São João e São Pedro, a coluna deste domingo homenageia os seguintes casais: Brayner Júnior e Julianna Martins, Abelardo e Maria Lúcia Jurema, José e Roberta Vieira.



Foi inaugurada, na terça-feira (14), a loja conceito do Museu do Artesanato Paraibano Janete Costa, no Partage Shopping. A primeira-dama do Estado, Ana Maria Lins, na foto entre o superintendente do shopping, Wagner Fernando Silva, da gestora do Programa de Artesanato Paraibano, Marielza Rodriguez, da gerente de marketing, Claudia Durães, e da relações públicas, Milka Prado de Barros Lima, prestigiou o evento.



Foto: Edson Matos

Durante evento que aconteceu na quarta-feira (15), em João Pessoa, o deputado federal Aginaldo Ribeiro (PP) declarou que será candidato à reeleição como deputado federal e que vai, junto com o Progressistas, caminhar junto com o governador João Azevêdo nas eleições deste ano.



Por meio de vasta e importante programação, o Festival do Japão na Paraíba, em sua 17ª edição, será finalizado domingo, na Usina Cultural da Energisa, em João Pessoa. A rica e diversificada cultura japonesa, está sendo mostrada e apresentada, por meio de palestras, workshops, games, karaokê, k-pop, exposições e apresentações musicais, oficinas de origami e ikebana.



Uma série de três lives no Instagram @feirabrasilmostrabrasiloficial está trazendo uma série de informações sobre o maior evento multisetorial do Norte e Nordeste: Brasil Mostra Brasil, que será realizada de 8 a 17 de julho em João Pessoa-PB. À frente da iniciativa está o empresário Wilson Martinez, idealizador da Multifeira e também o diretor-geral do evento.

IMOBILIÁRIA PARAIBA PROPERTY
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

Contabilize
Consultoria e Assessoria Contábil

LIVRE-SE DAS DORES NA COLUNA SEM CIRURGIA
FONE: (83) 3204-0423 / 98708-8189
DOUTOR HERNIA

Selic

Fixado em 15 de junho de 2022

13,25%

Sálário mínimo

R\$ 1.212

Dólar \$ Comercial

2,35%
R\$ 5,144

Euro € Comercial

2,72%
R\$ 5,400

Libra £ Esterlina

1,67%
R\$ 6,288

Inflação

IPC do IBGE (em %)	
Maio	0,47
Abril	1,06
Março	1,62
Fevereiro/2022	1,01
Janeiro/2022	0,54



ECONOMIA LIMPA

Crédito verde populariza energia renovável na PB

Com apoio financeiro, cada vez mais famílias aderem às práticas sustentáveis

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

A Paraíba está recebendo investimentos bilionários na implantação de usinas de energia eólica e solar. Empresas multinacionais estão ampliando a capacidade de geração de energia limpa no estado. Contudo, a produção de energia sustentável não é exclusiva das grandes empresas. A distribuição de recursos possibilitou o acesso à implantação de pequenas usinas fotovoltaicas em toda a Paraíba, beneficiando as mais diversas atividades produtivas.

O Banco do Nordeste concedeu crédito de R\$ 6,9 bilhões

em 12 mil operações, no ano de 2021, para projetos que demonstram elementos de sustentabilidade, na região. A instituição destaca a importância dos projetos de energia renovável, que receberam o chamado "crédito verde".

O Programa FNE Verde Infraestrutura liberou recursos de R\$ 6,2 bilhões para geração de solar e eólica. O objetivo da linha de financiamento é desenvolver empreendimentos e atividades econômicas que possibilitem a preservação, a conservação, o controle e a recuperação do meio ambiente, com foco na sustentabilidade e na competitividade das empre-

sas e cadeias produtivas.

O investimento é para projetos de tamanhos diversos. Um deles foi o do casal de agricultores Marizete e José Marcelino dos Santos. Eles trabalham produzindo hortaliças e polpa de frutas. A atividade mobiliza toda a família, em sua propriedade de três hectares, na cidade de Caçimba de Areia.

"A gente planta coentro, alface, cebolinha, rúcula e couve-flor. Como estamos no inverno, a colheita de hortaliça não é fácil, mas não paramos de produzir. Vendemos nossa produção em feiras de Patos, em alguns dias da semana", explica Marizete dos Santos.

Recursos

Apenas na linha de financiamento do Banco do Nordeste, o investimento em projetos sustentáveis na região alcançou R\$ 6,9 bilhões em 2021

Foto: Arquivo pessoal



A família de dona Marizete e seu Marcelino se orgulha de ter investido em energia solar e ainda economizar no fim do mês

Empréstimos são parcelados em até 12 anos

■ **Aprovação do crédito leva em consideração o projeto apresentado pelo cliente e concede até quatro anos de carência**

Nos últimos 25 anos, o Banco do Nordeste contribuiu para melhorar as possibilidades de produção da família. Conforme José Marcelino, o primeiro empréstimo foi ainda em 1997. No segundo, em 2013, os valores foram empregados

para construir o prédio de beneficiamento da polpa de frutas. O último foi para aquisição de equipamentos para produção de energia solar. "Já faz quatro meses que não gastamos R\$ 1 com energia elétrica", destaca.

O produtor rural afirma que o empréstimo foi de R\$ 20 mil e ele tem o prazo de 10 anos para quitar, começando em outubro deste ano. "Contando com o gasto de energia de nossa casa e da unidade de polpa de frutas, estamos deixando de gastar valores que variam de R\$ 450 a R\$ 470 por mês", comemora o agricultor. "É uma economia boa, no fim do mês".

Para aprovação do crédito da linha FNE Verde Infraestrutura, o Banco do

Nordeste analisa o projeto, conforme o porte, e concede prazo de até quatro anos de carência. O período para quitação do empréstimo é de até 12 anos.

Proteção de dados

Com investimento da ordem de R\$ 5,4 milhões, a empresa Host Dime, que trabalha com armazenamento de dados nas nuvens, espera uma economia mensal de R\$ 150 mil com custos de energia elétrica, após a implantação de sua própria usina geradora de energia solar. O financiamento foi contratado com o Banco do Nordeste em maio para a geração de energia fotovoltaica no município de Pilar, na Paraíba.

O projeto é para uma

produção mensal de 5,9 megawatts para atender à demanda da sede da empresa, em João Pessoa. Para o empreendimento, o Banco do Nordeste liberou a quantia de R\$ 3,7 milhões, por meio do programa FNE Verde. A usina será construída em uma área de aproximadamente cinco hectares.

O CEO da Host Dime, Filipe Mendes, afirma que o projeto une tecnologia e sustentabilidade e adianta que os demais data centers da empresa vão funcionar também a partir da geração de energia renovável. O objetivo é contribuir para um mundo mais consciente de suas responsabilidades.

Continua na página 18

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrslva@gmail.com | Colaborador

Cesta básica de João Pessoa tem a 2ª menor variação em 12 meses entre as capitais

Com o atual cenário de alta inflacionária que assola o mundo, finalmente nos últimos dois meses o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) veio menor que o esperado. As projeções dos analistas não se cumpriram. Ainda é cedo para comemorar, o que vemos pelo mundo é algo assustador. No Brasil, o Banco Central atuou rapidamente, à frente de muitas outras economias subindo juros. Esperamos que isso reflita sobre o nosso desempenho nos próximos resultados.

A Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos (PNCBA), realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), analisa continuamente 17 capitais do Brasil. Os itens básicos pesquisados são definidos por um decreto lei do ano de 1938, que regulamentou o salário mínimo no Brasil e está vigente até os dias atuais. Os dados da pesquisa permitem a todos os segmentos da sociedade conhecer, estudar e refletir sobre o valor da alimentação básica no país.

Em maio, João Pessoa continuou sendo a 2ª capital brasileira com menor custo da cesta básica (R\$ 567,67), perdendo apenas para Aracaju (R\$ 548,38), com diferença de R\$19,19.

Na variação percentual em 12 meses, a capital paraibana apresentou o segundo melhor resultado com aumento de 15,47%, perdendo apenas para Vitória (R\$ 698,24) que contabilizou 13,17%. Em Recife (R\$ 595,89) o custo da cesta básica cresceu 23,94% nesse mesmo período, o maior entre as demais capitais. A comparação do valor da cesta entre maio de 2022 e maio de 2021 mostrou que todas as capitais tiveram alta de preço. Olhando para o Nordeste, Fortaleza segue com o maior custo da cesta básica (R\$ 628,46) e variação nos últimos 12 meses de 18,08%.

O maior custo da cesta básica foi registrado em São Paulo (R\$ 777,93), correspondendo a 69,39% do salário mínimo líquido do trabalhador. Para João Pessoa, a porcentagem do salário mínimo líquido é de 50,64%.

No geral, a pesquisa revelou que o salário mínimo necessário para a manutenção de uma família com quatro pessoas deveria equivaler a R\$ 6.535,40. O tempo médio necessário para adquirir os produtos da cesta básica foi de 120 horas e 52 minutos, menor do que o registrado em abril, de 124 horas e oito minutos. Em maio de 2021, a jornada necessária ficou em 111 horas e 37 minutos.

Segundo a pesquisa, os alimentos que mais subiram de preços recentemente foram: pão francês; farinha de trigo; leite integral; Farinha de mandioca; café em pó; e feijão. Estes itens registraram aumento em quase todas as capitais. Como já discutimos, a alta generalizada dos preços advém de uma série de fatos e consequências da pandemia. Todo o aumento de gastos públicos, isolamento social, quebra do fluxo de atividades produtivas em escala global, alteração no preço das commodities, conflito entre Rússia e Ucrânia, trouxeram diversos impactos negativos para as economias do mundo todo. Nos resta fazer bom uso dos instrumentos da política econômica para restabelecer o equilíbrio e garantir a estabilidade dos preços para o bem-estar da sociedade. Até a próxima!

SUSTENTABILIDADE

Estado é líder em financiamentos

Paraibanos têm recorrido ao crédito para colocar em prática projetos envolvendo a geração de energia limpa

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

No ano passado, o Sistema de Crédito Cooperativo (Sicredi) investiu R\$ 24,6 bilhões em projetos de sustentabilidade, contribuindo para a expansão da geração de energia renovável, em sua área de atuação. A Paraíba foi líder no número de financiamentos de energia solar, somando um total de 970 operações, que demandaram crédito de R\$ 85.190.346. Outros estados do Nordeste seguem o mesmo caminho no ranking, que conta com Ceará - 713 operações, no montante de R\$ 62.777.694; e Rio Grande do Norte, com 709 financiamentos, no valor de R\$ 56.484.648.

“A Paraíba se destaca dos demais estados em volume de recursos aplicados pelo Sicredi, dentre outros motivos, pelo fato de ter a maior cooperativa de crédito do Nordeste e uma das maiores do Brasil”, avalia Marcos Barbosa, consultor de Negócios da Central Sicredi Norte/Nordeste. “O valor de mais de R\$ 85 milhões corresponde ao saldo em carteira, sendo o volume aplicado bem superior, uma vez que já ocorreram algumas liquidações totais ou parciais dos financiamentos de energia solar”, completa.

Com as operações de crédito, os associados têm acesso à aquisição de equipamentos e tecnologia para captação de energia solar e geração de energia elétrica limpa em suas residências, empresas e propriedades rurais. Nas regiões Norte e Nordeste, no acumulado de janeiro a abril deste ano, já foi liberada quantia superior a R\$ 271 milhões no financiamento dessas instalações, em mais de três mil operações de crédito.

Despesas menores

A empresária Mayara Rodrigues encontrou na linha de crédito uma maneira de economizar no custo operacional de sua empresa de terceirização de serviços. Além disso, ainda vai garantir redução do orçamento de sua residência. “Eu fiz uma pesquisa de mercado sobre as empresas que ofertavam o serviço, em João Pessoa e, após contratar o empréstimo com o Sicredi, em dois dias comecei a instalação das placas fotovoltaicas”.

De acordo com a empreendedora, o financiamento foi aprovado em abril. No mês seguinte, a Energisa aprovou o projeto, após inspeção técnica, quando teve início a geração de energia solar. Mayara Rodrigues calcula que o gasto médio com energia elétrica era de R\$ 1.200, considerando o consumo da empresa e de sua casa. Porém, o valor é variável e reajustável anualmente.

“O projeto da usina foi orçado em R\$ 38 mil, dividido em parcelas de R\$ 1.100. Então, durante quatro anos, o valor da prestação será menor do que meu antigo gasto com energia elétrica. Esse valor é fixo e, depois do financiamento, estarei com custo zero de energia”, destaca a empresária.

A assessora do desenvolvimento do cooperativismo do Sicredi Norte/Nordeste, Cristiane Cavalcanti, destaca que a sustentabilidade está nas raízes do sistema cooperativo. “O nosso modelo de gestão é a base para o desenvolvimento sustentável do nosso negócio”.



Foto: Divulgação/Neoenergia

Parques eólicos têm modificado a paisagem no sertão paraibano e contribuído para a geração de energia renovável no estado

■ Santa Luzia reúne uma das maiores concentrações de parques eólicos da Paraíba, que vão gerar, em breve, mais de mil megawatts de energia

Empresa investe em modelo de agência sustentável

O Sicredi assumiu compromisso com o Pacto Global e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU). Com base na cultura de gerar impacto positivo econômico, social e ambiental, já desenvolveu agências 100% sustentáveis, sendo uma na Paraíba e outra na Bahia. As unidades foram edificadas em estrutura de contêineres, com infraestrutura e telhado verdes, reaproveitamento da água da chuva, geração de energia durante o uso do elevador, entre outros processos que auxiliam na preservação do meio ambiente.

A agência da cooperativa, Sicredi Evolução, em João Pessoa, ainda possui a certificação LEED (Leadership in Energy and Environmental Design), que é uma ferramenta de verificação para incentivar e acelerar a adoção de práticas de construção sustentável.

Outras iniciativas sustentáveis utilizadas nas demais agências do Sicredi são uso da energia solar, reaproveitamento de água dos aparelhos de ar-condicionado, destinação adequada dos materiais eletrônicos e parceria com cooperativas de materiais recicláveis para des-

carte de papéis, entre outras.

Na realização das operações de financiamento, os contratantes se comprometem a seguir a cláusula de responsabilidade socioambiental, sob pena de multa e liquidação antecipada das operações, em caso de descumprimento dos itens que definem compromissos socioambientais.

No que se refere à liberação de crédito para atividades mais propensas à geração de impactos ambientais, como agricultura e pecuária, as cooperativas trabalham com mecanismos detalhados de mitigação de riscos.



Foto: Divulgação/Sicredi

Unidades reaproveitam água da chuva e geram a própria energia

Santa Luzia cresce no setor de energia renovável

Oferta

Com mais de R\$ 7 bilhões em investimentos, o município paraibano vai ampliar a produção de energia sustentável nos próximos anos

O município de Santa Luzia está recebendo investimentos de empresas estrangeiras e brasileiras, na instalação de parques eólicos e de energia solar. A cidade sertaneja tem em operação uma usina de geração de energia eólica da empresa espanhola Iberdrola, com capacidade de 94,5 megawatts (MW). Conforme a Companhia de Desenvolvimento da Paraíba (Cinep), a empresa está investindo a quantia de R\$ 1,8 bilhão na ampliação do parque eólico, para expandir a produção em 471,2MW.

No início deste mês, o governador João Azevêdo assinou um protocolo de intenções com a EDF Renewables do Brasil, empresa ligada ao grupo francês, EDF, para a expansão do Parque Eólico Serra do Seridó, nos municípios de Junco do Seridó, Assunção, Salgadinho e Santa

Luzia. A ampliação do empreendimento, que corresponde à fase dois do complexo eólico, terá investimentos iniciais de R\$ 1 bilhão. A geração de energia eólica deve ser de 237,5 MW.

A primeira fase de implantação do Parque Eólico Serra do Seridó, na Paraíba, foi iniciada pela EDF Renewables em meados de 2021, com investimentos de R\$ 1 bilhão e capacidade instalada de 242 MW.

A empresa EDF Renewables vai utilizar crédito do Fundo de Desenvolvimento do Nordeste (FDNE), administrado pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) para realizar os investimentos. Segundo a empresa, o projeto prevê contrapartidas econômicas, sociais e ambientais, que incluem assistência técnica ao produtor rural e for-

mação de jovens em agentes rurais e ambientais.

Também deve haver ações de capacitação, regularização fundiária, instalação de poço artesiano e construção de casa de farinha. O Complexo Eólico Serra do Seridó está previsto para iniciar a operação em março de 2023 e é composto por seis projetos: Parque Eólico Serra do Seridó II S.A, Parque Eólico Serra do Seridó III S.A, Parque Eólico Serra do Seridó IV S.A, Parque Eólico Serra do Seridó VI S.A, Parque Eólico Serra do Seridó VII S.A e Parque Eólico Serra do Seridó IX S.A.

Outro parque eólico localizado na Paraíba é o de Mataraça. Montado pela empresa Spic Brasil, o potencial de geração de energia é de 62,7 MW. A estimativa é que, quando todas as unidades estiverem em operação, possam produzir 1.045,2 MW.

Energia solar

Santa Luzia também será um polo da geração de energia solar. A cidade terá uma usina do grupo Rio Alto, com capacidade instalada de 1.625 MW. Os investimentos serão de R\$ 4,6 bilhões. A empresa também tem uma usina em operação na cidade de Coremas, com capacidade de 81 MW e vai ampliar em mais 189 MW.

A usina da cidade de Malta, da empresa americana, Proton Energy, tem capacidade de geração de 54 MW. Já a portuguesa EDP Renováveis está construindo uma usina de poder gerar 89,5 MW, em São José da Lagoa Tapada, com investimentos de R\$ 250 milhões. Ao todo, a Paraíba terá capacidade de produzir 2.038 MW com a geração de energia solar, conforme a Cinep.

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Negacionismo é desafio adicional

Ciclo de “lives” promovido pelo Governo da PB chega ao fim apontando soluções e encaminhando fórum estadual

Renato Félix
Assessoria SEC&T

Foi encerrado esta semana o ciclo de lives sobre mudanças climáticas “A Consciência pelo Conhecimento”, promovido pelo Governo do Estado, através da Secretaria Executiva de Ciência e Tecnologia. Seis especialistas no assunto, de renome nacional e internacional, conversaram com os paraibanos sobre suas ideias e sobre dados a respeito desse problema que cada vez mais atinge os habitantes do planeta. As causas e as soluções estiveram em debate em transmissões ao vivo no canal no YouTube da Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia e resultaram em vídeos que continuam disponíveis para serem assistidos a qualquer hora (confira o quadro com os links). Ricardo Galvão, do Instituto de Física da USP e ex-diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), foi o convidado da live que fechou a série, na última quarta-feira.

Na introdução que apresentou Ricardo Galvão aos espectadores, o professor Rubens Freire, secretário executivo de Ciência e Tecnologia, destacou a importância da carreira do convidado e também o fato que rendeu a ele grande notoriedade em 2019: à frente do Inpe se tornou um grande porta-voz em defesa da ciência e contra o negacionismo, quando o Governo Federal tentou desqualificar os dados apresentados pelo órgão mostrando a situação grave do desmatamento no país. Galvão foi exonerado do Inpe, mas terminou 2019 apontado como um dos 10 cientistas de destaque no ano pela revista “Nature”.

Galvão teve como tema “o Brasil e o desenvolvimento sustentável no atual cenário de aquecimento global” e abriu sua fala mostrando a opinião alertando que mesmo no meio científico há quem resolva questionar o aquecimento global. Mostrou, então, os negacionistas, como Luiz Carlos Molion. “Eu coloco essa citação do Molion porque ela é extremamente preocupante. Ela diz que ‘as informações sobre mudanças climáticas não possuem base física sólida’”, alerta Galvão. “Como cientistas, quando vemos algumas acusações como essas, a primeira coisa é não nos irritarmos. É sabermos dar as respostas corretas”. Para ele é preciso tomar muito cuidado hoje em dia com essa pseudociência e o



Professor Carlos Magno Lima, do IFRN, é doutor em ciências climáticas

negacionismo científico, sugerindo um artigo do sueco Sven Hansson, publicado em 2017. “Ele mostra que o negacionismo científico que nós temos hoje em dia é diferente do obscurantismo do passado, baseado em posições religiosas fundamentalistas”, conta. “O que acontece hoje em dia é que esse negacionismo científico é uma pseudociência intencional, feita por grupos que exploram o que chamamos de falseabilidade da ciência para atacar resultados e modelos científicos que vão contra seus interesses econômicos, ideologias políticas e a situação confortável de grupos poderosos”.

Hansson fala do negacionismo com relação à teoria da relatividade, à teoria da evolução e às mudanças climáticas. Em seguida, recomendou o livro “Os Engenheiros do Caos”, de Giuliano Da Empoli, ao abordar o problema das redes sociais, que não permitem respostas

aprofundadas e podem se tornar novamente um problema quanto a fake news nas eleições deste ano.

Então, reuniu a opinião de diversos cientistas e revistas conceituadas no mundo para mostrar que a ameaça é real e deve ser levada muito a sério por governos e pela sociedade. E com gráficos que mostram que as mudanças climáticas são, sim, atestadas pela física. Galvão também mostrou as conclusões do último relatório do IPCC e seus alertas, tais como o de que limitar o aumento da temperatura de 1,5° C até 2050 é um objetivo quase inatingível e de que as emissões de gases causadores do aquecimento global continuam aumentando. E que apenas 24 países estão diminuindo suas emissões e todos os países deveriam criar planos de ação mais ambiciosos nesse sentido.

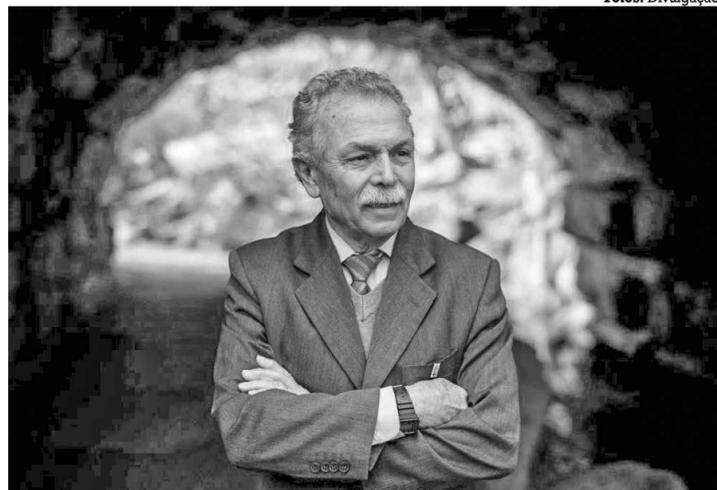
“É óbvio que o aquecimento global não vai ser revertido ou controlado se não

houver uma integração mundial muito bem feita nesse objetivo”, afirma. Ele também apontou que o custo estimado para fazer mudanças na agricultura para limitar emissões seria de US\$ 400 bilhões – o gasto militar no mundo em 2021 foi de US\$ 2 trilhões (62% disso pelos Estados Unidos).

“

É óbvio que o aquecimento global não vai ser revertido ou controlado se não houver uma integração mundial muito bem feita nesse objetivo

Ricardo Galvão



Ricardo Galvão, do Instituto de Física da USP e ex-diretor Inpe, fechou a série

Desmatamento da Amazônia

No Brasil, em particular, o desmatamento da Amazônia é um problema cada vez mais grave. O desmatamento anual atingiu seu mínimo em 2012 e veio crescendo desde então, com alta cada vez maior no governo Bolsonaro. “O governo criou agora uma câmara para qualificar os dados de desmatamento, excluindo o Inpe, o Ibama e o ICM-Bio”, diz Galvão. “Acho que fizeram essa câmara porque certamente estão esperando que esse desmatamen-

to seja maior e vão querer segurar os dados do Inpe para depois das eleições, provavelmente”.

Então o que fazer? Ações para forte redução do desmatamento das florestas, além de reflorestamento e exploração sustentável. Transição energética, reduzindo a utilização de combustíveis fósseis, em favor de fontes sustentáveis. Contínuo aperfeiçoamento da agricultura, em busca da total sustentabilidade. E engajamento da iniciativa privada e am-

pliação das ações articuladoras do Estado.

Os cientistas já apresentaram planos elaborados por cientistas para embasar os governos no objetivo de avanços na ciência no Brasil, em relação ao desenvolvimento sustentável da Amazônia e outros temas – ignorados. “Embora Dilma e Temer não tenham feito muito com relação ao desmatamento da Amazônia, eles não tiveram uma ação intencional de desmontar a política ambiental brasileira, como teve esse governo”, afirma.

Educação e a importância do meio ambiente

Uma semana antes, o professor Carlos Magno Lima, do IFRN e doutor em ciências climáticas, falou sobre a educação como meio de espalhar a consciência em torno das mudanças climáticas. Para ele, se a gente vai examinar porque a degradação do meio ambiente se tornou um problema tão sério, é porque não há uma educação voltada para sensibilizar a respeito desse assunto. “A gente percebe que nossa educação está sendo voltada para o consumo, para a com-

petição...”, diz. “Para reduzir esse processo, a gente precisa de uma educação para que as pessoas tomem decisões sustentáveis a nível micro e a nível macrosocial”.

Micro atitudes são o uso menor de carros (dando preferência a motos ou bicicletas), economia pessoal de luz e água, compartilhamento de materiais, plantio de árvores e até comer menos carne. “Mas o que vai mudar a história são as atitudes macro. E essas passam por decisões políticas”, lembra. “E aqui é

que entra o cidadão exercendo seu poder de voto escolhendo aquelas pessoas que têm inclinações para a pauta climática e ambiental”.

“A Unesco, que é o braço educativo da ONU esta dizendo que a educação é a chave para enfrentar as mudanças climáticas”, informa Lima. “Sem ela, a gente não vai para canto nenhum. Porque ela é focada no jovem e esse jovem tem que entender que vai lidar com os impactos do aquecimento global”.

O ciclo de lives sobre mu-

danças climáticas “A Consciência pelo Conhecimento” começou em março e foi o primeiro passo para um Fórum Paraibano de Mudanças Climáticas que deve ser realizado na segunda quinzena de julho. Num terceiro momento, este fórum vai contactar outros fóruns estaduais para realizar, em novembro, um Fórum Nordeste de Mudanças Climáticas, que deve terminar com um documento para ser entregue às autoridades do Consórcio Nordeste.

Serviço

Para assistir ao ciclo de lives:

■ Paulo Artaxo

Professor do Instituto de Física da USP e integrante do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), órgão da Organização das Nações Unidas (ONU)
<https://www.youtube.com/watch?v=IFOf7uFsmc>

■ Patrícia Pinho

Doutora em ecologia humana pela Universidade da Califórnia e diretora científica adjunta do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam)
<https://www.youtube.com/watch?v=Iqjzstjybhch>

■ Clayton Campagnolla

Consultor da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO)
<https://www.youtube.com/watch?v=qOeAW0uhuX0>

■ Jean Pierre Ometto

Pesquisador sênior do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe)
<https://www.youtube.com/watch?v=JvfXPO192hA>

■ Carlos Magno Lima

Professor do IFRN e doutor em ciências climáticas
<https://www.youtube.com/watch?v=hRONRlh5iv4>

■ Ricardo Galvão

Professor do Instituto de Física da USP e ex-diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
https://www.youtube.com/watch?v=IAQW_F9RGsU

 <p>TABELONATO DE NOTAS E PROTESTO DE TÍTULOS OFÍCIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS, TÍTULOS E DOCUMENTOS E CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS DE PEDRAS DE FOGO – ESTADO DA PARAÍBA FERNANDA BELOTTI ALICE – Oficial de Registro e Taboaria Rua Professora Janete Vicente da Silva, 531, Centro CEP 58328-000 – Centro – Pedras de Fogo – PB cartorio@pedrasdefogo@gmail.com – 83 98218-0817</p>
Comarca de Pedras de Fogo – Estado da Paraíba Ofício de Registro de Imóveis - Serventia Extrajudicial de Pedras de Fogo - CNS: 07.196-9 Rua Professora Janete Vicente da Silva, 531 - CEP 58328-000 – Centro – Pedras de Fogo – PB cartorio@pedrasdefogo@gmail.com – 83 98218-0817
EDITAL DE PEDIDO DE CANCELAMENTO DE LOTEAMENTO
FERNANDA BELOTTI ALICE, oficial de registro de imóveis de Pedras de Fogo, Estado da Paraíba, no uso de suas atribuições e nos termos do artigo 23, II da Lei 6766/79, faz saber a todos quantos este edital virem ou dele conhecimento tiverem que MARCELO BARROS RIBEIRO DA COSTA, brasileiro, solteiro, empresário, residente e domiciliado na Avenida Severino Massa Spinelli, 270, apartamento 1503, bairro de Tambaú, João Pessoa, Estado da Paraíba, portador da Cédula de Identidade nº 3.103.315 SSP/PE, inscrito no CPF sob nº 888.144.084-91, protocolou nesta Serventia em 14/06/2022, sob protocolo nº 5970 do Livro 1, na qualidade de proprietário e loteador, requerimento, com anuência da Prefeitura de Pedras de Fogo, para fins de Cancelamento de Registro de Loteamento denominado LOTEAMENTO GASPARIANO RIBEIRO DA COSTA FILHO II, registrado sob o R.1/1515 da matrícula 1515, Livro 2 de Registro Geral desta serventia, declarando que nenhum lote foi objeto de contrato. Assim sendo, ficam notificados terceiros eventualmente interessados, para apresentarem impugnação escrita perante a Serventia Extrajudicial de Pedras de Fogo, localizada na Rua Professora Janete da Silva, 531, Centro, Pedras de Fogo, Estado da Paraíba, com as razões de sua discordância no prazo de 30 (trinta) dias corridos, contados da data da última publicação. Findo esse prazo, com ou sem impugnação, o processo será remetido ao juiz competente para vistoria judicial destinada a comprovar a inexistência de adquirentes instalados na área loteada e homologação do pedido de cancelamento, ouvido o Ministério Público.
Pedras de Fogo, 14 de junho de 2022.
Fernanda Belotti Alice Oficial de Registro
FERNANDA BELOTTI ALICE:02978422939 422939
Assinado de forma digital por FERNANDA BELOTTI ALICE:02978422939 Dados: 2022.06.14 15:55:54 -03'00'

DEVASTAÇÃO

Mata Atlântica corre perigo na PB

Em um ano, segundo pesquisa, o desmatamento no estado comprometeu uma área de 19 campos de futebol

■ Bióloga alerta que qualquer perda de fração do bioma é inadmissível, pois pode causar impactos irreversíveis ao meio ambiente

■ As áreas de mata são estratégicas à preservação dos recursos hídricos, fertilidade do solo e para a biodiversidade

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Apesar de ser um bioma essencial no combate aos efeitos emergentes das mudanças climáticas, a Mata Atlântica está sendo cada vez mais devastada no Brasil. E a Paraíba não fica de fora dessa realidade. O Estado possui uma área de 54.571 hectares de remanescentes florestais do bioma e, desse total, 21 hectares foram desmatados somente no período entre 2020 e o ano passado.

Os dados são do Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica 2020-2021, estudo elaborado pela Fundação SOS Mata Atlântica, em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Para se ter ideia da dimensão do estrago, a perda de floresta na Paraíba representa 210 mil metros quadrados, ou mais de 19 campos de futebol.

O desmate ainda pode ser maior, uma vez que só foi possível monitorar 14% da área total do bioma, devido ao grande volume de nuvens que cobrem a superfície da região paraibana, e dificultam a verificação feita no monitoramento via satélite.

“De acordo com o Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica, do período de 2020-2021, Alagoas, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte apresentaram um desflorestamento menor que 50 hectares, o que é um índice pequeno quando comparado com os demais estados do Brasil. Contudo, qualquer perda de fração do bioma Mata Atlântica é inadmissível, por prejudicar a sustentabilidade ambiental do planeta e os seus impactos irreversíveis”, declarou a ecóloga e bióloga Anne Falcão de Freitas.

O Atlas faz um levantamento anual, e na Paraíba não se pode fazer uma comparação com a edição anterior da pesquisa (2019-2020) porque também não foi possível analisar o Estado, justamente por conta das nuvens que encobriram o céu paraibano na época. Mas no estudo de 2018-2019, o desmatamento no Estado foi maior do que o atual, chegando a 85 hectares.

Devido às dimensões das áreas analisadas pelo Atlas, a Paraíba está dentro de um patamar considerado pela SOS Mata Atlântica desmatamento zero. Isso não significa dizer que não existe perda de vegetação, mas tem relação com as regras de abordagem do monitoramento. O levantamento considera desmatamento zero quando o desmate corresponde a uma área de até um quilômetro quadrado, ou 100 hectares. Como a Paraíba apresenta desflorestamento abaixo de 100 hectares, é considerada de desmatamento zero.

No entanto, a diretora de Políticas Públicas da Fundação SOS Mata Atlântica, Malu Ribeiro, alerta que o desflorestamento na Paraíba não está sob controle e faz um alerta à sociedade civil. “O Ministério Público na Paraíba é um grande parceiro no acompanhamento dos danos ambientais. Temos ainda o compromisso do Governo do Estado, que deve ser cobrado pela sociedade, de buscar o desmatamento zero e a restauração da Mata Atlântica. A sociedade civil é extremamente importante nesse processo”, frisou Malu.

Saiba Mais

No Brasil, o Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica 2020-2021 registrou uma perda de 21.642 hectares do bioma, o equivalente a mais de 20 mil campos de futebol. A alta foi de 66% em relação ao período entre 2019-2020, com aumento do desmate observado em 15 dos 17 estados que concentram o bioma. Cinco estados acumularam 89% do desflorestamento verificado: Minas (9.209 hectares), Bahia (4 968 ha), Paraná (3.299 ha), Mato Grosso do Sul (1.008 ha) e Santa Catarina (750 ha).



Malu Ribeiro se preocupa com o desmate “formiguinha”



Anne Freitas: conservar biomas evita crises sanitárias

Atividade agropecuária e crescimento urbano agravam ações de desmate

■ Os danos repercutem na alteração do microclima, através do aumento da temperatura e diminuição da umidade

A diretora de Políticas Públicas da Fundação SOS Mata Atlântica, Malu Ribeiro, afirmou que alguns fatores contribuíram para o desmatamento de Mata Atlântica na Paraíba. Entre eles estão o crescimento urbano e a atividade agrícola.

“Os principais motivos do desmatamento na Paraíba são a expansão urbana na região de João Pessoa, onde percebemos um desmatamento correspondente a um assentamento irregular, que foi desocupado posteriormente. No entanto, ficou a área desmatada”, comentou.

De acordo com ela, no município de Itabaiana também foi registrada perda de mata numa região rural, voltada para pastagem e pequenas propriedades, portanto, tem a ver com a atividade agrícola. Na cidade paraibana de Salgado de São Félix, a área de desflorestamento foi ocupada pela agropecuária, com características de pastagens, com a presença de pequenas propriedades. “Ou seja, é o que a gente chama de desmatamento formiguinha, que vai acontecendo aos poucos, e quando percebemos nas imagens de satélites, já se tornou uma área importante de Mata Atlântica perdida”, declarou Malu.

Segundo ela, as áreas de mata são estratégicas para preservação dos recursos hídricos, para a fertilidade do solo e para a biodiversidade.

Prejuízos - A ecóloga e bióloga Anne Falcão de Freitas afirmou que o desmatamento da Mata Atlântica traz prejuízos inestimáveis ao ecossistema, como a perda de espécies, elevação dos números de animais em extinção, principalmente de espécies endêmicas; diminuição na biodiversidade, redução de habitat, alteração das características geográficas e biológicas, entre outros impactos ambientais.

Esses danos repercutem diretamente na alteração do microclima, especialmente com aumento da temperatura e diminuição da umidade, por falta de transpiração e sombreamento das espécies vegetais. A degradação do bioma ainda acelera e intensifica processo de erosão e desertificação do solo, já que as raízes das plantas não agregam as partículas de solo; provoca também enchentes e aumenta o risco de doenças no meio urbanos, só para citar algumas consequências.

Entenda Melhor

Perda de mata aumenta risco de doenças

A bióloga e ecóloga Anne Falcão de Freitas explicou que o desmatamento da Mata Atlântica aumenta o risco de doenças na sociedade, sobretudo as zoonóticas – enfermidades infecciosas que se manifestam no ser humano, tendo como vetor os animais. Algumas dessas moléstias têm potencial pandêmico.

“Devido à perda de habitat, os animais silvestres tendem a estar próximos do ser humano, disseminando patógenos bacterianos, virais, parasitários ou agentes não convencionais que podem se espalhar por entre os seres humanos por meio de contato direto ou através dos alimentos, água ou meio ambiente”, comentou Anne.

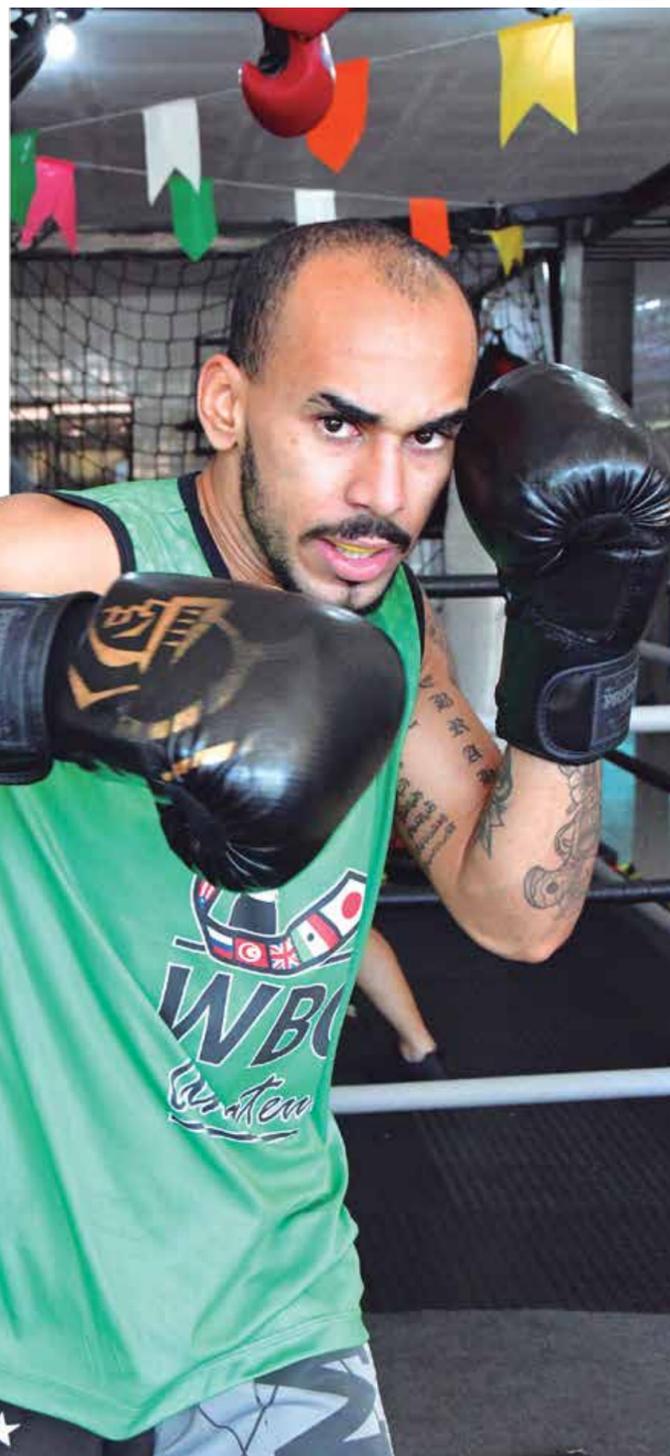
De acordo com ela, além do desmatamento favorecer o contato entre animal e o homem – situação que naturalmente não ocorreria –, o desmate ainda cria condições favoráveis para a transmissão de doenças, com destaque para os animais invertebrados, a exemplo dos mosquitos (transmitem dengue, zika, chikungunya, entre outras patologias).

Além do impacto negativo trazido à saúde da população, Anne destacou que diversos outros setores são afetados, como pode ser verificado na recente pandemia do Covid-19, que atingiu toda a cadeia produtiva. “Com isso, é de suma importância combater o desmatamento, ou seja, conservar o ecossistema e seus biomas, como a Mata Atlântica, para evitar novas crises sanitárias”.

Fotos: Edson Matos



■ No currículo de Muhammad Hamin, de 23 anos, são 59 lutas pelo boxe olímpico e seis pelo profissional, com vários títulos regionais



À esquerda, boxeadores em treinamento na Academia de Muhammad Hamim; à direita, o pugilista de maior expressão na Paraíba e que vai defender, em setembro próximo, o cinturão nacional

BOXE

Hamin segue os caminhos do pai

Filho de Mesquita é um dos maiores boxeadores do país e, em breve, irá defender o cinturão brasileiro

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Muhammad Hamin é a comprovação do ditado que diz que ‘filho de peixe, peixinho é’. O filho do campeão Muhammad Al Mesquita seguiu desde cedo os passos do pai e, aos 23 anos, é considerado um dos maiores boxeadores do país. No currículo são 59 lutas pelo boxe olímpico, mais seis já no boxe profissional. Uma carreira que contabiliza apenas uma derrota. O atleta, que reúne títulos de campeão paraibano, nortenordeste, interestadual e foi quatro vezes o melhor atleta de boxe da Paraíba, se prepara agora para defender o cinturão brasileiro da categoria até 55 quilos.

A disputa acontece em outubro aqui na capital e até lá o pugilista tem alguns desafios a serem enfrentados, um deles é uma cirurgia no ombro esquerdo, consequência de uma lesão ocorrida na última luta. Muhammad Hamin terá também que perder nove quilos para encarar o desafio. “Já estou me preparando. Tenho treinando duas horas por dia, de segunda a sábado. Vou parar para a cirurgia, mas a recuperação deve acontecer em um mês e meio”.

O rompimento de dois dos três ligamentos do ombro esquerdo aconteceu durante a luta pelo cinturão da categoria até 61 quilos. A disputa contra o carioca João Gabriel contou com 10 rounds e foi

“

Precisa ter boas notas, boa frequência e respeitar os professores, tanto da academia, quanto da escola. Estamos muito felizes porque, nas competições do Piauí e de Pernambuco, eles foram vitoriosos. Só perdemos uma das cinco lutas que disputamos em Recife, ainda assim, o resultado foi meio controverso

Muhammad Hamin

vencida por pontos. O detalhe é que ainda no quarto assalto o paraibano se machucou e lutou os últimos seis utilizando apenas uma das mãos. “Doeu muito, demais. Fiquei com o braço esquerdo só na guarda e mesmo lutando só com o direito ele não conseguiu sequer me tontear, pelo contrário ele que saiu bem machucado”, lembra. O embate parou o Coliseu Boxing Clube, em Guarulhos, São Paulo, que viu de perto a força e a resiliência do paraibano que sequer pensou na possibilidade de parar. “O ombro saiu do lugar e a gente colocou de volta dentro do ringue. Ali eu tava certo de que ia até o fim. Não sou criado pra desistir”.

As palavras firmes são chanceladas pelo pai e incentivador, Muhammad Al Mesquita, que destaca outras qualidades do único filho biológico. “Tem temperamento calmo, tranquilo e está preparado física, mental e intelectualmente”. Mesquita, que iniciou em 1986 o trabalho com boxe aqui na Paraíba, acredita que este será um ano importante para o esporte. “Tenho certeza que ele vai trazer o título do cinturão brasileiro até 55 quilos e outros mais”.

E se depender do esforço e dedicação de Muhammad Hamin, as vitórias continuarão sendo uma constante, consequência de um trabalho que tem como base o amor pelo boxe. “É a minha vida e o meu mundo”, afirmou o atleta que já começou a encaminhar

o filho de quatro anos no esporte. “Ebrahim já faz a posição, fica na guarda. Ele usa a mesma luva que eu usei quando tinha a idade dele e tenho certeza que o filho dele fará o mesmo”.

Trabalho social

Além de acumular vitórias, pai e filho acumulam solidariedade e amor pelo próximo. Os trabalhos sociais sempre fizeram parte das atividades da academia que, atualmente trabalha dois projetos, um com crianças em situação de vulnerabilidade social e outro com crianças atípicas. O ‘Renascer para o boxe’ trabalha com crianças e adolescentes dos bairros do Renascer e Jardim Gama. As aulas diárias acontecem no contraturno da escola e visam formar não só bons atletas, mas principalmente grandes seres humanos. “Primeiro a gente capta as crianças, bota pra treinar e quando começam a pegar gosto a gente apresenta as regras da equipe”, inicia Muhammad Hamin.

Para permanecer no projeto é preciso se esforçar e não só no ringue. “Precisa ter boas notas, boa frequência e respeitar os professores, tanto da academia, quanto da escola. Estamos muito felizes porque, nas competições do Piauí e de Pernambuco, eles foram vitoriosos. Só perdemos uma das cinco lutas que disputamos em Recife, ainda assim, o resultado foi meio controverso”.

Aulas para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Síndrome de Down também são ministradas na academia, localizada na Avenida Argemiro de Figueiredo no bairro do Bessa. “Temos um aluno com síndrome de Down que já deu até entrevista em rede nacional”. Além das aulas de boxe os alunos têm acompanhamento com nutricionista e fisioterapeuta, trabalho que tem ajudado a formar boxeadores do futuro. “Meu pai sempre fez esse tipo de trabalho. Teve época de ter mais de 100 crianças em projetos aqui da academia. A pandemia prejudicou um pouco, mas nós estamos conseguindo voltar gradativamente”.

Social

Crianças em situação de vulnerabilidade e atípicas dos bairros Renascer e Jardim Gama participam de atividades em aulas diárias



O Palmeiras segue conquistando o mercado e faturando alto devido a sua boa performance dentro de campo

CLUBES BRASILEIROS

Estudo mostra estagnação de receitas

Flamengo e Palmeiras seguem liderando as arrecadações, que chegaram a R\$ 6,6 bilhões no ano passado

Pedro Ramos
Agência Estado

Os clubes brasileiros apresentaram uma estagnação de receitas nos últimos três anos, segundo um estudo realizado pela consultoria Convocados, com base na pesquisa anual Sport Track e parceria da XP Investimentos. De acordo com a pesquisa, divulgada no último dia 14, durante um evento, em São Paulo, a receita total dos clubes da Série A do Campeonato Brasileiro em 2019 foi de R\$ 6,4 bilhões, tendo uma queda de 25% no ano seguinte, ficando em R\$ 4,8 bi, e melhorando apenas em 1% em 2021, totalizando R\$ 6,6 bi. Flamengo e Palmeiras lideram na arrecadação.

Segundo o relatório, os números, que foram bastante afetados por causa da pandemia da Covid-19, tendem a ser tímidos até

2024. A projeção de receitas pensando na criação da Liga e também na negociação pelos direitos de transmissão são fatores que podem influenciar no crescimento financeiro dos clubes após este período.

“As receitas de 2021 foram praticamente as mesmas de 2019, quando corrigidas pela inflação, o que mostra que o futebol, mesmo com injeção extraordinária de recursos com direitos de transmissão, estagnou. Claro, com bilheteria teria sido melhor, mas nada que justificasse celebrações. As dívidas seguem elevadas, os clubes continuam precisando de alongamentos e mais alongamentos para pagar o passado, e não deixam de fazer novas dívidas”, diz um trecho do estudo, que conta com mais de 150 páginas.

Ainda de acordo com o relatório, novos modelos de gestão, assim como a criação de uma Liga de

Clubes, são essenciais para a profissionalização do futebol brasileiro e, consequentemente, no aumento das receitas. “Estamos perdendo parte importante das nossas receitas com as mudanças no mercado de negociações de atletas. Não é mais uma questão de quando mudar. É uma questão de sobrevivência.”

Palmeiras e Flamengo, que nos últimos anos dividem o protagonismo do futebol brasileiro - incluindo uma final de Copa Libertadores -, não vivem situação diferente quando o assunto é dinheiro. Quase um terço das receitas está concentrada entre os dois clubes. Os paulistas arrecadaram R\$ 911 milhões no último ano, impulsionado pelas conquistas dentro de campo. Já o rubro-negro carioca, despontando com publicidade e marketing, chegou a R\$ 1 bilhão. A título de comparação, o Atlético

-MG, terceiro colocado na relação, aparece com quase R\$ 400 milhões a menos que o time alviverde.

“Palmeiras e Flamengo estão jogando outra liga em termos de receita. Eles podem bater num teto de receitas e aí tem que olhar para os outros clubes sabendo da importância da união dos clubes em uma liga”, analisa o CEO da Convocados, Rafael Plastina. “Isso ainda não é prejudicial. Mas por 10 anos seria Real Madrid e Barcelona, mas o futebol brasileiro oscila muito, dado seu componente político”, avalia o economista César Graffiatti.

Fontes de receita

Os direitos de transmissão continuam sendo a principal fonte de receita dos clubes, representando 53% do total, mas o estudo destaca que os dados de 2021 precisam ser

contextualizados já que alguns campeonatos realizados em 2020 só terminaram no ano seguinte, o que influenciou diretamente nos números.

As receitas com negociação de atletas são 18% do todo calculado e chamam atenção. Graffiatti alerta que a transferência de jogadores perde força como receita e já foi mais relevante no passado já que os clubes europeus alteraram parte do modelo de contratação de atletas, focando mais em jovens em formação e gastando menos em jogadores prontos.

A receita total envolvendo negociações de atletas caiu de 293 milhões de euros em 2019 para 183 milhões de euros, uma queda de 37,5%. O estudo aponta que a depreciação do Real frente ao Euro neste período diminuiu essa redução, de R\$ 1,48 bilhão para R\$ 1,15 bi.

FÓRMULA-1

Nona etapa do Mundial vai acontecer, hoje, no Canadá

Após dois anos de ausência por causa da pandemia de Covid-19, a F1 volta ao Canadá para a 9ª etapa da temporada 2022. A prova acontece neste domingo a partir das 15h. O circuito Gilles Villeneuve, em Montreal, foi palco da primeira vitória de Lewis Hamilton e onde Max Verstappen fará seu 150º GP. A liderança do Campeonato de Pilotos é de Max Verstappen com 150 pontos contra 129 de Sergio Pérez, o segundo colocado. O terceiro é Charles Leclerc com 116. Ele não completou a última corrida por problema no motor. O inglês Lewis Hamilton, heptacampeão, é apenas o sexto com 62 pontos e seu companheiro de equipe, George Russell é o quarto com 99 pontos. No de Construtores, a Red Bull tem 279 contra 199 da Ferrari e 161 da Mercedes.

A última corrida neste circuito teve uma curiosidade. Após cinco segundos de punição por direção considerada perigosa pela Federação Internacional do Automobilismo (FIA) e perder a vitória para o rival Lewis Hamilton, Sebastian Vettel protagonizou a cena mais inusitada de 2019 ao trocar, à re-

velia, as placas de primeiro e segundo colocados por considerar o resultado injusto. E basta apenas o atual campeão da F1 ir à pista

para atingir uma marca expressiva, a de 150 corridas disputadas na F1. Considerando que o holandês tem apenas 24 anos, a possi-

bilidade de ele superar o atual recorde de provas disputadas, de 350, que pertence a Kimi Raikkonen, é enorme.

Foto: Scuderia Ferrari



Na Ferrari, muitas comemorações por conseguir largar na frente, mas o desempenho nas corridas tem sido frustrante

Muro temido

O temido muro na saída da última curva, que costuma punir quem erra, ganhou esse nome porque os campeões Jacques Villeneuve (1997 e 1999), Michael Schumacher (1999), Damon Hill (1999), Jenson Button (2005) e Sebastian Vettel (2011) bateram ali.

Mais longo

Com quatro horas e quatro minutos de corrida, o GP do Canadá de 2011 é simplesmente o mais longo da história da F1. Num cenário de chuva e para, o vencedor Jenson Button fez nada menos que seis pit stops na corrida. E dificilmente o recorde de corrida mais longa será batido, já que hoje o limite de tempo de prova é de duas horas de carro na pista ou de três horas para todo o evento.

Circuito

O circuito Gilles Villeneuve fica localizado na Ilha de Notre Dame, uma ilha artificial construída para os Jogos Olímpicos de 1976. A Ilha foi criada usando 15 milhões de toneladas de terra e pedras extraídas da construção do metrô de Montreal.

COPA DE 2022

Catar é ainda um canteiro de obras

Faltando 23 semanas para o Mundial, ainda resta muito o que fazer na preparação do país para o evento

Agência Estado

A apenas 23 semanas do pontapé inicial da Copa do Mundo, marcado para 21 de novembro, ainda resta um bocado de obras a completar para que o Catar, enfim, esteja pronto para organizar o maior evento esportivo de sua história. Ainda proliferam operários e máquinas por todos os cantos da cidade.

Detalhe: muitas delas andam a passos lentos, como acontece com a reurbanização das imediações do Souq Waqif, um dos principais mercados do centro da cidade. O caminho do hotel nesta região até uma estação de metrô, que deveria levar apenas cinco minutos, sem sustos, ainda é um percurso repleto de buracos, entulho, barreiras de proteção, em que equipes trabalham em ritmo acelerado neste ponto, mesmo até tarde da madrugada. E esta situação se repete em vários outros pontos de Doha e seus arredores.

Apesar da visível correria para deixar tudo pronto até novembro, quando começará a Copa do Mundo, e as delegações dos países participantes e 1,6 milhão de turistas começarão a desembarcar em Doha, as autoridades catarianas evitam o alarmismo. “Estamos trabalhando duro e preparados para organizar uma Copa do Mundo inesquecível e receber, de braços abertos, milhares de visitantes”, diz Hassan Al-Thawadi, secretário-geral do Comitê Supremo para Entrega e Legado.

Não se trata de um relato exclusivamente do Catar no que diz respeito à organização de uma Copa. Na Rússia, em 2018, e no Brasil, quatro anos antes, em 2014, os empreiteiros do Mundial também atrasaram parte das obras combinadas. No Brasil, teve trem que ligaria o centro da cidade de São Paulo ao Aeroporto Internacional de Guarulhos que só ficou pronto anos depois de a Alemanha ter festejado o título diante da Argentina. Também na África do Sul, em 2010, as imediações do principal estádio daquele Copa permaneceram na terra batida. Ainda no Brasil, dos doze estádios que receberam jogos, apenas dois tiveram os prazos cumpridos, o Castelão, em Fortaleza, e Mineirão, em Belo Horizonte. O Estádio do Corinthians, em Itaquera, por exemplo, foi concluído em maio, um mês antes de a bola rolar.

Sustos

No mundo real, o fato é que os preparativos para organizar a primeira Copa em um país árabe formam um enredo recheado com surpresas - e sustos. Em dezembro de 2010, quando, surpreendentemente, o Catar venceu a concorrência dos Estados Unidos, Austrália, Japão e Coreia do Sul para organizar a disputa da Fifa, o plano era de que o Catar colocaria doze estádios à disposição do evento - três reformados, nove novos em folha -, além de um pacote de obras de infraestrutura orçado em US\$ 200 bilhões. Mas estes projetos ambiciosos começaram a balançar em maio de 2011, quando vazou um e-mail do então secretário-geral da Fifa, o suíço Jérôme Valcke, ao presidente da Concacaf, a federação continental que os países da América do Norte e Central e do Caribe: dizia que “o Catar havia comprado a Copa do Mundo de 2022.”

Foi o estopim para uma investigação que afastou os dois dirigentes, arruinou a carreira do então presidente da Fifa, o então suíço Joseph Blatter, e colocou na prisão catorze dirigentes de várias confederações, entre eles José Maria Marin, ex-presidente da CBF. Tudo isso, claro, causou contratemplos na organização.

Tragédia

Mais notícias ruins viriam, meses depois, em 2013, quando uma outra investigação feita pela Confederação Sindical Internacional - ITUC (na sigla em inglês) - denunciou as condições de trabalho de operários estrangeiros. Eram horrorosas. Começava pelas jornadas extenuantes, com duração entre 12 e 14 horas, mesmo sob temperaturas acima dos 45°C. Seguia com as condições insalubres dos aloja-

mentos, com até doze operários compartilhando cômodos imundos e mal ventilados. Mencionava desrespeito a direitos humanos básicos, como a retenção de passaportes e documentos, para impedir mudanças de emprego. Denunciava o pagamento da jornada de trabalho por valores irrisórios (cerca a R\$ 6 a hora), atrasos e até calote nos salários, por parte de empreiteiros. Apontava o dedo para a falta de segurança.

O resultado disso tudo? Uma carnificina nos canteiros de obras da Copa de 2022. Segundo reportagem publicada pelo Guardian, em fevereiro do ano passado, em uma década, teriam morrido 6.751 operários envolvidos nas obras. Segundo a Organização Internacional do Trabalho, uma agência da ONU que tem um escritório em Doha, só no ano passado, houve 38.000 acidentes de trabalho, 500 deles classificados como graves.

“Muitos destes homens eram, aparentemente, saudáveis, passaram nos testes para trabalhar no Catar e, no entanto, morreram jovens e seu atestado de óbito apenas indica causas naturais, parada cardíaca ou insuficiência respiratória”, disse May Romanos, pesquisadora da ONG Anistia Internacional, para região do Golfo Pérsico. Apesar disso, ela reconhece que hoje em dia a situação dos direitos trabalhistas é muito melhor do que era há doze anos.

Um dos principais avanços foi o fim da kafala (“patrocínio ou garantia” em árabe), um sistema de relações trabalhistas muito comum nos países da região do Golfo Pérsico, segundo o qual um estrangeiro não pode mudar de trabalho ou ir embora do país sem a permissão de seus empregadores. “A abolição da kafala, a instituição de um salário mínimo (equivalente a US\$ 275) e a introdução de normas de proteção de saúde mostram que o Catar está indo na direção certa: é preciso reconhecer que há um avanço de leis trabalhistas neste país”, disse Gianni Infantino, presidente da Fifa, durante seu discurso no Congresso da entidade, em Doha, no início de maio.

Encolheu

Outro contratempo enfrentado pelas autoridades do Catar foi enxugar os custos do evento, na marra. Já às voltas para bancar cerca de US\$ 500 milhões por semana em projetos para organizar o Mundial, em 2014, o comitê organizador decidiu reduzir o tamanho do evento e acomodá-lo em apenas oito arenas. Obras prioritárias, como o novo sistema de metrô, com três linhas, que interligará dez dos estádios e o aeroporto, foram concluídos e funcionam muito bem. Mas ficaram pelo caminho o arrojado trem de alta velocidade (350 km/h) que ligaria o país ao Bahrein e as ligações ferroviárias a 200 km/h com a Arábia Saudita.

É que em 2017, o governo do Catar sofreu boicote político e econômico por parte da Arábia Saudita, Bahrein, Emirados Árabes, e Egito - que o acusaram de apoiar o extremismo e fomentar laços com o Irã. Além de cancelamento de projetos, o conflito diplomático obrigou as autoridades catarianas a buscarem fornecedores alternativos fora dos países envolvidos na disputa em andamento.

Quando esta crise com os vizinhos ainda não havia sido solucionada, dias depois de Doha sediar o Campeonato Mundial de Clubes da Fifa, em 2019, em que o Liverpool, da Inglaterra, venceu o Flamengo na final, veio a pandemia da Covid-19, que causou um novo solavanco nos cronogramas das obras. Até hoje o Catar é um dos países com medidas mais rigorosas para prevenir o contágio. Nenhum estrangeiro entra no país sem fazer quarentena se não estiver vacinado e não exibir o resultado negativo de um teste do tipo PCR feito com até 48 horas antes de sua chegada. Ao chegar no país, é obrigatório instalar um aplicativo no telefone celular, o Ehteraz. Sem mostrá-lo não se entra em lojas, metrô ou ônibus. Com receio de uma nova explosão nos contágios bem no meio da Copa do Mundo e escaldadas por tantos sustos, as autoridades de Saúde do Catar preferem jogar de olho na segurança.



Foto: Reprodução/Twitter

No Ahmad bin Ali Stadium, em Al Rayyan, a Costa Rica venceu a Nova Zelândia e se garantiu na Copa



Foto: Divulgação/Catar

Com capacidade para 40 mil pessoas, o Education City está entre as principais universidades



Foto: Divulgação/Catar

Localizado na cidade de Al Khor, o Estádio Al Bayt sediará o jogo de abertura da Copa do Mundo 2022

BRASILEIRO DA SÉRIE C

Botafogo joga contra o Atlético-CE

Apesar do adversário estar na zona de rebaixamento, jogadores pregam respeito e não esperam facilidades

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Após a derrota para o Paysandu na última rodada, o Botafogo tenta hoje se manter entre os primeiros colocados da Série C, enfrentando o Atlético-CE, às 16h, no Estádio Almeidão, em João Pessoa e espera contar com o apoio de sua torcida. Esta será a primeira vez que as duas equipes se enfrentam. O Belo está na quarta colocação, com 17 pontos, e o time cearense é o penúltimo colocado, com apenas nove pontos conquistados, em 10 jogos. A partida terá um trio de arbitragem do Rio Grande do Norte. O juiz central será Zandick Gondim Alves Júnior, e os assistentes Vinícius Melo de Lima e Luís Carlos de França Costa.

Com uma sequência de dois jogos dentro de casa, o Botafogo quer somar seis pontos e assim se aproximar da classificação para a segunda fase da competição. O time é favorito na partida de hoje contra o Atlético, que vem fazendo uma péssima campanha, mas entre os jogadores e a comissão técnica a partida está sendo encarada com muita responsabilidade, independentemente da situação do adversário. O técnico Gerson Gusmão não espera um jogo fácil, porque, segundo ele, existe uma igualdade muito grande no nível técnico da Série C e o próprio Atlético já conseguiu tirar pontos de equipes que estão na parte de cima da tabela.

O treinador do Belo tem vários problemas para escalar a equipe. O goleiro Luís Carlos e o meia Eder-

son Rosas foram expulsos contra o Paysandu e terão de cumprir suspensão automática. Além deles, muitos jogadores estão entregues ao departamento médico e alguns já até fora da temporada, como é o caso do lateral esquerdo Lucas Gabriel. Outros também já estão vetados para a partida de hoje, como os laterais Sávio e Bruno Ré, Esquerdinha, Rafael Barros e Tin-

ga. Jonathan Costa, Kesley, Tinga e Ratinho também são dúvidas. O zagueiro William Alves e o atacante Schumacher, que foram contratados recentemente, também não deverão ser relacionados.

Atlético

O time cearense luta para sair da zona de rebaixamento e tem muitos problemas para o

jogo diante do Belo, por causa da confusão generalizada que houve no último jogo da equipe contra o Vitória da Bahia, na última rodada. Os jogadores se meteram em uma briga e três deles foram expulsos: o atacante Vanderlan, o meio campo Everton Potiguar e o meia Yan Costa. Eles vão cumprir suspensão automática.

O treinador do Atlético, Roberto Carlos, lamenta a ausência dos três atletas, mas ficou satisfeito com o empate em 1 a 1 contra o Vitória. Na luta para fugir do rebaixamento, ele entende que todo ponto na competição é para ser comemorado e veio a João Pessoa com o objetivo de conseguir, pelo menos, um empate e assim ficar mais perto de deixar a zona de classificação.

Foto: TVTorcedor



Diretoria e jogadores estão confiantes no apoio do torcedor neste jogo importante pelo Campeonato Brasileiro da Série C contra o Atlético-CE, no Almeidão

SÉRIE D

Sousa enfrenta o Icasa-CE, hoje, no Estádio Marizão

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

O Sousa tenta seguir com a boa sequência de resultados na disputa do Campeonato Brasileiro da Série D. Pela 10ª rodada da competição, o Dinossauro recebe, hoje, o Icasa-CE, a partir das 16h, no Estádio Marizão, em Sousa, de olho na ponta da tabela de classificação do grupo A3. Atual vice-líder do grupo, com 17 pontos, o clube vem de uma sequência de cinco vitórias e dois empates. A cinco rodadas do fim da primeira fase, o alviverde disputa a liderança com o Retrô-PE,

50

É o número de partidas que o volante Daniel Costa vai completar neste domingo, vestindo a camisa do Sousa. Este será o jogo 26 nesta temporada

líder isolado, com 20 pontos.

A partida de hoje será especial para o volante, Daniel Costa, que chega à sua partida de número 26, na temporada, somadas aos 24 jogos da temporada anterior, o atleta vai atingir a marca de 50 jogos com a camisa do Sousa. Nesse período, ele marcou seis gols, sendo o último na vitória, por 1 a 0, contra o Afogados da Ingazeira-PE, na rodada passada, e no confronto com o Icasa-CE quer ajudar o clube a conquistar mais três pontos na disputa da Série D.

"Sou feliz de poder chegar à marca de 50 jogos defendendo a

camisa do Sousa, é um clube que me identifico. Tenho construído uma trajetória bacana com essa camisa, conquistei o vice-campeonato estadual, fizemos uma boa campanha na edição desta temporada. Realizamos grandes disputas na Copa do Nordeste e na Copa do Brasil. A meta é colocar o clube na Série C. Espero comemorar essa marca com mais uma vitória para ajudar os meus companheiros na busca pelo acesso na Série C do Brasileirão", comentou.

Para o duelo com o Icasa-CE, o treinador Tardelly Abrantes não terá problemas e deve

repetir a escalação que vem garantindo os bons resultados, nas últimas rodadas, com Ricardo, Iranilson, Adriano Lucas, Marcelo Duarte e Vinicius Paiva; Doda, Daniel Costa, Juninho e Esquerdinha; Otacílio Marcos e Natalício.

O quarteto de arbitragem escalado para comandar o confronto entre paraibanos e cearenses, será comandada pelo paranaense Gustavo Nogas. Os paraibanos, Rafael Guedes de Lima e Paulo Ricardo Alves Farias serão os assistentes. Afro Rocha de Carvalho Filho, também da Paraíba, será o quarto árbitro.

BRASILEIRÃO

Sem vencer há quatro jogos, Atlético-MG terá pela frente o Flamengo, no Mineirão

Neste domingo começa a sequência de jogos entre Atlético Mineiro e Flamengo que, além do Brasileirão, vão duelar pela Copa do Brasil em vaga nas quartas de final. Este ano, as duas equipes já se enfrentaram pela Supercopa e o time mineiro levou a melhor nos pênaltis. O primeiro confronto será hoje pela Série A, no Mineirão, a partir das 16h e na próxima quarta-feira, no mesmo local, valendo pela outra competição. Se o Flamengo respirou um pouco após a vitória de 2 a 0 sobre o Cuiabá, o mesmo não se diz do Galo que, mesmo à frente do rubro-negro com três pontos a mais vem apresentando um futebol muito longe da brilhante campanha do ano passa-

do. A torcida do Atlético-MG está na bronca com o técnico argentino Antonio Mohamed, principalmente depois do empate sem gols contra o Ceará, no Castelão. A queda de produção da equipe vem sendo bastante questionada e já são quatro jogos consecutivos sem uma vitória. A última foi contra o Avaí, em casa, por 2 a 1, na oitava rodada. O campeão de 2021 vive uma fase de instabilidade e já se distancia dos líderes. Nos 12 jogos, somou 18 pontos, um aproveitamento de 50%.

No Flamengo não é diferente e a pressão segue, mesmo após os 2 a 0 sobre o Cuiabá. Subiu algumas posições na tabela, mas a diferença segue de três pontos para o G4, mas não está distante

da zona de rebaixamento. Bruno Henrique, com entorse no joelho, está fora da partida. O técnico Dorival Júnior acredita que a vitória trouxe um pouco mais de tranquilidade e espera mais evolução no jogo deste domingo.

O complemento da 13ª rodada tem outros jogos importantes como Corinthians x Goiás, às 16h, na Neo Química Arena; o clássico paranaense Coritiba x Athletico, no Couto Pereira, às 16h; e Internacional x Botafogo, no Beira Rio, às 18h. No mesmo horário vão jogar Fortaleza e América-MG, no Castelão; e Atlético-GO e Juventude, no Antônio Accioly. Às 19h tem Fluminense e Avaí, no Maracanã. Amanhã tem o clássico São Paulo x Palmeiras, no Morumbi, às 20h.

Foto: Pedro Souza/Atlético-MG



Hulk é a principal arma do Galo para vencer o Flamengo neste domingo

Foto: Arquivo Pessoal



Foto: Ortilo Antônio



Foto: Arquivo Pessoal



Para o colecionador Rômulo Carvalho, adquirir um carro antigo já pronto não tem a mesma emoção de “você pegá-lo velhinho e transformá-lo”

■ Sentimento por veículos, cujos modelos não são mais fabricados

Associados do Clube do Carro Antigo da PB

Fundado em 11 de dezembro de 2002, o Clube do Carro Antigo da Paraíba (CCAPB) possui mais de 160 associados, entre admiradores e colecionadores, que, juntos, somam mais de 350 carros de diferentes épocas, marcas e modelos. A informação é do presidente Sérgio Teixeira, que desde 2018 está à frente do clube.

Segundo ele, o CCAPB é composto por pessoas que têm em comum a paixão por carros antigos. “Não precisa possuir um veículo para se tornar um associado, basta gostar de antigomobilismo”, destaca Sérgio. Periodicamente, os clubistas se reúnem para encontros e exposições de automóveis antigos em várias regiões do estado e também do Brasil.

Entre os associados estão alguns colecionadores de veículos cujos modelos foram lançados na segunda metade do século passado, com destaque para as décadas de 1950 e 1960. Ele, que também se autodeclara um amante dos clássicos que marcaram a história automotiva no Brasil, relata que nutre um sentimento especial por um Opala, do ano de 1974, que herdou do pai. O carro, inclusive, chegou a receber um prêmio da Federação Brasileira de Veículos Antigos (FBVA), pelo grau de originalidade, que oscila em torno de 93%.

“Em 1974, meu pai comprou o carro e, seis meses depois, faleceu. Eu não quis me desfazer e tenho ele até hoje”, conta Sérgio, destacando que o veículo já possui placa preta – identificação para carros históricos, certificação conferida a colecionador.

Para se conseguir a placa preta, o antigomobilista ressalta que o veículo precisa ter, no mínimo, 30 anos de fabricação e 80% de originalidade, como a conservação da cor e das peças originais de fábrica, por exemplo, além de outros elementos que fazem parte dos critérios de avaliação no ato da vistoria, realizada por entidades autorizadas pelos órgãos de trânsito.

Além do Opala, o presidente do clube, que também é servidor do TRT-PB, possui outros modelos, entre eles um Gol 1997, conhecido como “Gol Bola”; um Fusca 1969, popularmente conhecido como “Zé do Caixaão” e um Voyage da década de 1985.

A sede do Clube do Carro Antigo da Paraíba será instalada, em breve, na Praça do Carro Antigo, no Bairro de Manaíra, na capital. As obras, realizadas pela Prefeitura de João Pessoa, devem ficar prontas este ano.

O local servirá como um ponto de apoio e de encontro dos admiradores de carros antigos e contará com uma área para a realização de exposições de veículos antigos na cidade pessoense, além de outros espaços destinados ao lazer.

Por ora, a sede provisória da entidade funciona na Avenida Coremas, 111, no Centro de João Pessoa. Mais informações podem ser obtidas por meio do número (83) 3513-7430.

Paixão sobre rodas

Mais do que um hobby, paraibanos aficionados por carros antigos preservam a memória automobilística do país

Ítalo Arruda
 Especial para A União

“

Eu sempre gostei de carros antigos, mas não tinha condições. Ficava apenas com as lembranças da caminhonete do meu avô

Rômulo Carvalho

Assim como o futebol, a paixão do brasileiro por automóveis é inegável e ultrapassa épocas, gerações e classes sociais. Entre os antigomobilistas – pessoas que nutrem um sentimento por veículos cujos modelos não são mais fabricados e comercializados nas concessionárias convencionais –, essa paixão é ainda mais intensa.

É o caso do paraibano Rômulo Carvalho, um aficionado por carros antigos que descobriu na restauração de modelos clássicos mais do que um hobby: “A oportunidade de preservar a memória automobilística do país”. Ele conta que despertou a paixão por esse tipo de carro desde criança, quando viu pela primeira vez um caminhão. À medida que Rômulo foi crescendo, esse sentimento também foi se expandindo.

“Eu sempre gostei de carros antigos, mas naquela época não tinha condições. Ficava apenas com as lembranças da caminhonete do meu avô. Então, no final dos anos de 1990, eu decidi que queria ter um carro antigo e completamente reformado por mim”, destaca o gestor de publicação do Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba – 13ª Região (TRT-13), ao revelar que prefere adquirir um modelo que precisa de passar por procedimentos de restauração a comprar um veículo antigo já revitalizado.

Em 2003, Rômulo adquiriu o primeiro carro “fora de linha”, um caminhão conhecido como “Boca de Sapo”, fabricado em 1951 pela Chevrolet. Àquela época, as condições do veículo não eram nenhum pouco atrativas para quem deseja um automóvel, tendo em vista as avarias, os danos e a situação de “abandono” que o caminhão possuía. No entanto, foi exatamente isso que chamou a atenção do antigomobilista.

“Adquirir um carro antigo já pronto não tem a mesma emoção de você

pegá-lo velhinho e transformá-lo. Quando você acompanha o dia a dia da reconstrução é muito mais prazeroso, e, assim, você acaba ressuscitando um veículo que estava morto e dando a ele uma nova história”, afirma Rômulo, lembrando que modificou toda a estrutura do “Boca de Sapo” que mantém “em perfeito estado” até hoje, tornando-o um dos poucos modelos em circulação na Paraíba.

Além do caminhão, o gestor de publicação do TRT-13 possui outros veículos antigos, como duas Caravan 1976, que serão transformadas, brevemente, em um carro funerário; duas motos Vespa Piaggio, modelo que viralizou entre as décadas de 1940 e 1980; e um Jeep Willys 1963, que, fora a parte das quatro portas de madeiras – intervenção pensada e realizada por Rômulo –, possui todos os componentes originais de fábrica.

“Foi um carro que ficou cerca de 10 anos parado. Durante esse período, eu fiz o trabalho de pesquisa, catalogando peças e instrumentos que precisavam ser comprados para deixá-lo o mais original possível. É um trabalho que, além da paixão, exige paciência”, acrescenta.

Para Rômulo, o carro antigo é uma forma de não só recordar o passado, mas também de possibilitar às pessoas que compartilham desse mesmo sentimento de saudosismo e admiração pelos automóveis clássicos



Foto: Arquivo Pessoal

O carro antigo é uma forma de dividir o sentimento saudosista



Foto: Ortilo Antônio

Em 2003, Rômulo adquiriu o primeiro carro “fora de linha”, um caminhão conhecido como “Boca de Sapo”



Foto: Ortilo Antônio

Sérgio Teixeira é o atual presidente do Clube do Carro Antigo da Paraíba

a oportunidade de “revisitar ou reviver uma lembrança do passado”, seja nas exposições e encontros dos quais participa junto com outros antigomobilistas, seja enquanto passeia com os veículos pelas ruas de João Pessoa.

“Já escutei dezenas de histórias de pessoas que veem o carro e dizem: ‘meu pai teve um carro desse’; ‘meu avô tinha um igualzinho’. Elas relatam histórias do passado, da família, fazem fotos, se emocionam. Isso me deixa muito feliz”, declara, entusiasmado.

Investimento

Para quem sonha ou deseja possuir carros que não são mais fabricados, é preciso planejamento e investimento. No caso do servidor do TRT-13, a pesquisa

sobre cada uma das máquinas guardadas em sua garagem personalizada – cujo cenário remete a um posto de combustíveis – antecedeu a compra. “É algo que leva tempo, porque você precisa pesquisar e se organizar financeiramente para isso, mas é um investimento que compensa. São despesas revertidas em prazer”, avalia.

Além disso, Rômulo também aconselha a participação em eventos que tratam dessa temática. “É muito importante, porque você acaba conhecendo outras pessoas que compartilham desse hobby e podem auxiliar com dicas e informações úteis”.

Zelo e cuidados

Manter um carro antigo é uma escolha que requer dedicação, zelo e alguns

cuidados específicos, ressalta Rômulo Carvalho. Ele explica que, assim como os seres humanos precisam se movimentar e praticar exercícios físicos para preservar a saúde e o bem-estar, os automotores, sobretudo, os mais antigos, também precisam “se deslocar”.

“Se não andar, a engrenagem fica comprometida, os freios colam, o carburador pode ficar ruim. São coisas que fazem parte da manutenção”, observa Rômulo, citando, ainda, que esses veículos “devem ser guardados, preferencialmente, em garagens subterrâneas, com proteção”, a fim de evitar o desgaste da pintura e outros elementos relacionados à conservação dos automóveis, além de vistorias mecânicas periódicas.

João de Lyra Tavares Jornalista que trabalhou pela abolição da escravatura e proclamação da República



Em 1886, por falta de dinheiro dos pais para sustentá-lo, João de Lyra Tavares abandona os estudos para ser guarda-livros e, depois, chefe de escritório das firmas comerciais em que trabalhava

Ilustração: Pôncio

Hilton Gonçalves
hiltongonvaresjunior@gmail.com

Ele foi notado pelo empolgante jornalista Cunha Pedrosa, que se vangloriava de ter criado, no segundo governo de Álvaro Machado (1904-1908), a melhor equipe jornalística da Paraíba. Gonzaga Rodrigues, em 'Uma Viagem no Tempo' (A União, 13 de julho de 2015), cita que, nessa turma, incluía-se João de Lyra Tavares, ao lado de outros ilustrados jornalistas, como Rodrigues de Carvalho, Boto de Menezes, Caldas Brandão, Leonardo Smith, Francisco Seráfico da Nóbrega e, entre outros, Otacílio de Albuquerque.

Para dedicar-se ao jornalismo, parcialmente deixou tudo para trás: o comércio, a contabilidade e a diretoria da Associação Comercial (de Recife, e depois a de João Pessoa). Para operar melhor neste novo ramo profissional, o professor e também literato Lyra Tavares fundou o jornal O Tempo, que teve duração efêmera. Seus críticos chamavam O Tempo de "o jornal governista".

Só ficou-se definitivamente na equipe de A União, depois que O Tempo deixou de circular. Antes, fez parte da redação política do PRC – Partido Republicano Conservador. Trabalhou, também, em A República, pois fazia questão de alardear a sua ideologia republicana e abolicionista, seus assuntos prediletos e de luta em qualquer órgão de imprensa que trabalhasse.

Ganhou a comenda de Patrono Nacional da Contabilidade e foi homenageado por ter se esforçado para criar o Dia do Contabilista, anualmente festejado a 25 de abril. Eleger-se senador pelo Rio Grande do Norte, de 1915 a 1930. Foi diretor da Escola Normal e professor de Corografia e História do Brasil.

Dirigiu o Anuário Almanaque da Paraíba e escreveu diversas obras didáticas. Bittencourt sempre lembrava que "ele tinha gosto especial. Para os estudos históricos, econômicos e políticos". Outra atividade que defendia, a contabilidade, era tratada como a luz de seus olhos, em qualquer conversa sobre assuntos econômicos.

Defendia a criação de uma classe de contadores no serviço público, com o intuito de dotar o serviço de contabilidade nesta área, com verdadeiros profissionais, divorciados do favoritismo político. Em 1914, a convite do ministro Rivadavia Correa, vai ao Rio de Janeiro e passa a integrar a comissão nacional responsável por estudar a reorganização da contabilidade do Tesouro Nacional.

Angélica Lúcio

Dicas para quem vai fazer o concurso da EPC

Recentemente, alguns colegas me procuraram para obter dicas de como estudar para concurso. A motivação é o certame da Empresa Paraíba de Comunicação (EPC), cujo edital foi anunciado pelo governador João Azevêdo e deve ser publicado em breve.

Comecei a estudar a sério para concursos em 2016. Levei em conta, principalmente, o cenário cada vez mais escasso de oportunidades para jornalistas nas redações. Desde 2018, sou jornalista concursada da Ebserh (Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares) e atuo hoje no Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW) em João Pessoa.

Para tentar uma vaga no setor público, comprei cursos on-line específicos para concursos da área de comunicação e outros com foco em conteúdo geral, como informática, raciocínio lógico e língua portuguesa. Fiz um período de aulas presenciais, mas não aprovei. Eu sempre achava que estaria melhor em casa, estudando sozinha. Mas gostei de participar de alguns simulados em que o professor resolvia dezenas de questões. Ajuda a destravar a mente e você também conhece alguns materiais.

Como eu não tinha muito tempo disponível, reservava pelo menos duas horas todos

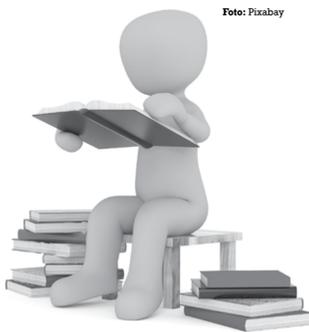


Foto: Pixabay

os dias para estudar. Se estava muito cansada, apenas tentava resolver questões de artigos concursos. Depois, observava quais os temas que não dominava e me dedicava um pouco mais a eles. Fiz um cronograma semanal e tentava segui-lo. Às vezes, me perdia. Isso ocorreu quando descobri um canal no YouTube com aulas superbacanas de ra-

ciocínio lógico. O professor era muito bom, e eu fiquei viciada. Tinha prazer mesmo em resolver as questões e em acompanhar as aulas gravadas.

No YouTube, aliás, dá para você encontrar muito conteúdo gratuito e de qualidade. Quando o edital da Ebserh foi publicado e eu já sabia bem no que deveria focar, encontrei muitas aulas interessantes nessa plataforma. E assistia ao conteúdo quando dava! Ligava o celular e saía varrendo, passando pano pelo chão da casa, lavando banheiros, tomando café e ouvindo todas as aulas. Teve até um dia que meu filho falou: "Mãe, muda de tema. Até eu já decoro essa história de Teoria Miasmática!". Coitado, ele acabava estudando comigo por tabela!

Além de tentar estudar todo o conteúdo programático (digo "tentar" porque geralmente o programa é muito extenso e nem sempre dá tempo de ver tudo), eu fazia fichamentos de livros e apostilas, respondia muitas provas e via vídeos sobre as bancas. Sim, isso é bem importante! Uma prova do Cebraspe é bem diferente do exame da AOPP por exemplo. E você precisa analisar isso.

Também é importante saber que estudar para concurso não se trata apenas de ler

conteúdo. Exige um pouco mais: fichamentos (como já citei antes), criação de mapas mentais, técnicas de gestão de tempo. Eu costumava usar o pomodoro: 20 minutos de esforço e 5 minutos de descanso; ou 40/10. Funcional!

A propósito: quer estudar para concurso mesmo? Esqueça séries ou filmes todo dia. Tudo isso toma preciosos minutinhos que você deveria dedicar ao conteúdo dos editais. Eu reservava apenas o sábado à noite para "maratonar" séries – até porque nunca consegui eliminar todos os prazeres e só me dedicar aos estudos. Mais: desative as notificações do celular e do computador. São ladrões de tempo!

E uma última dica: se você vai tentar algum concurso, não espere a publicação do edital. Vá comendo pelas beiradas: se baseie por algum edital antigo que você encontrar na internet e faça associações. Em geral, língua portuguesa, raciocínio lógico e matemática costumam cair em todos os certames, além de questões sobre estatuto da entidade, regulamento de pessoal... e conhecimentos específicos. Comigo deu certo! Fiz quatro concursos da Ebserh e em todos fui aprovada! Um em primeiro lugar e os outros na segunda colocação. Você é seu principal concorrente! Pense nisso e... Boa sorte!

angelicalucio@gmail.com

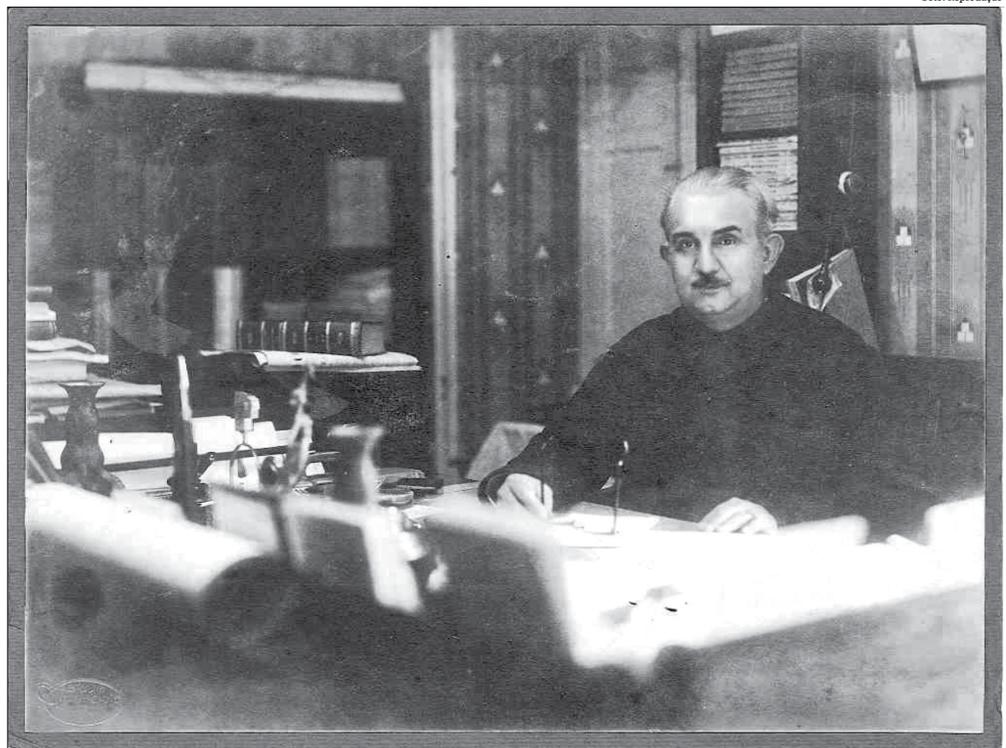


Foto: Reprodução

A contabilidade era tratada por João de Lyra Tavares como a luz de seus olhos, o tema sempre estava em qualquer conversa sobre assuntos econômicos

Trajetória política, literata e profissional

O jornalista, biógrafo, professor, escritor, economista e poeta João de Lyra Tavares, de acordo com a Wikipédia, nasceu em Goiana (PE), a 23 de novembro de 1871, e morreu no Rio de Janeiro, em 31 de dezembro de 1939. Aos 5 anos de idade mudou-se para o Rio Grande do Norte, onde fez os estudos primários e se matriculou, em 1882, no Ginásio Rio Grandense.

Em 1886, por falta de dinheiro dos pais para sustentá-lo, abandona os estudos para ser guarda-livros e, depois, chefe de escritório das firmas comerciais em que trabalhava – Lyra Tavares e Fabrício e Cia., na cidade de Macaíba (RN). Gostava de participar de movimentos literários e manifestações políticas. Posteriormente, nessa mesma cidade, assinou o Manifesto Abolicionista de Pedro Velho (RN).

Mais tarde tornou-se secretário do clube republicano da cidade e colaborador do jornal Coragem. Depois da proclamação da República, mudou-se para Natal, onde trabalhou na imprensa defendendo sempre a causa política. Gerou algumas inimidades na política. Principalmente da parte dos que, sarcasticamente, chamava, em seus artigos e discursos, de "republicanos de última hora".

Em 1895, passou a ser guarda-livros em Recife, onde chegou a sócio da firma H. Vergara, que tinha várias filiais na Paraíba. Como diretor da Associação Comercial de Pernambuco, teve que assumir a gerência de uma dessas filiais. Na Paraíba, entregou-se à política, onde foi deputado estadual por três mandatos. Também foi relator das despesas do estado.

A partir de 1908, abandona a profissão comer-

cial e passa a se dedicar à imprensa, fundando O Tempo, órgão da imprensa, que circulou sob a sua direção. Passou uns tempos na redação de A Imprensa. Fundou, em seu estado, uma Associação de Guarda-Livros e foi membro da Associação Comercial de Recife.

Atuou amplamente na política. Quando o jornal O Tempo desapareceu, entrou para a redação política do órgão do PRC. Foi catedrático de contabilidade do Liceu Paraibano. Foi economista e autor de obras didáticas e estudos de Geografia.

Publicou 'Ligeiras Notas', 'Traços Biográficos do Coronel Lordão', 'Apontamentos para a História Territorial da Paraíba' (dois volumes), 'A Paraíba' (dois volumes), 'Notas Históricas sobre Portugal', 'Estudos Sobre a Rebelião Praieira' e 'Pontos de História da Pátria'.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

A Bossa-Nova – Conclusão: intérpretes, compositores/letristas e afins – Parte 2

Ela nunca esteve no frontispício da galeria dos mais celebrados bossa-novistas, mas, nem por isso, sua circulação por esse cenário foi de menor importância.

Alaide Costa (Silveira Mondin Gomide – Méier/Rio, 1935) começou, a partir dos treze anos, cantando em programas radiofônicos infantis, quando chegou a vencer o concurso Melhor Cantora Juvenil, no programa radiofônico 'Sequência G3', de Paulo Graciano, na Rádio Tupi/Rio, o que a levou a intensificar sua presença no cenário musical carioca.

Em 1952, após presença marcante no programa 'Calouros em Desfile', da Rádio Clube do Brasil/Rio, comandado por Ari Barroso, profissionalizou-se em 1955, tornando-se crooner do Dancing Avenida, casa noturna famosa na época.

Em 1957, já vamos encontrá-la gravando o seu primeiro 78 rpm pela Mocambo (Rozenblit/Recife), com 'Tens que pagar' (parceria com Airton Amorim). Mas, o sucesso discográfico veio com o segundo 78 rpm, contendo o bolero 'Tarde demais' (Raul Sampaio-Hélio Costa), já na poderosa Odeon. Foi no estúdio desta que, ouvindo-a, João Gilberto procurou atraí-la para o estilo Bossa-Nova, apresentando-a a Aloysio de

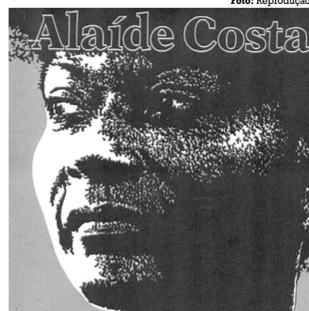


Foto: Reprodução

Oliveira, produtor e homem de influência na gravadora e no âmbito do incipiente movimento da Bossa-Nova. Após uma notada aparição no 1º Festival Samba Session, onde interpretou 'Chora tua tristeza' (Oscar Castro-Neves), consolida seu nome junto aos adeptos do gênero/estilo. O seu primeiro LP 'Gosto de você' é lançado em 1959 e, ao lado da segurança e suavidade de sua voz, afinação e estilo, do seu jeito cool

(calmo e de autocontrole) de dizer as letras que interpreta, e do extremo cuidado e bom gosto na escolha do repertório, continha, entre outros sucessos, a música título (dela mesma) e os hits da Bossa-Nova: 'Estrada Branca' (Tom- Vinícius), 'Lobo Bobo' (Carlos Lyra-Ronaldo Bôscoli) e 'Minha Saudade' (João Gilberto), um passaporte definitivo para o novo estilo/gênero musical.

O segundo álbum, 'Alaide canta suavemente', veio logo a seguir, em 1960, pela RCA, e Alaide, mesmo procurando diversificar o estilo, trazia uma plêiade de bossa-novistas e continha inúmeros sucessos, como 'Esquecendo Você' (Tom), 'Dindi' (Tom-Aloysio de Oliveira), 'Ciume' (Carlos Lyra), 'Jura de Pombo' (Ronaldo Bôscoli-Roberto Menescal), 'O Nosso Olhar' (Geraldo Serafim-Sérgio Ricardo)...

A consagração e a consolidação definitiva na MPB vêm, em 1962, com a participação dela em 'O Fino da Bossa', programa televisivo (1965-1967) da TV Record/SP, comandado por Elis Regina e Jair Rodrigues, suas últimas apresentações públicas antes de ser acometida por uma perda de audição o que, evidentemente, a afastou do show business, ao qual somente voltaria, após tratamento, em 1972. E voltou de forma brilhante, participando da gravação

do álbum 'Clube da Esquina', de Milton Nascimento e Lô Borges, em que interpreta com Milton a faixa 'Me deixa em paz' (Monsueto Menezes-Airton Amorim).

Ciosa de suas potencialidades, conquistadas após seis décadas de carreira, tendo estudado piano, com Moacir Santos; harmonica, com Tom Jobim; composição, com Johnny Alf e até poética, com Herminio Bello de Carvalho, Alaide, em 2015, já aos seus oitenta anos, faz um disco autoral, com parcerias famosas, como Paulinho Nogueira, Tom e Vinícius, Geraldo Vandré, entre outros: o álbum 'Final', em que predomina, sob sua influência, a temática da melancolia provocada por amores perdidos e desencontrados. Vale a pena conferir!

No cinema, ela foi premiada, como melhor atriz coadjuvante, no Festival de Gramado (2020), pela participação no elenco do filme 'Todos os mortos', de Caetano Gotardo e Marco Dutra.

Ao longo de sua carreira, Alaide Costa gravou, entre 1959 e 2020, cerca de 24 álbuns, legando-nos verdadeiros clássicos da nossa MPB, com foco direcionando à Bossa-Nova, o que – pode-se dizer – a fez "uma diva da canção", ao lado da "divina" Elizeth Cardoso.



Fotos: Arquivo pessoal

Walter Ulysses

Chef de cozinha
| Colaborador

São João do Carneirinho

Quem diria que o nordestino iria voltar a ver suas festas de volta!!! Mais uma vez na vida não poderia ficar sem o amado São João do Carneirinho.

Festa maior que o nordestino "sangue raiz" ama de verdade, com sua gastronomia variada de estado para estado, nomes que dão água na boca. Já se ouve o chiado do chinelo em cada lugar que toca o forró, seja em trios pequenos ou em grandes palcos, com bandas de grande porte.

Festa que o nordestino sonha em ter uma roupa bem feita, um sapato à altura do terno a vestir. Esperar a dama para dançar a quadrilha ou ao menos um forró apertado de se suar todo, pois quem gosta... Gosta com vontade. Difícil encontrar quem troque uma noite de São João por qualquer outra coisa.

Vamos matar a saudade de ter o cheiro da fogueira queimando, do milho assado, da comida encontrada nas maiores festas juninas de nossa região. Campina Grande, o Maior São João do Mundo; Bananeiras com seu frio gostoso que faz com que o forró seja mais apertado e hoje possa ter um tempo maior de festa. E até Santa Luzia, a cidade que ensinou o mundo a dançar forró, terá São João 2022 com muitas atrações.

Santa Luzia onde tem a Fazenda Barra, que sempre uma semana antes do São João realiza o famoso São João da Barra. Este ano comemoraria 24 anos de tradição, organizado pelo meu sogro, Beranger Araújo, mas preferimos não fazer.

Patos com seu calor gostoso que anima o terreiro do forró, ou mesmo o famoso coreto de Patos. Sousa, a terra dos dinossauros, com seu São João tradicional. Cajazeiras com seu famoso jeitinho de fazer festa... Eita que como canta em poesia o grande Flávio José. "Tum-tum-tum, bate coração...". É a saudade que ficou esperando dias melhores no fim do túnel e hoje poderemos viver este momento.

Quem nunca esperou a raspa do tacho de uma canjica, comeu aquele bolo de milho quentinho com café na hora que sai, pamonha de várias formas, salgadas, doces, e muitas outras comidas juninas, no sítio ou na cidade que antes você passava o São João.

Mas como tudo na vida, nós, nordestinos, temos nossa forma de ser diferente: faça seu São João em casa ou faça sua viagem para a cidade escolhida. Faça sua festa com muita segurança, aproveite para fazer as encomendas nos locais que estão fazendo comidas típicas, esse também é um momento especial. Viver com quem você ama é especial também. Veja as opções de pedidos nas redes sociais e faça valer seu São João.

Este ano, a música do saudoso Luiz Gonzaga será, com toda certeza, diferente, mas não vamos esquecer. "A fogueira tá queimando/ Em homenagem a São João/ O forró já começou/ Vamos gente, rapapé nesse salão...". Viva São João!

PITADAS A GOSTO

Os historiadores apontam que as origens da festa junina estão diretamente relacionadas a festividades pagãs realizadas na Europa na passagem da primavera para o verão, momento chamado de solstício de verão. Essas festas eram realizadas como forma de afastar os maus espíritos e qualquer praga que pudesse atingir a colheita. Para melhor entendermos isso, é preciso considerar que o solstício de verão no hemisfério norte acontece exatamente no mês de junho.

A festa junina é uma tradicional festividade popular que acontece durante o mês de junho. Essa comemoração é comum em todas as regiões do Brasil, especialmente no Nordeste, e foi trazida para o Brasil por influência dos portugueses no século 16. Inicialmente, a festa possuía uma conotação estritamente religiosa e era realizada em homenagem a santos, como São João e Santo Antônio.

QUENTINHAS

A Sonho Doce está recebendo encomendas de comidas típicas juninas e também de entrega de salgados bolos e tortas durante este período. Você pode fazer o pedido direto em seu Instagram @sonhodoce.

Você conhece bolo de aniversário tipo massa de rolo? Pois é, a Sublime Dolci é especialista em fazer sua vida ficar mais doce e deliciosa, porque são especialistas em bolo de rolo. Eles estão com o kit especial para o São João. Eu posso falar que é bom, pois eu provei. Dá uma conferida no seu perfil do Instagram @sublimedolci. Seu contato: 99801-6096.

O Calditos Food Truck vai estar na Serra, em Bananeiras (PB), e na melhor época do ano! No melhor São João de nossas vidas! Vem timbora que vai ser tudo de bom.

Gente, estaremos no período de 16 de junho a 2 de julho realizando os pedidos das encomendas do Calditos



Você que vai estar com sua família em Bananeiras nos condomínios e região, também poderá aproveitar durante o dia pra receber aquele Calditos da sua escolha. Manda sua mensagem pelo WhatsApp – (83) 99983-0687 – que te enviaremos o cardápio e fazemos o teu orçamento. Pedidos com 24hs de antecedência.

PRATO DO DIA

Canjica de milho da vovó

Ingredientes

- 10 espigas de milho
- 500 ml de leite de coco tirado de um coco ralado
- 2 xícaras de chá de açúcar
- 1 copo de leite
- 1 colher de sopa rasa de manteiga
- Sal a gosto
- Canela em pó a gosto para polvilhar

Modo de preparo:

■ Descasque os milhos e corte-os, separando os grãos das espigas. Passe o milho no liquidificador com o leite. Passe na peneira espremendo bem. Leve ao fogo numa panela, com o leite de coco, o açúcar, a manteiga e o sal, mexendo sempre. Deixe cozinhar até engrossar e soltar do fundo da panela, mexendo, por uns 40 minutos. Coloque numa travessa, polvilhe com canela e sirva.



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lymaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tevê e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

COMPREENSÃO

O que é pra mim... É pra você?

Versões e explicações estão presentes na vida humana, nos entendimentos amorosos, familiares, comerciais, sociais...

Beatriz de Alcântara
alcantarabtriz@gmail.com

Do latim *interpretatio*, a palavra interpretação pode significar algumas coisas como: explicação, versão, entendimento ou “sentido em que se toma o que se ouve ou que se lê, e que se julga ser o verdadeiro”, de acordo com a definição posta no ‘Dicionário Priberam da Língua Portuguesa’. Seguindo o que diz o ‘Priberam’, a interpretação se põe presente em todos os aspectos da vida humana, desde a escrita e leitura até nas relações, sejam elas amorosas, familiares, comerciais, sociais, entre outras.

A forma como alguém entende e interpreta algo está diretamente relacionado a fatores como: experiências e vivências pessoais, bagagem de referências e repertórios – sejam eles culturais, sociais, econômicos etc.; bem como à educação, considerando também os níveis de alfabetização (ou analfabetismo/analfabetismo funcional).

Dentro desse universo ligado à compreensão das coisas, existem, pelo menos, três camadas fundamentais para a questão da interpretação considerando o básico das frases individuais, de acordo com José Neves de Lacerda em sua dissertação de Mestrado em Ciências da Computação. Esses três pontos são: análise sintática, análise semântica e análise pragmática.

A primeira se configura como a transformação de uma sequência de palavras em uma estrutura que mostra o relacionamento dessas palavras entre si. Nesse aspecto, é possível que haja “ruído de comunicação” quando “as palavras violarem as regras da linguagem que regem a combinação de palavras”, explicou.

Para a segunda análise, que consiste na determinação de significados para as estruturas criadas na primeira etapa, o ruído pode ocorrer quando não é possível ser feito o mapeamento entre as estruturas e os significados já conhecidos delas.

Por fim, a análise pragmática é considerada uma reinterpretação dessa estrutura que foi dita a fim de compreender o que realmente se quis dizer. Em sua tese, Lacerda exemplifica que na frase “você sabe que horas são?”, em uma análise apenas considerando sintaxe-semântica, a resposta poderia ser “sim, eu sei” ou “não, não sei”. Contudo, dentro da análise pragmática, a pessoa que vai responder deve já compreender que quem pergunta deseja saber que horas são de fato e essa informação deve ser dada em resposta.

Esse terceiro ponto visa, principalmente, a noção de que existe um contexto aplicado à pergunta. O pressuposto do contexto é,

Foto: Arquivo Pessoal



(...) Talvez a gente tenha outras impressões quando consideramos certas situações. Eu acho muito difícil você tentar interpretar qualquer coisa sem levar em consideração o espaço e o contexto

Denilson Matos

para o professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Denilson Matos, fundamental. “A própria noção do termo interpretação sugere uma discussão de horas. Estamos falando de um sentido imediato, aquele que em tese todo mundo concorda e está de acordo; um outro onde a gente imprime a nossa opinião e ela é nossa; e mais um onde a gente deduz, você pode pensar uma coisa e eu interpretar outra”, observa Matos.

O professor afirma que, para a Linguística, dentro da “linguística textual”, os conceitos de escrita, leitura e interpretação são “independentes, interdependentes e de alguma maneira estão interligados”. A leitura depende de uma decodificação de um código e a escrita é o domínio desse código. A interpretação seria, portanto, aquilo que une os dois conceitos. O código seria a língua e ele tenta representar o mundo, mas a percepção do mundo depende de quem a faz. “Então, o código de imediato tem uma resposta um pouco mais rasa, no sentido que um mais um é igual a dois, mas talvez a gente tenha outras impressões quando consideramos certas situações. Eu acho muito difícil você tentar interpretar qualquer coisa sem levar em consideração o espaço e o contexto”, pontua Denilson.

O que está por trás da interpretação

Diogo Didier é professor, formado em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE), e reforça que a premissa básica da interpretação é o entendimento – que é individual de cada um a partir de suas próprias vivências. “É aquilo que você está tendo contato, o que você absorveu dessa leitura e conseguiu de alguma maneira definir dentro da tua linguagem, dos teus campos de comunicação e absorção de conhecimento, do seu repertório pessoal de vida e tudo mais”, define ele.

Mas Didier enfatiza que existe uma definição mais técnica do que é interpretação, que geralmente é cobrada nas provas de concursos e processos seletivos. “[Nessas provas] vem a palavra interpretação, mas na prática vem uma cobrança de uma outra forma. O candidato é cobrado para fazer uma interpretação de textos para responder questões, porém, quando você vai ver as respostas dos gabaritos, não é o que você entendeu do texto que está lá no A, B, C, D ou E, mas sim o que está no texto. Se eu estou pegando uma resposta do texto e gabaritando não é mais interpretação, a gente chama de intelecção”, ressalta.

Quando trata-se de interpretação, esse “background” do leitor é importante. Na comparação com o termo intelecção, que também está relacionado a entendimento e compreensão, o que difere os dois é a possibilidade das entrelinhas, do subliminar e subjetivo que a interpretação traz, da linguagem não-verbal, por exemplo. Segundo Didier, a imaginação é um ingrediente que se faz presente no interpretar.

Para ele, a interpretação requer que “o leitor encontre os meandros, leia a coisa que está subliminar, faça outras conexões em referências e consiga fazer tudo isso dentro do repertório dele, das bagagens do mundo que ele tem e tudo mais”. Isso deixa a discussão textual mais ampla e aguça a imaginação e a criatividade. “Deixa que a mente flua e a leitura e o texto reinem em absoluto”, enfatiza Diogo.

É justamente nesse ponto de colocar dentro da leitura e do entendimento outras leituras e referências que muitas pessoas se perdem no texto. De acordo com dados da Pesquisa

Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad C), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019, 20% dos 50 milhões de brasileiros entre 14 e 29 anos de idade não finalizaram alguma etapa do ensino fundamental ou médio. Considerando a importância da alfabetização no processo interpretativo, a relação entre a falta de capacidade de leitura e interpretação e o chamado analfabetismo funcional é diretamente proporcional.

Segundo Didier, “se não tiver o mínimo de conhecimento textual, para além da interpretação e da escrita, por exemplo, e dos elementos que compõem essa leitura e escrita, fica muito complicado que o leitor consiga interpretar o que está subliminar dentro de uma discussão”, diz o professor.

Ele relembra que é necessário ter uma bagagem social, cultural, cognitiva, linguística para interpretar um texto, uma imagem ou qualquer outra coisa. Quando não há, “a interpretação não acontece ou acontece de forma errada. Essa dubiedade pode levar o aluno a ter outras compreensões, nem sempre verdadeiras e verdadeiras sobre o texto ou até deturpá-lo e, se essa coisa se estender a longo prazo, pode ser até mais grave. A gente vê hoje no Brasil pessoas que não leem ou leem muito pouco, que são analfabetos funcionais, e quando se deparam com textos ligados a questões sociais, não param para analisar a fundo o que está ali ou não conseguem enxergar a profundidade das publicações e acabam se alienando em discursos vazios e sem sentido”, observa Diogo.

O exemplo pode se estender no cenário visto nas eleições de 2016 nos Estados Unidos e também nas eleições presidenciais do Brasil de 2018, quando o volume das chamadas *fake news* foi desproporcional – e fundamental para as eleições dos respectivos presidentes Trump e Jair Bolsonaro. “Se a pessoa não sabe as composições da interpretação textual e todos os elementos que há nela, não vai entender textos, não vai entender retórica, não vai entender absolutamente nada e apenas vai ficar condicionado ao que está nas primeiras linhas, ou pior, em terços que são criados para inverdades”,

declara Didier.

O professor compara a linguagem utilizada para a criação das *fake news* aos ultra processados. “Estamos acostumados a ter coisas mastigadas e polêmicas na internet. Se não for palatável dessa forma, eu não absorvo. É uma linguagem ultra processada. Eles ultra processam a linguagem ao ponto de ser uma porcaria, mas que é consumível pra quem não tem o conhecimento alfabetizado sobre a comunicação e a interpretação”, elucida.

Para Diogo, a relação entre a interpretação e a Língua Portuguesa, e mais precisamente a comunicação, é íntima e profunda e está associada também à questão existencial da humanidade. “Antes mesmo da escrita, existiam os ruídos, os rabiscos, as escrituras rupestres, por exemplo. O que é a pintura rupestre? Não é só o registro da realidade de um povo, mas também a forma como esse povo interpretava aquela realidade que vivia. O homem precisa interpretar, ele é construído por narrativas. É a narração da vida, das histórias e das realidades que constroem a humanidade, que constroem esse ser que a gente conhece hoje e que evoluiu ao longo de tantas eras”, finaliza o professor.

Foto: Arquivo Pessoal



Se não tiver o mínimo de conhecimento textual, para além da interpretação e da escrita, por exemplo, e dos elementos que compõem essa leitura e escrita, fica muito complicado para que o leitor consiga interpretar o que está subliminar dentro de uma discussão

Diogo Didier



Imagem: Pixabay

Imagem: Pixabay

PENSAMENTO CRÍTICO

Interpretação, sociedade e cidadania

Compreender as coisas vai além de somente ler e escrever e é, também, a capacidade de interação com os direitos, deveres e as leis

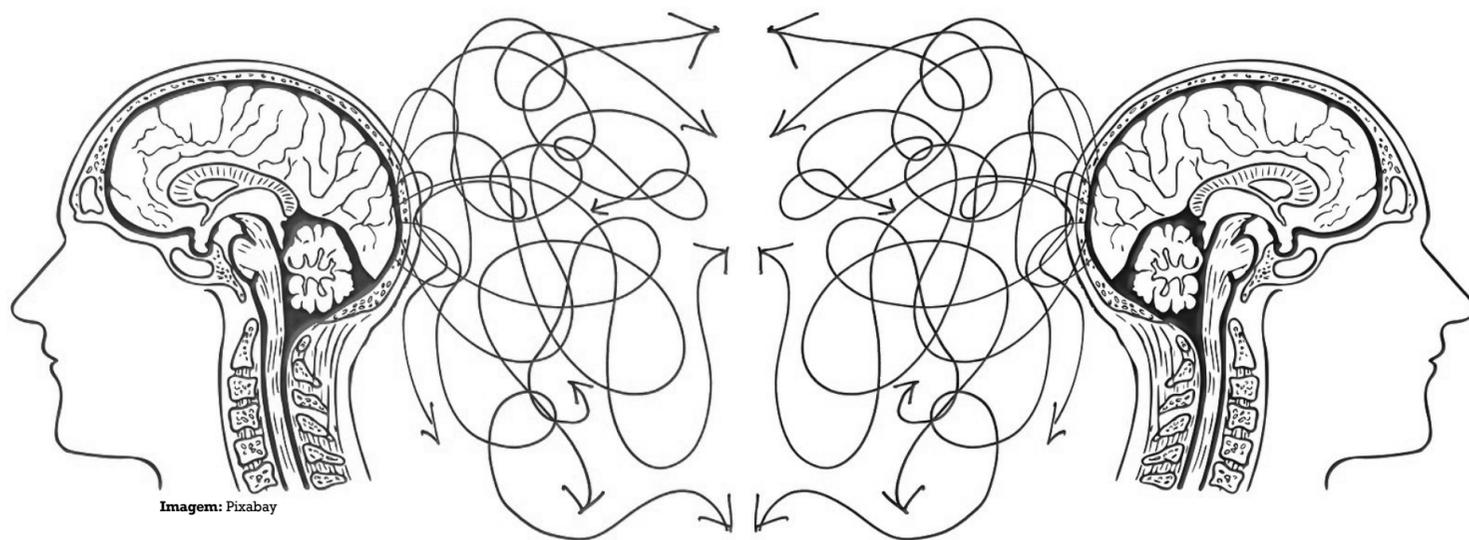


Imagem: Pixabay

Beatriz de Alcântara
alcantarabtriz@gmail.com

A preocupação com a capacidade de interpretar as coisas vai além de somente ler e escrever, mas se aplica no exercício da cidadania de maneira geral, pois esta depende da capacidade dos cidadãos de interagir com os direitos, deveres, as leis etc. Ou seja, a dificuldade de comunicação deixa a vida em sociedade quase que incapacitada. O pensamento crítico, a interpretação de falas e sentidos, a capacidade de aplicar o repertório no entendimento, tudo isso são coisas que fortalecem a democracia – ao passo que também a enfraquecem quando não estão sendo exercidos e fomentados.

O professor Denílson Matos, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), acredita que só é possível analisar e definir conceitos dentro de uma sociedade em relação à interpretação a partir da democracia, pois as impressões de mundo devem passar por essa percepção. “Quanto mais você domina um código, quanto mais capacidade você tiver de entender um código, saber como ele funciona, como ele se articula, como ele se combina, automaticamente você vai sendo o indivíduo mais letrado, mais capacitado [e mais crítico]”, pontua.

O conceito de democracia deriva do grego de povo (*demos*) e poder (*kratos*), o que pode ser dito, basicamente, como poder nas mãos do povo. Em geral, essa é uma prática política que depende, de certa forma, dos cidadãos para exercer poder e decisões político-sociais. Dessa maneira, para o entendimento de representantes, ideais, planos governamentais e depois coisas que estão implicadas nessas decisões políticas, a população precisa estar apta para ler, ouvir e interpretar o real sentido do que está sendo consumido.

Do mesmo modo que essa necessidade de compreensão das coisas se aplica aos demais setores dentro de uma sociedade, como nas relações interpessoais, profissionais, de trânsito, sociais, econômicas, de poder, entre outras. Tudo, de certa maneira, está interligado e toda a dimensão de sociedade, cidadania, cotidiano, perpassa pelo conceito de interpretação – que pode ser caracterizada pela relação de percepção de uma mensagem a ser transmitida entre duas ou mais pessoas ou grupos.

Um exemplo de como a interpretação está implicada em todos os âmbitos da vida é em relação ao trânsito, as leis de trânsito e a comunicação não-verbal que o ato de dirigir também pede domínio. Rodrigo Vargas, psicólogo e agente educador de trânsito, reconhece que mesmo a interpretação do que é certo ou errado não sendo, exatamente, o maior problema do motorista brasileiro, mas sim a cultura da impunidade e do “jeitinho brasileiro”, ainda é necessário que haja a habilidade de compreensão e interpretação nas pessoas.

Para o educador, o trânsito está associado de maneira direta à interpretação. “Seja à interpretação dos riscos, seja do Código de Trânsito e suas alterações, seja ainda das intenções e movimentações de pedestres e demais usuários da via e até mesmo do ambiente, visto que mudanças climáticas podem representar riscos nos deslocamentos viários”, aponta Vargas. A dinâmica que envolve o ir e vir das pessoas, as sinalizações e as regras que estão relacionadas à mobilidade urbana visam o entendimento e a capacidade de compreensão por parte de todos os envolvidos, desde os motoristas aos pedestres.

No caso das sinalizações, por exemplo, elas já são desenvolvidas para serem claras e de fácil entendimento, mas é necessário que haja o aprendizado e aquela educação responsável por garantir que o motorista tenha a capacidade de entender a placa, o semáforo, as marcas viárias, entre outros signos vinculados ao trânsito. Além disso, os órgãos competentes também são responsáveis por não deixar margem de dúvidas para os motoristas, motociclistas ou pedestres. “Ainda ocorre muito em diversas cidades do país a implantação de sinalização sem a observância de fatores técnicos, de forma contraditória ou mesmo errônea, induzindo os condutores ao erro”, lembra Rodrigo.

E mesmo acreditando que o maior problema do motorista no Brasil, de maneira geral, seja a interpretação, Rodrigo pontua que este é um dos principais fatores de risco no trânsito. Na maioria das vezes nem tanto relacionado à legislação ou a sinalização propriamente dita, mas sim na interpretação e leitura “dos comportamentos de riscos provenientes do trânsito”, destaca o psicólogo e agente educador de trânsito.

Relações de interesses: comerciais e sociais

Foto: Arquivo Pessoal



O indivíduo só pode interpretar adequadamente aquilo que ele compreende. Assim sendo, um cuidado essencial é, primeiro, o de se buscar conhecer e compreender os conceitos e definições que estão por trás dos dados

Márcia Paixão

Foto: Arquivo Pessoal



[O trânsito está associado] à interpretação dos riscos, seja do Código de Trânsito e suas alterações, seja ainda das intenções e movimentações de pedestres e demais usuários da via e até mesmo do ambiente

Rodrigo Vargas

As ciências, de maneira geral, são chamadas para descrever e explicar fenômenos ou fatos para que ofereçam previsões, recomendações, soluções etc. Na primeira parte, ou seja, na descrição surgem os elementos envolvidos e as relações de interesse. A segunda parte, da explicação, geralmente envolve a interpretação, pois são atribuídos significados ao objeto estudado. Do mesmo modo acontece com a Economia, por exemplo.

A economista Márcia Paixão, professora do Departamento de Economia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), explica que a interpretação requer do especialista “tanto a compreensão objetiva do conteúdo informacional disponível e considerado, quanto uma postura crítica para relacioná-lo com outros conhecimentos”, destaca. Ou seja, todo o processo de interpretação de um fato ou fenômeno pede uma análise crítica e objetiva derivada de conhecimentos anteriores para que, a partir disso, surja um novo conhecimento com uma nova utilidade.

Márcia ainda lembra que a compreensão, em relação aos dados econômicos, ainda antecede a interpretação de fato. “O indivíduo só pode interpretar adequadamente aquilo que ele compreende. Assim sendo, um cuidado essencial é, primeiro, o de se buscar conhecer e compreender os conceitos e definições que estão por trás dos dados econômicos de interesse. Dicionários técnicos, glossários e notas metodológicas de fontes oficiais (Bacen, IBGE, Ipea etc.), por exemplo, são fontes importantes de descrições de variáveis e dados econômicos”, explica a economista.

A professora reitera que o impacto e o esforço do ato de interpretar se justifica através do objetivo principal de toda área científica: “O de ser útil fornecendo previsões e recomendações. A recomendação de um certo comportamento (ao consumidor, produtor, governo) deriva do uso da explicação e da previsão que, por sua vez, dependem da interpretação”, observa Paixão.

Mesmo se constituindo de um conceito único, a interpretação pode se aplicar de diversas maneiras e, nas relações econômicas, nas transações comerciais, nas pesquisas e demais “ferramentas” existentes dentro da Economia, isso não é diferente. Por conta disso, a economista Márcia Paixão enfatiza a importância de se avaliar e identificar qual a natureza interpretativa está sendo aplicada e/ou solicitada nessas relações, “tendo-se por referência estudos empíricos, previsões teóricas e fatos históricos”. Quanto às pesquisas econômicas, os fatos ou fenômenos estudados “devem ser interpretados à luz dessas mesmas referências (estudos empíricos, teóricos, históricos)”.

“Pode-se afirmar que a própria dinâmica econômica de uma sociedade é marcada pela forma como ela interpreta as informações disponíveis”, afirma Márcia. Afinal, pensando nas relações entre consumidores e empresas, ou empresas e governo, ou consumidores e governo, por exemplo, a informação é o principal elemento a nortear as escolhas, decisões e preferências dos envolvidos. Faz parte do processo.

Na verdade, ao se pensar em sociedade como um todo, a informação (correta e bem apurada) é sempre o fio condutor das decisões e preferências ou, pelo menos, deveria ser. E essa informação vai ser interpretada e compreendida de duas maneiras: da forma objetiva, ou seja, considerando a realidade da forma que ela é; mas também de forma subjetiva, considerando as emoções, sentimentos e experiências dos indivíduos. Sem dissociar uma coisa da outra, caberá ao cidadão ter o senso crítico necessário para separar o joio do trigo, por isso que a educação é tão importante para esse aspecto.

Serviço

Filmes e séries para aguçar o cérebro, o poder de interpretação e o senso crítico

- ‘Sociedade dos Poetas Mortos’ – disponível no Star+;
- ‘Fratura’ – disponível na Netflix;
- ‘Amnesia’ – disponível na Netflix e no Prime Video;
- ‘Entre Facas e Segredos’ – disponível no Prime Video;
- ‘Ponto de Vista’ – disponível no Paramount+;
- ‘Severance’ (‘Ruptura’, no Brasil) – disponível na AppleTV+;
- ‘Safe’ – disponível na Netflix;
- ‘The Stranger’ – disponível na Netflix;
- ‘Black Mirror’ – disponível na Netflix;
- ‘Dark’ – disponível na Netflix.

MATERIALIZAÇÃO DA LINGUAGEM

Ler, escrever, falar e ouvir: interpretar

Compreensão se dá a partir de uma série de elementos que envolvem o projeto comunicativo, o contexto da situação e a visão de mundo

Ítalo Arruda
 Especial para A União

Ler, escrever, falar, ouvir são algumas práticas que corroboram a materialização da linguagem e as possibilidades de interpretação que se têm com elas em várias esferas discursivas. A compreensão de um texto ou de uma mensagem emitida por outrem se dá a partir de uma série de elementos que envolvem, além do projeto comunicativo do autor, o interlocutor, o contexto da situação na qual ocorre tal interação, a visão de mundo sobre os fatos, entre outros.

De acordo com Pedro Farias Francelino, professor associado do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e docente do Programa de Pós-graduação em Linguística da mesma instituição, esses fatores contribuem para o processo de construção de sentido de um ato comunicativo, que, por sua vez, pode estar explícito ou implícito, “a depender das intenções do seu autor”. O especialista afirma, ainda, que no texto não existe um sentido acabado, já pronto, mas construído na interação entre dois ou mais sujeitos.

“É preciso atentar para os elementos constitutivos do texto que estão a serviço do projeto comunicativo do autor. É necessário conhecer minimamente a estrutura e a função de um determinado gênero textual (verbal ou não) para compreender o texto de forma adequada”, reforça Pedro Francelino, destacando a autoria (a pessoa que fala); o contexto de produção e circulação (o espaço social e o momento histórico em que o texto é escrito e veiculado); e a interlocução (a quem o autor se dirige) como elementos imprescindíveis à interpretação.

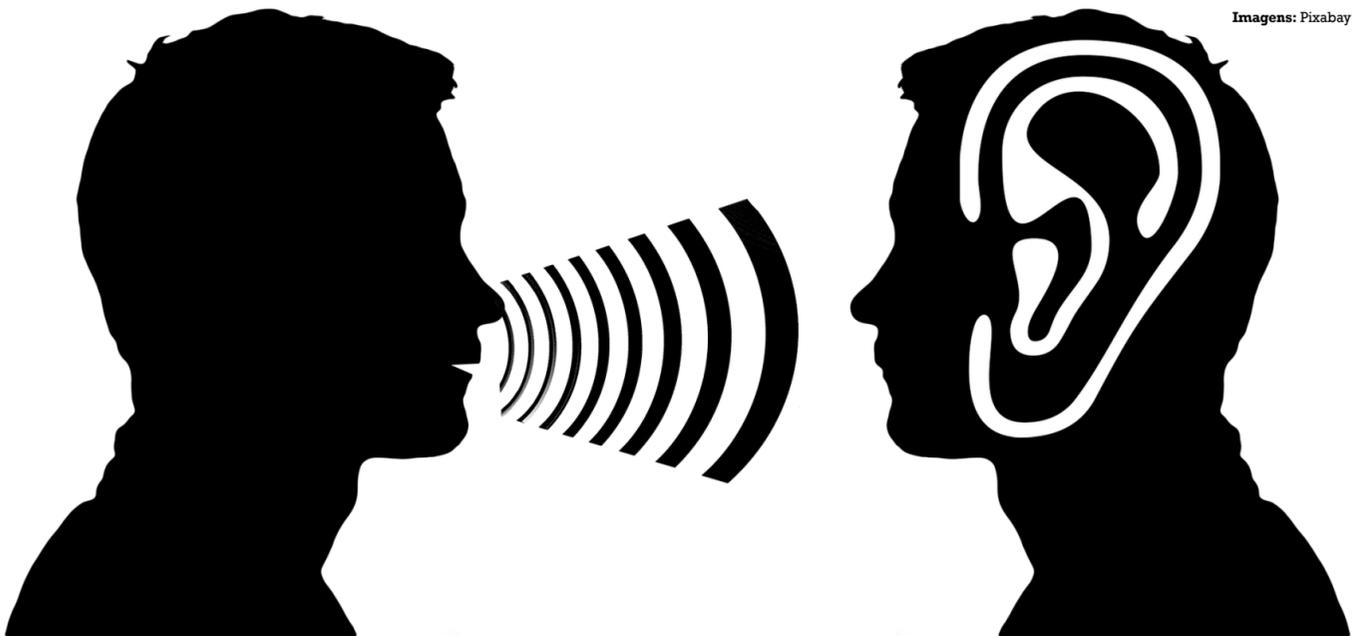
Além disso, o conhecimento prévio sobre o tipo e o gênero textuais também orientam o modo como determinado conteúdo será interpretado pelo leitor, acrescenta o professor, ao tomar como exemplos, no campo da comunicação jornalística, uma notícia e um editorial de jornal. Apesar de pertencerem à mesma esfera de comunicação, Francelino ressalta que tratam-se de gêneros textuais com propostas comunicativas distintas, que tanto mobilizam estratégias linguísticas e discursivas diferentes quanto apresentam organização estilístico-composicional que lhes são próprias.

“Isso influi no modo como esses textos serão lidos e compreendidos pelo leitor. No editorial, há explicitamente a exposição do ponto de vista do veículo de comunicação que o produz, e esse dado deve ser do conhecimento do leitor na hora de ler e interpretar esse texto. Esse princípio é válido para todo e qualquer gênero de texto”, observa o pós-doutor em Linguística.

O mesmo se aplica a determinadas áreas, como a comercial, a publicitária, a administrativa, a jurídica e legislativa, entre outras que fazem parte da vida social, uma vez que a comunicação é um fenômeno que possui esferas discursivas específicas, cujas expressões e formas de manifestação variam de acordo com o contexto no qual ela acontece.

Nesse sentido, há a adoção de um vocabulário que é próprio daquela esfera e que, conforme reitera Francelino, somente a vivência nesses contextos comunicativos possibilita o exercício natural e o conhecimento pleno dos usos da língua nesses espaços de interação social.

“Uma sentença judicial, por exemplo, é um gênero de texto específico da esfera jurídica e ela atende perfeitamente às necessidades comunicativas daquela atividade, que é o Direito. A sentença tem um propósito comunicativo definido; tem uma estrutura composicional (o relatório, o fundamento e o dispositivo); e tem um estilo (as formas linguísticas utilizadas)”, exemplifica o especialista, reforçando que o uso especializado e hermético da linguagem técnica nesses setores pode, em alguns casos, dificultar a compreensão da mensagem e o seu principal objetivo: a comunicação.



Imagens: Pixabay

Foto: Arquivo Pessoal



“

Não há neutralidade, pois todos nós estamos sempre fazendo escolhas, tomando posições, e a língua reflete e refrata esses posicionamentos, uma vez que o signo linguístico é sempre ideológico, ou seja, ele registra os índices valorativos de nossa inserção e atuação em sociedade

Pedro Francelino

Estrangeirismo e o referencial ideológico na comunicação

A utilização de expressões estrangeiras em propagandas, anúncios na internet, placas de estabelecimentos comerciais, e também no cotidiano, entre as pessoas, como *job, crush, deadline, mailing, coffee break, happy hour, fast-food* e vários outros, estão cada vez mais comuns. Alguns estudos acadêmicos da área da linguística comprovam que esses termos são resultantes da influência que diferentes culturas e línguas exercem umas sobre as outras.

Entre os linguistas, há o consenso de que os estrangeirismos não podem comprometer o processo de compreensão e de interação sócioverbal, observa Pedro Francelino. No entanto, a presença de elementos le-

xicais de uma língua em outra “é perfeitamente natural”. De acordo com o pensamento do professor que desenvolve pesquisas no campo da linguagem, a aproximação entre os povos – provocada pelo processo de globalização, acaba refletindo na língua e no modo como ela se manifesta.

“Evidentemente, o leitor que não tenha experiência com determinados campos de comunicação discursiva, como o da informática, por exemplo, possivelmente, pode ter alguma dificuldade para compreender algum aspecto, mas isso é algo superável com o uso de estratégias de leitura, como inferência e antecipação, e conhecimento daquele contexto”, analisa Pedro Fran-

celino.

A interpretação de um ato comunicativo é, de acordo com o pensamento do professor, um processo singular, individual e subjetivo “para o qual concorrem inúmeros fatores”, cujos princípios implicam sempre a adoção de um referencial ideológico, do qual o sujeito leitor não se dissocia, por mais que ele busque a imparcialidade.

“Não há neutralidade, pois todos nós estamos sempre fazendo escolhas, tomando posições, e a língua reflete e refrata esses posicionamentos, uma vez que o signo linguístico é sempre ideológico, ou seja, ele registra os índices valorativos de nossa inserção e atuação em sociedade”.



Serviço



Para uma boa interpretação

- ler o texto com bastante atenção;
- identificar o objetivo do texto;
- conhecer o significado de palavras desconhecidas;
- destacar as ideias mais importantes;
- analisar a linguagem do texto (incluindo a não verbal, como imagens, gráficos e outros recursos visuais);
- parafrasear o texto.

O que levar em consideração

- a esfera discursiva em que ocorre o ato de interação (jurídica, religiosa, política, entre outras) e o contexto sócio-histórico da produção;
- o gênero textual (é preciso conhecer o propósito comunicativo e a formatação de cada um);
- o autor e suas intenções;
- para quem o texto é produzido;
- os canais nos quais é circulado.

INTERPRETAÇÃO

Comunicação midiática, arte e cultura

Produtos midiáticos auxiliam a compreensão da linguagem utilizada e a decodificação dos sentidos que circulam na vida social

Ítalo Arruda

Especial para A União

O contato diverso e contrastado com diferentes produtos midiáticos, como obras cinematográficas, literárias, jornalísticas, artísticas e similares, auxiliam não só a compreensão da linguagem utilizada nesses produtos, mas também a decodificação dos sentidos que circulam, para além dessas peças, na cidade, no mundo e na vida social.

Quem pensa assim é Luiz Antonio Mousinho, professor do Curso de Cinema e Audiovisual do Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Segundo ele, filmes, discos, livros, matérias de jornais (escritas ou audiovisuais) são textos que compõem peças discursivas, com o objetivo de gerar sentidos, e, por isso, deve-se “tirar proveito máximo” dessas possibilidades de significação.

“Seja na produção de outros textos, seja no consumo ou na fruição dos vários textos com os quais tomamos contato diariamente, reagindo de maneira ativa. Afinal, o espectador e o leitor são ativos na recepção, reconfiguram as mensagens que recebem, cruzando com sua experiência de leitor, de espectador, de vida”, destaca Mousinho, ao ressaltar que as expressões artísticas também valem para “provocar nossa capacidade de imaginar, criar e sonhar” e “fazer a vida avançar”.

De acordo com o analista e crítico audiovisual, tanto no campo da informação quanto no campo das expressões artísticas é fundamental “aguçar o olhar” para a mensagem recebida, a fim de não se deixar enganar, já que a comunicação midiática pode, além de contribuir para a formação das pessoas, influenciar o consumo de serviços e produtos e, principalmente, o modo como elas interagem, pensam, se relacionam e se posicionam na sociedade.

“A comunicação do dia a dia é fortemente mediatizada, transitar pelas florestas de signos que também transitam por essa comunicação traz grandes possibilidades para a vida e para a existência, além de grandes enganos. Separar o joio do trigo, o fato do *fake*, a informação vigorosa do lixo colorido, é algo que pode ser aprendido”, pontua Luiz Mousinho.

A análise e a interpretação andam juntas

Embora a interpretação e a análise das obras artístico-midiáticas andem juntas, elas se constituem de aspectos que lhes são próprios. Mousinho afirma que “dá para pensar a análise como uma coisa interna, imanente, um enfrentamento do texto em seus elementos constituintes, em sua organização interna, nas suas possibilidades técnico-estéticas”.

Ele reforça que a decupagem (divisão por partes) de um filme, um romance e, inclusive, de uma reportagem e outros formatos jornalísticos consiste em voltar o olhar para o que dá forma

a esses produtos. “No caso de narrativas, tempo, espaço, foco narrativo, personagem, *mise-en-scène* (no cinema, é o conjunto que compreende iluminação, figurinos, cenários e atuação) são questões que podem ser observadas, ressaltadas, destacadas do todo textual. Esse gesto de desmontar a máquina textual e fazer as partes ‘conversarem’ entre si é a análise”, explica.

Já a interpretação, que deve acompanhar o método analítico da linguagem e vice-versa, é a contextualização do texto (produto) analisado, a conversa estabelecida com outras pe-

ças discursivas de campos distintos. O professor cita como referência a corrente teórica do pensador russo e analista do discurso Mikhail Bakhtin, que, por sua vez, afirma que um gesto de comunicação dialoga com outros gestos comunicacionais.

Na prática, segundo explicação de Mousinho, “tudo está em diálogo com tudo”. Ou seja, não há um ato comunicativo isolado, e as produções midiáticas estão em contato com outras materialidades. Assim como a análise e a interpretação também não se dissociam. “Os filmes con-

versam com o jornalismo, com a ficção literária, com as conversas e situações do dia a dia”, diz o professor, salientando que a contextualização, nesse caso, é a relação entre as várias possibilidades de contextos, inclusive, o social.

Nesse sentido, os elementos do discurso primário (as conversas, os acontecimentos e os fatos do cotidiano) transpõem para o discurso secundário (as reelaborações midiáticas daquelas ações), sob o uso de elementos expressivos e constitutivos de cada tipo de mídia, acrescenta Luiz Mousinho.

“Vejam a cena da reunião de condomínio no filme ‘O Som ao Redor’ (lançado em 2013), como tem muito a dizer sobre várias tensões do Brasil de uns sete anos para cá, sobretudo, mas não somente. Um dado da vida social é representado com o uso de recursos expressivos que nos ampliam o olhar sobre questões da nossa vida social”, exemplifica o professor. “Isto é o que o crítico literário Antônio Candido chama de levar o externo (o social) para o interno (o texto), marcando na própria estruturação a significação”, completa.

Relacionamento e desenvolvimento humano vão ficar fortalecidos?

A comunicação é indispensável para o desenvolvimento e fortalecimento das relações humanas. Uma mensagem mal compreendida pode ocasionar vários prejuízos que extrapolam o processo comunicacional e comprometem a saudabilidade dos relacionamentos afetivos, profissionais, sociais e interpessoais. Uma comunicação eficiente, através do diálogo e da expressão dos pensamentos e das emoções, é o pilar para a construção de uma relação saudável.

Este é o pensamento da psicóloga clínica Illova Anaya, membro da Comissão de Psicologia Hospitalar do Conselho Regional de Psicologia da Paraíba (CRP-PB). Ela afirma que a ausência de conversas e diálogos contribui, entre outras coisas, para o surgimento de equívocos e concepções distorcidas a respeito de determinadas circunstâncias que envolvem os atores da relação.

“Aquilo que não é dito de forma clara abre margem para as mais diversas interpretações e pensamentos. Uma comunicação eficiente torna-se imprescindível para dirimir dúvidas e possíveis mal entendidos”, frisa Illova, ao reconhecer que algumas pessoas ainda apresentam resistência para comunicar incômodos e abordar pontos críticos das relações que estabelecem com outros indivíduos.

Para ela, os motivos que

levam alguém a enxergar a conversa como um debate e não como algo saudável são vários, mas podem estar relacionados à infância, já que o ambiente onde a criança é criada e as vivências que ele proporciona influenciam os modelos e as referências para a vida relacional do futuro adulto. “Um indivíduo que cresce num ambiente onde o diálogo saudável dá lugar a brigas e discussões, por exemplo, provavelmente levará essa concepção enviesada do ‘conversa’ para suas relações na vida adulta”.

Illova também atribui a dificuldade de verbalizar o que se sente a fatores socioculturais, cujas características patriarcais e repressoras classificam, no campo das relações afetivas, a expressão das emoções, sejam boas ou ruins, sobretudo quando envolve o sujeito homem, como uma “boba-gem”. Além disso, a psicóloga ressalta que “a lógica conformista de que as coisas e as pessoas são como são e não vão mudar, são fatores que dificultam ainda mais a percepção da importância do diálogo”.

Vale salientar que um ato comunicativo se manifesta de várias formas, ultrapassando, com isso, a oralidade. O contexto tecnológico no qual a sociedade está inserida traz à tona as plataformas digitais como potenciais canais de comunicação. E, muitas vezes, os aplicativos

são utilizados para a exposição, discussão e resolução de conflitos relacionais. Segundo Illova Anaya, essa é uma situação que pode trazer benefícios e prejuízos.

“É importante observar qual o real objetivo do uso da ferramenta tecnológica. Pode haver situações em que a tecnologia seja uma aliada, no caso de pessoas que sentem dificuldade em dialogar [face a face], por exemplo. Nesse caso, a ferramenta pode ser positiva, pois auxilia a quebrar essa primeira barreira da resistência à conversa”, observa a psicóloga. Por outro lado, ela acrescenta que o uso desses dispositivos pode camuflar ou esconder alguns aspectos da comunicação que não se deseja transparecer, como, por exemplo, tom de voz, gestos, expressões faciais, e outros elementos que a constituem.

“Para uma comunicação simples e corriqueira, [os meios de comunicação tecnológicos] podem ser de grande valia. Contudo, não devem servir de mecanismos padrão para diálogos importantes, uma vez que podem não contemplar a amplitude que uma comunicação eficiente exige, abrindo, assim, margem para ruídos, interpretações equivocadas e mal entendidos que podem prejudicar a relação”, analisa a psicóloga e integrante da Comissão de Psicologia Hospitalar do CRP-PB, Illova Anaya.



Imagem: Pixabay



Foto: Arquivo Pessoal

“Aquilo que não é dito de forma clara abre margem para as mais diversas interpretações e pensamentos. Uma comunicação eficiente torna-se imprescindível para dirimir dúvidas e possíveis mal entendidos”

Illova Anaya



Foto: Arquivo Pessoal

O espectador e o leitor são ativos na recepção, reconfiguram as mensagens que recebem, cruzando com sua experiência de leitor, de espectador, de vida”

Luiz Mousinho